"memórias EM RUÍNAS."

PROPOSTA URBANÍSTICA INTEGRADA E SUSTENTÁVEL PARA A REQUALIFICAÇÃO DA ÁREA HISTÓRICA DO BAIRRO DE BEBEDOURO - MACEIÓ/AL.

LUCAS GALDINO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

LUCAS MARIANO SOUZA GALDINO

“MEMÓRIAS EM RUÍNA”:
PROPOSTA URBANÍSTICA INTEGRADA E SUSTENTÁVEL PARA A REQUALIFICAÇÃO DA ÁREA HISTÓRICA DO BAIRRO DE BEBEDOURO - MACEIÓ/AL.

MACEIÓ-AL
2024

LUCAS MARIANO SOUZA GALDINO

“MEMÓRIAS EM RUÍNA”:
PROPOSTA URBANÍSTICA INTEGRADA E SUSTENTÁVEL PARA A REQUALIFICAÇÃO DA ÁREA HISTÓRICA DO BAIRRO DE BEBEDOURO - MACEIÓ/AL.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Profª. Drª. Adriana Guimarães Duarte

MACEIÓ-AL
2024

.

Catalogação na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecária: Helena Cristina Pimentel do Vale CRB4 - 661

G149m Galdino, Lucas Mariano Souza.

"Memórias em ruína" : proposta urbanística integrada e sustentável para a requalificação da área histórica do bairro de Bebedouro – Maceió-AL / Lucas Mariano Souza Galdino. – Maceió, 2025.

112 f. : il. color.

Orientadora: Adriana Guimarães Duarte.

Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Alagoas, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Curso de Design. Maceió, 2024.

Bibliografia: f. 104-108.

1. Bebedouro (Maceió, AL). 2. Patrimônio cultural. 3. Desastre ambiental. 4. Memória. 5. Petroquímica Braskem (Indústria). I. Título.

CDU: 726.8(813.5)

FOLHA DE APROVAÇÃO

LUCAS MARIANO SOUZA GALDINO

"MEMÓRIAS EM RUÍNA":
PROPOSTA URBANÍSTICA INTEGRADA E SUSTENTÁVEL PARA A REQUALIFICAÇÃO DA ÁREA HISTÓRICA DO BAIRRO DE BEBEDOURO - MACEIÓ/AL.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Profa. Dra. Adriana Guimarães Duarte

Documento assinado digitalmente
gov.br
ADRIANA GUIMARAES DUARTE
Data: 05/12/2024 16:18:34-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Orientadora: Profa. Dra. Adriana Guimarães Duarte
(Universidade Federal de Alagoas)

BANCA EXAMINADORA:

Documento assinado digitalmente
gov.br
CAROLINE GONCALVES DOS SANTOS
Data: 06/12/2024 13:31:52-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Examinadora Interna: Profa. Dra. Caroline Gonçalves Santos
(Universidade Federal de Alagoas)

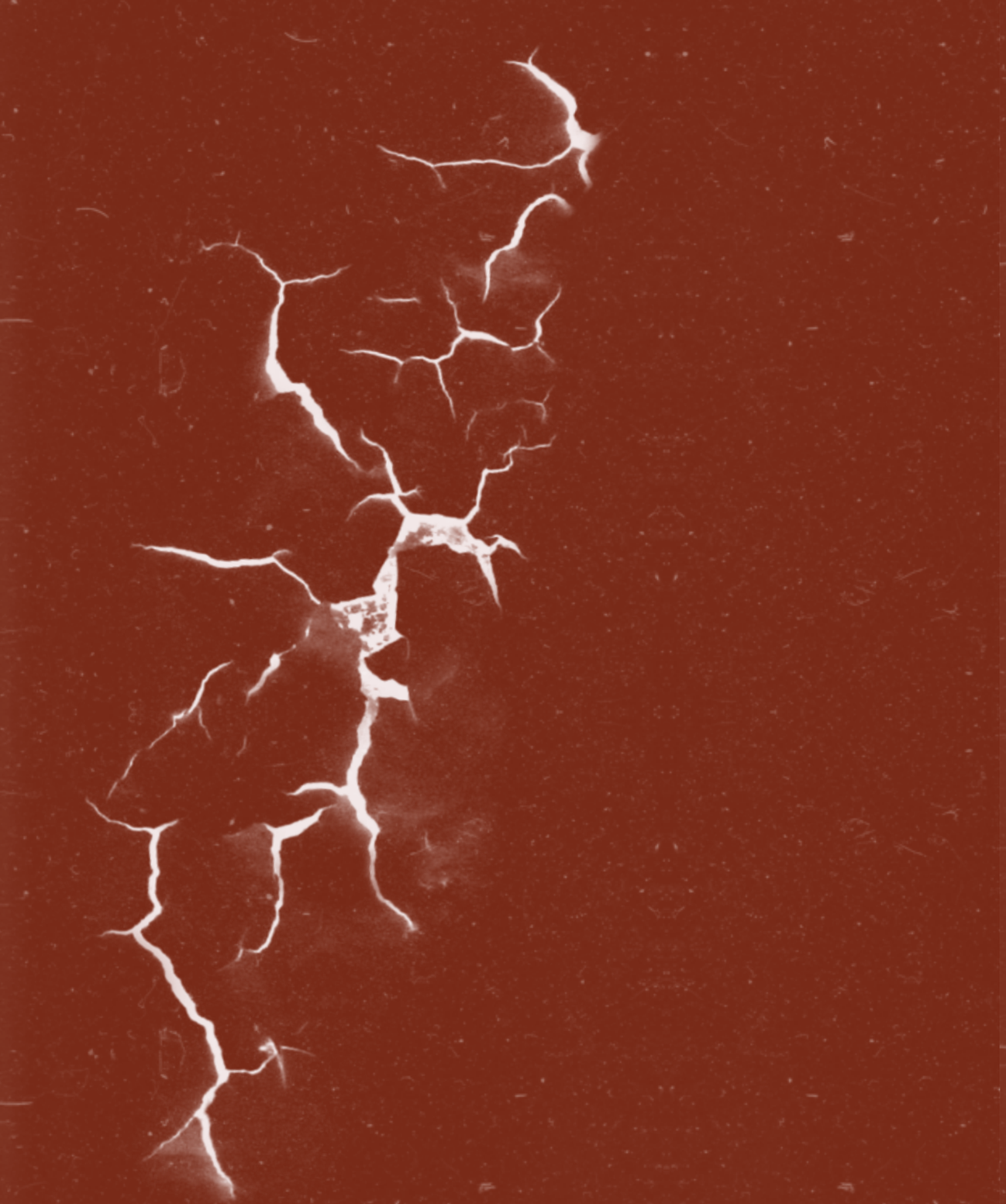
Documento assinado digitalmente
gov.br
JULIANA COELHO LOUREIRO
Data: 06/12/2024 13:48:25-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Examinadora Interna: Profa. Dra. Juliana Coelho Loureiro
(Universidade Federal de Alagoas)

Documento assinado digitalmente
gov.br
THALIANNE DE ANDRADE LEAL GUERREIRO
Data: 20/12/2024 16:33:45-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Examinadora Externa: M.Sc. Thalianne de Andrade Leal
(Arquiteta e Urbanista)

MACEIÓ-AL
2024



À minha família, que me ensinou o significado de casa muito antes da faculdade de arquitetura e urbanismo.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, grato a Deus por ter me mantido são ao longo desses 5 anos, sem dúvidas, não sou o mesmo desde 2019, com uns fios de cabelo a menos, claro, mas, me encontrei na arquitetura e no urbanismo e isso me move todos os dias para lutar por uma sociedade melhor e justa, neste modo, a escolha deste tema não foi à toa.

Sou muito grato por ter vindo ao mundo fazendo parte de uma família tão incrível quanto a minha. O lar que eu resido é cercado de amor, respeito, companheirismo, empatia e bondade. Todas essas qualidades são derivadas de duas mulheres incríveis, batalhadoras, fortes e resilientes, um verdadeiro perfil de mulheres brasileiras, que vão à luta por aqueles que os amam. Sou mais feliz por ter sido criado por uma família não tão tradicional, minha referência de amor familiar vem de uma mãe solo aos 17 anos, uma vó que não teve oportunidade de viver seus sonhos por priorizar sua família e um avô que enfrentou o peso do mundo para dar o melhor para seus filhos.

Ao meu avô Gilberto (*in memoriam*), meu painho, toda minha admiração à sua tranquilidade e bravura em silêncio. Os caminhos da vida não permitiram que você pudesse me ver crescer, mas, de onde quer que você esteja, saiba que o seu netinho agora entende suas fiações elétricas, suas encanações e eu teria muito a aprender contigo sobre suas instalações elétricas e hidrossanitárias. Te levo comigo como meu maior exemplar de super-herói.

À minha mainha, Damiana, meu grande amor, obrigado por me conhecer tão bem, nossa ligação é muito maior que esse universo, desde em seu ventre eu já sentia sua vibração, que, com toda certeza, era a senhora cantando Alicia Keys. Agora que me tornei gente, os seus sonhos são nossos, embora ainda um pouco imaturo, consigo entender todas suas abdicações para que eu chegasse aqui. Hoje, eu entendo o tamanho da minha euforia em ouvir seu assobio nas tardes de sábado que eram tão aguardadas por mim durante a semana.

À minha voinha, Josefa, minha fiel escudeira, ela que está comigo desde o primeiro dia na maternidade, que me envolve com todo amor, cuidado e dedicação todos os dias. Obrigado por nunca precisar entender minha rotina maluca da graduação, mas entendia que eu precisava de apoio e empatia, e eu recebia seu afeto com um almoço ou jantar quando chegava da Ufal, ou até com lanchinhos no quarto nas aulas remotas durante a pandemia. Você me reflete os mandamentos de Jesus diariamente, que é amar sem precisar de nada em troca.

Aos meus irmãos, em escadinha do maior para o menor, Paulinho, Maricota e Lominha, que são as crianças mais maravilhosas que eu poderia ter como laço sanguíneo. Vocês me inspiram a dar passos longos para que eu consiga ir mais longe e encontro conforto em cada abraço, risada e no jeitinho de perturbar. E vocês são incríveis por serem filhos de um paidrasto fenomenal, Sergio, que sempre nos incentiva a acreditar que sonhos podem se tornar reais se formos atrás deles. Minha eterna gratidão por todo suporte ao longo desses anos.

Aos meus tios, André, Andréia, Betânia, Fátima, Flávio, Ilton (*in memoriam*), Liliane, Socorro e Verônica, por serem minha rede de apoio. Obrigado por cada cuidado comigo desde que eu nasci. Cada dedicação e atenção que recebi de vocês como um filho me fazem sentir o mais puro dos sentimentos que é o amor genuíno.

Aos meus primos, Allan, Felipe, Valeska e Vanessa, que sempre compartilhei sobre a graduação, frustração da vida, fofocas edificadoras e opiniões como júri técnico. Vocês fizeram minha infância ser um acontecimento rico de aventuras e lembranças com gostinho de pé de manga do quintal da vovó.

À Ana Catarina, Felipe, Mariana e Vitória, por serem meus confidentes da vida, em quem eu posso desabafar sobre tudo e sempre vou ter como um colo de refúgio e nunca vão me julgar. Sou mais feliz por ter vocês nessa caminhada, passando por todos os objetivos e quedas juntos. Amo vocês infinito! Em especial, à Mari, por ter dado um mascotinho lindo chamado Cecília!

Aos meus amigos, Antonio, Carlinhos, Clara, Hellen, Isabelly, Italo, Kariny, Lucas, Maclara, Maylla, Rayane, Ronny e Victor, por todo companheirismo e compartilhamento de sentimentos ao longo desses anos. Toda ajuda, desabafo, rolê e risada foram fundamentais como manutenção da saúde mental para não enlouquecer. Ao Dr. Pitxulo, pelo companherismo, desabafos e correções de escrita deste trabalho.

À Adna, Hilda, Juliana, Lara e Lavínia por serem o melhor grupinho que eu poderia ter na faculdade. Vocês marcaram a minha passagem acadêmica e não teria chegado aqui se não fosse o nosso suporte e amor ao longo desses anos. À cada subdivisão de trabalho em grupo, à cada "pode ser grupo de 6?". À cada crise de riso nas inúmeras chamadas no meet, no qual se faziam presentes em casa por uma janelinha do *meet*. Sempre serão as fulôs mais lindas do meu paisagismo!

À minha duplinha par de jarro, Maria Eduarda, que o estágio nos aproximou ainda mais e hoje somos metadinhas, a duplinha da faculdade que virou companheira de vida, bala de casca e é a minha alegria. Obrigado por fazer o cansaço da rotina de Ufal, estágio e vida pessoal ser um acalanto quando você está por perto e, juntamente, ao Gustavo, que formamos o maior trio chernobyl que poderia existir, desafiando UPAs, banheiros e academias, mas que o suporte diário e admiração fazem toda a diferença e deixa o coração quentinho.

Aos meus colegas de turma, que souberam, de fato, o que passamos durante 2 anos pandêmicos na graduação, e além deles. À Silvia, Beatriz, Viviane, Aislane e Gustavo F. por serem um alívio cômico naquele pátio da FAUD. À André, Gustavo H., Maria Clara e Mayara por serem um condomínio de radiação pura, mas que são pessoas do coração valioso e que sempre admirei por terem um pensamento crítico além do que os olhos conseguem ver.

Ao meu grupo PET Arquitetura, que foi meu local seguro, tranquilo e transformador na universidade. Através do programa PET conheci pessoas extraordinárias que compartilhei a rotina petiana ao longo de 3 anos e meio, cheia de piadas, estresses e acolhimento na salinha. Pelo PET consegui integrar com pessoas de outros cursos e a Ufal foi se tornando um cantinho mais humanizado, em especial, ao PET Psicologia, onde fiz o recorde do intercâmbio mais duradouro, pois encontrei psis sensacionais e hoje posso dizer que sou arquiteto, urbanista e psicólogo, rsrs. À Prof. Hidaka por ter sido uma tutora companheira e que aprendemos muito juntos. Obrigado por tudo!

À Clarinha e Mirele, por tornarem meu coração mais verde e com frescor de menta. Não sei expressar o quanto aprendi com vocês. A palavra estágio atingiu com sapiência durante esses dois anos. Os ensinamentos de vocês enraiaram meus caminhos e sou muito grato por toda atenção, dedicação e carinho, viraram um reflexo de profissionalismo para mim.

Sou grato ao DMTT pela oportunidade de estágio e que ampliou o olhar de como gerir uma cidade, fazer parte do planejamento urbano numa autarquia municipal, foi muito rico e único. Levo comigo todos os ensinamentos, gargalhadas e conversas polêmicas durante o trabalho. A Diovia sempre será o bloco mais bonito do departamento, por mais que a estética diga que não, rs. Anderson, Arthur, Duda, Heloísa, Iradir, Lavínia Luana, Luciana, Luciano, Reish, Rudá, Seu Fernandinho, Seu Roberto e Wanessa, obrigado por fazerem as manhãs serem menos sonolentas.

À Secretaria de Planejamento de Rio Largo, que me acolheram de uma forma rápida e pude aprender muitas questões sobre habitação, regularização de imóveis e gestão pública.

À professora Ju Loureiro, que faz parte desta banca, suas contribuições vêm desde a sala de aula, sempre muito assertiva em conceber projetos arquitetônicos e seus ensinamentos foram cruciais para o desenvolvimento deste trabalho. À professora Carolzinha, por sua doçura e mansidão, tanto em sala de aula, quanto nas reuniões do PIBIC, onde sua dedicação acadêmica transformou o pesquisador que me tornei. Além de ser quase uma co-orientadora deste trabalho que é uma extensão do plano de trabalho do PIBIC.

Aos professores que contribuíram com dedicação e incentivo durante toda a minha trajetória acadêmica, meu profundo agradecimento. Obrigado por compartilharem não apenas conhecimento, mas também valores e inspirações que levarei para além da universidade. Cada aula, orientação e conselho deixaram marcas profundas e me inspiraram a seguir com curiosidade e compromisso. Por fim, meu agradecimento a todos os docentes da Ufal que, de maneira direta ou indireta, contribuíram para que eu chegasse até aqui. Obrigado por me ensinarem que o aprendizado vai

além da sala de aula e que o conhecimento é uma jornada contínua, guiada pelo respeito, ética e paixão pela construção de um futuro melhor.

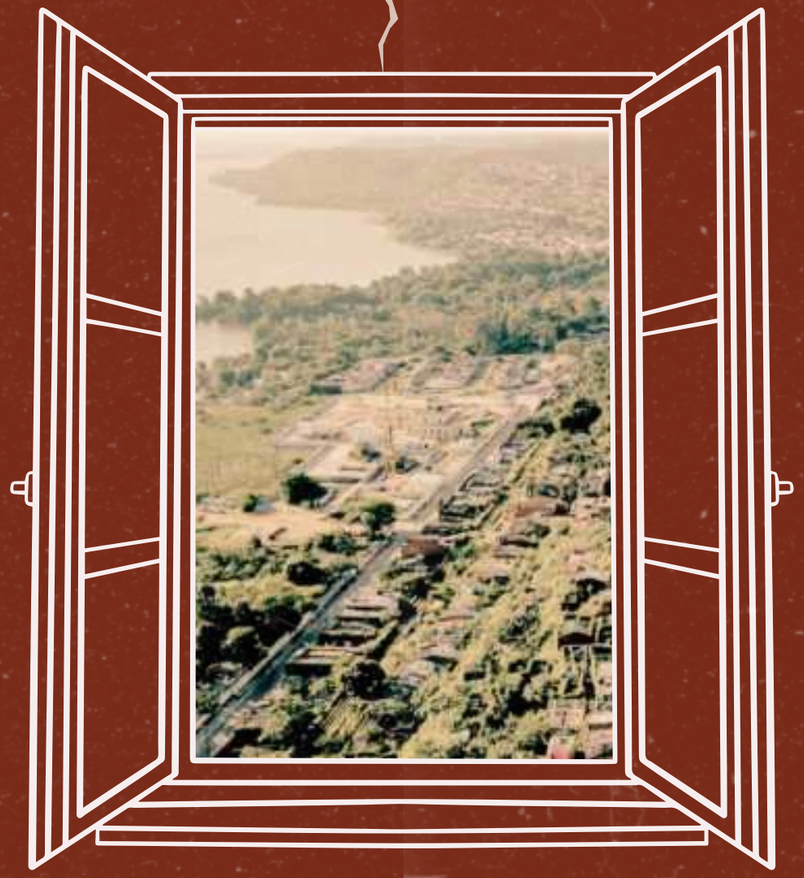
À Thalianne por compor essa banca e ter sido muito mais que uma gestora do IPHAN nos projetos de extensão da minha turma para a Prefeitura e comunidade de Marechal, sempre preocupada se estávamos bem e seguros para elaborar as atividades. Sua dedicação e entusiasmo foram marcantes nessa experiência.

À ela, que não enjoou da minha cara, após 5 disciplinas, 1 monitoria, 2 projetos de extensão, 2 viagens técnicas, inúmeros assessoramentos e orientações, a minha orientadora de TCC, Adriana Guimarães. Obrigado por ser essa leveza e delicadeza em todos os sentidos. Sou muito grato pelas suas palavras ao me convidar para ser estagiário do Gilvan Rodrigues, foi uma das melhores oportunidades que eu poderia ter, que vai além do que é entendido o estágio e hoje é minha área de atuação profissional. Obrigado por permitir conhecer o reizinho do BIM de Maceió e a Rainha do restauro de Alagoas, Josemary Ferrare, ela que é uma escola na forma mais literal, cada segundo ao lado dela é uma aula diferente sobre termos e conceitos do patrimônio. Essa experiência é mais incrível por ter uma equipe composta por: Bruna, Emilly, Karla, Leninha, Rafael, Rafaela, Renata e Sara. Gratidão a todos pelos ensinamentos desde uma escrita acadêmica, usar trena e até tutoriais no revit.

À Demi Lovato, eu digo que te amo por suas músicas sempre serem um abraço apertado quando ninguém sabia pelo que eu estava passando, mas suas composições me salvaram de dias cinzentos, me fazendo ser inquebrável e confiante para não desistir dos meus objetivos e me acompanharam em inúmeras idas e voltas da Ufal e nas madrugadas fazendo atividades da faculdade, não esquecerei! Agora sei dominar a arte de recomeçar. Aqui vamos nós!

E gostaria de encerrar meus agradecimentos a ela que foi a maior contadora de historinhas no fim da tarde, sentada em seu jardim, com seu tercinho em mãos, e nós ficávamos encantados com sua forma de passar tradição seja por seus bolos de macaxeira, massa puba e chocolate; doces de banana e goiaba, que mandava a gente colher as frutas no quintal para ela faze; pelas suas cantigas que eram envolvidas pela sua alegria e jeito único de cantar; como também ficar ansioso para os dias dos santos juninos para fazer a fogueira com os galhos da árvore do quintal. Vovó Maria (*in memoriam*), as festas debaixo do seu pé de manga sempre serão um acalanto de uma infância feliz. Obrigado por me ensinar o que é cultura, antes mesmo que eu conhecesse o significado dessa palavra.

Por fim, todos aqueles que são vítimas diretas ou indiretas do castigo minerário da Braskem, que tiveram suas vidas ceifadas do lugar que habitavam, não puderam ter a chance de preparo de despedida do seu lar e partiram às pressas, deixando memórias, afetos, vizinhos, locais de encontro e felicidade nas mãos de um desastre causado por pura ganância do homem e hoje formam uma paisagem densa de sofrimento, injustiça e dor. Este trabalho de conclusão de curso não é apenas meu; é uma construção conjunta, representando todos aqueles que se sentem atingidos pela ruptura em nossa cidade de Maceió. Que o esforço em preservar e valorizar nossa riqueza cultural não seja visto com desdém. Há ainda um fio de esperança e justiça, e nele seguimos. Maceió é massa, e o solo, vida!



“primeiro moldamos as cidades;
depois, elas nos moldam.”

JAN GEHL

RESUMO

ou visão pragmática do objetivo a ser alcançado.

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo desenvolver uma proposta urbanística integrada e sustentável para a requalificação da área histórica do bairro de Bebedouro - Maceió/AL, afetada pela mineração da Braskem, que prioriza a preservação do patrimônio cultural, visando um futuro após a estabilidade do solo. Além de investigar a questão do patrimônio sensível e as possibilidades de um futuro mais sustentável, o trabalho visualiza a ruína na contemporaneidade como uma oportunidade de interação entre corpo, arquitetura e natureza - explorando seus limites e contrastes. Pretende-se aqui responder criticamente à vontade da expansão para além da capacidade de produção e do reaproveitamento de estruturas em áreas afetadas pela subsidência do solo, como em Bebedouro. Quanto ao entendimento do estado físico da área histórica, pretende-se aproximar do objeto de estudo para além das análises teóricas a partir da investigação sensível das edificações em arruinamento - transpondo escalas, desde o corpo que ocupa o espaço até a relação dos objetos arquitetônicos com a cidade e sua paisagem. Na escala do corpo, a investigação sensível é dada a partir do levantamento fotográfico com visitas *in loco,* esta aproximação é entendida como uma das especificidades da ruína da contemporaneidade acerca do desastre, compreendendo a impossibilidade de adentrar no objeto de estudo, além de permitir ter uma visibilidade das questões a serem consideradas no projeto de intervenção, adotando diretrizes que possam contribuir com um novo olhar à ruptura da paisagem urbana no bairro de Bebedouro. A arquitetura do abandono, frequentemente associada a processos de degradação e marginalização, carrega consigo histórias de deslocamento, desigualdade e desintegração social. Quando observada à luz desses problemas sociais, a ruína se torna não apenas um vestígio do passado, mas um reflexo das contradições e fragilidades da cidade contemporânea. A descontinuidade dos processos urbanos e a falta de planejamento em áreas de risco, como as afetadas pela subsidência do solo, podem ser vistas como sintomas de uma incapacidade em lidar com as complexas interações entre cidade, natureza e sociedade. A proposta urbanística enfatiza a importância do patrimônio cultural para a cidade, ressaltando tanto os aspectos tangíveis, como edifícios e monumentos, quanto os intangíveis, como tradições e memórias, além de se destacar como uma tentativa de mitigar a degradação da paisagem urbana, incentivando a conservação do patrimônio local e a valorização da laguna, sem se limitar aos instrumentos de proteção das edificações. O estado de abandono e degradação das construções históricas evidencia o descaso do poder público e da empresa mineradora, refletindo problemas de gestão na ZEP-3 (Zona Especial de Preservação Cultural). Esse cenário representa uma perda cultural significativa, na qual o patrimônio edificado, que deveria reforçar a memória e identidade locais, é negligenciado. Assim, este trabalho sublinha a importância de preservar e ressignificar essas estruturas, reconhecendo seu valor essencial para a história e cultura da cidade como um todo.

PALAVRAS-CHAVE:

Bebedouro; Patrimônio cultural; Desastre; Memória; Braskem.

ABSTRACT

or pragmatic vision of the goal to be achieved.

This Final Graduation Project aims to develop an integrated and sustainable urban proposal for the requalification of the historical area of the Bebedouro neighborhood - Maceió/AL, affected by Braskem's mining activities, which prioritizes the preservation of cultural heritage. In addition to investigating the issue of sensitive heritage and the possibilities for a more sustainable future, the work envisions ruin in contemporary times as an opportunity for interaction between body, architecture, and nature - exploring their limits and contrasts. The aim here is to critically respond to the desire for expansion beyond the capacity for production and the reuse of structures in areas affected by soil subsidence, such as in Bebedouro. Regarding the understanding of the physical state of the historical area, the aim is to approach the object of study beyond theoretical analyses through a sensitive investigation of the dilapidated buildings - transcending scales, from the body that occupies the space to the relationship of architectural objects with the city and its landscape. At the scale of the body, the sensitive investigation is conducted through photographic surveys with on-site visits. This approach is understood as one of the specificities of contemporary ruin concerning disaster, comprehending the impossibility of entering the object of study, as well as allowing visibility of the issues to be considered in the intervention project, adopting guidelines that can contribute to a new perspective on the rupture of the urban landscape in the Bebedouro neighborhood. The architecture of abandonment, often associated with processes of degradation and marginalization, carries with it stories of displacement, inequality, and social disintegration. When observed in light of these social problems, ruin becomes not just a vestige of the past, but a reflection of the contradictions and fragilities of the contemporary city. The discontinuity of urban processes and the lack of planning in risk areas, such as those affected by land subsidence, can be seen as symptoms of an inability to deal with the complex interactions between city, nature, and society. The urban proposal emphasizes the importance of cultural heritage for the city, highlighting both tangible aspects, such as buildings and monuments, and intangible ones, such as traditions and memories. It also stands out as an attempt to mitigate the degradation of the urban landscape, encouraging the conservation of local heritage and the appreciation of the lagoon, without being limited to the instruments for the protection of buildings. The state of abandonment and degradation of the historical buildings highlights the neglect by the public authorities and the mining company, reflecting management problems in the ZEP-3 (Special Zone of Cultural Preservation). This scenario represents a significant cultural loss, in which the built heritage, which should reinforce local memory and identity, is neglected. Thus, this work underscores the importance of preserving and reinterpreting these structures, recognizing their essential value for the history and culture of the city as a whole.

KEYWORDS:

Bebedouro; Cultural heritage; Disaster; Memory; Braskem.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

15 **Figura 01:** Localização do tema.
16 **Figura 02:** Bairros atingidos pela mineração da Braskem.
18 **Quadro 01:** Procedimentos metodológicos.
20 **Figura 03:** Gravura da antiga matriz de Maceió em 1881.
21 **Figura 04:** Planta e explicação das enciadaz de Iaragôa, Pajusara em 1757.
22 **Figura 05:** Praça Sinimbu, em Maceió, numa foto de Abílio Coutinho de 1869.
22 **Figura 06:** Embarcações com mercadorias na Laguna Mundaú.
23 **Figura 07:** Comunicação espacial entre o porto de Jaraguá e a Laguna Mundaú
23 **Figura 08:** Estrada de Bebedouro, no início do século XX, um dos primeiros caminhos para Maceió.
24 **Figura 09:** Estrada de Bebedouro, com embarcações à beira da Laguna Mundaú.
24 **Figura 10:** Mapa Ferroviário de Maceió em 1880 com a estrada de Bebedouro para o Tabuleiro a partir do Flexal.
25 **Figura 11:** Linha do bonde presente numa rua de Bebedouro.
26 **Figura 12:** Linha do bonde de Bebedouro que passava pela Praça dos Martírios no Centro de Maceió.
27 **Figura 13:** Major Bonifácio Magalhães da Silveira próxima a praça coronel Lucena Maranhão.
28 **Figura 14:** Preparações para momentos festivos na praça coronel Lucena Maranhão.
28 **Figura 15:** Ocupações na praça coronel Lucena Maranhão.
28 **Figura 16:** Instalações natalinas na praça coronel Lucena Maranhão.
29 **Figura 17:** Fábrica de vidro do comendador Jacinto de Nunes Leite e seu irmão.
30 **Figura 18:** Marisqueiras.
30 **Figura 19:** Pescadores.
30 **Figura 20:** Artesãos de Argila.
30 **Figura 21** Pesca de sururu.
31 **Figura 22:** Procissão de Santo Antônio.
31 **Figura 23:** Gritos dos excluídos.
31 **Figura 24:** Corrida de Canoas e Barcos a Vela de São Pedro.
31 **Figura 25:** Cavalhada.
31 **Figura 26:** Pastoril.
31 **Figura 27:** Coletivos de coco de roda.
31 **Figura 28:** Baianas rosa do lar.
31 **Figura 29:** Guerreiros.
32 **Figura 30:** Laguna mundaú.
32 **Figura 31:** Riacho Silva.
32 **Figura 32:** Praça Coronel Lucena Maranhão.
32 **Figura 33:** Colônia de pescadores.
33 **Figura 34:** Colagem semântica sobre Jacintho Nunes Leite.
34 **Figura 35:** Registros do Asílo das Órfãs.
34 **Figura 36:** Sinteal.
34 **Figura 37:** IMA.
34 **Figura 38:** Zé Lopes.
34 **Figura 39:** Colégio Bom Conselho.
35 **Figura 40, 41, 42 e 43:** Fachadas do Sinteal.
36 **Figura 44, 45, 46 e 47:** Fachadas do IMA.
36 **Figura 48, 49, 50 e 51:** Fachadas do Zé Lopes.
37 **Figura 52, 53, 54 e 55:** Fachadas do Bom Conselho.
38 **Figura 56:** Ameaça de interdição da Ladeira do Calmon.
40 **Figura 57:** Bebedouro após desocupação forçada do bairro.
43 **Figura 58:** Linha do tempo do plano de trabalho da revisão do plano diretor de Maceió.
46 **Figura 59:** Implantação e atual localização da Braskem (antiga Salgema) entre o mar e a Laguna Mundaú.
47 **Figura 60:** Implantação e atual localização da Braskem (antiga Salgema) entre o mar e a Laguna Mundaú.
47 **Figura 61:** Presidente Ernesto Geisel em Maceió, [s. d.].
47 **Figura 62:** Sede da Braskem em 1976.
48 **Figura 63:** Aterramento de lixo, após denúncias.
48 **Figura 64:** Noticiário do Jornal de Alagoas em 9 de maio de 1984.
49 **Figura 65:** Charge sobre os riscos da Salgema na década de 80 por Ênio Lins na Tribuna Hoje em 1985.

49 **Figura 66:** Charge sobre os riscos da Salgema na década de 80 por Ênio Lins na Tribuna Hoje em 1985.
49 **Figura 67:** Crianças residentes da área do Pontal da Barra na década de 80, Jornal Tribuna de Alagoas, em 1986.
50 **Figura 68:** Publicação dos estudos sobre o Terminal Químico da Salgema, Jornal da Tribuna, em 06 de agosto de1985.
50 **Figura 69:** Noticiário da manifestação contra a Braskem, A Voz do Jornalista, em julho de 1985
51 **Figura 70:** Pichações nos muros do bairro do Pontal da Barra, 1986.
51 **Figura 71:** Pichações nos muros do bairro do Pontal da Barra, 1986.
51 **Figura 72:** Manifestação contra a Duplicação da Salgema em 1986.
51 **Figura 73:** Pichações nos muros do bairro do Pontal da Barra, 1986.
52 **Figura 74:** Material escolar doado pela Salgema em 1989.
52 **Figura 75:** Felicitações de Natal da Salgema que, segundo ela, está atuando no desenvolvimento de Alagoas.
53 **Figura 76:** Logo da Trikem.
53 **Figura 77:** Tanque de armazenamento industrial da empresa com o nome de Trikem.
53 **Figura 78:** Colagem semântica sobre a Braskem.
54 **Figura 79:** Licenças de Operação da Mineradora Braskem em 2016.
54 **Figura 80:** Licenças de Operação da Mineradora Braskem em 2017.
55 **Figura 81:** Esquema com a profundidade das minas e as camadas de rochas que compõem o solo.
55 **Figura 82:** Localização da empresa no Bairro do Mutange e definição das áreas de risco.
56 **Figura 83:** Foto tirada dois dias antes do rompimento de parte da mina 18 da Braskem, no Mutange, em Maceió, mostra equipamento, no detalhe em vermelho, que monitorava movimentação do solo, que foi levado pela água após o colapso da mina.
56 **Figura 84:** O risco de colapso da mina 18, no Mutange, levou a situação emergencial de evacuação da população do bairro do bom Parto, em 2023.
57 **Figura 85:** Praça coronel Lucena Maranhão e seu entorno imediato em Bebedouro.
58 **Figura 86:** Corte topográfico.
59 **Figura 87:** Trecho da laguna Mundaú após rompimento da mina 18.
60 **Figura 88:** Algumas das árvores existentes em Bebedouro.
60 **Figura 89:** Nível do Riacho do Silva elevado deixando a população ilhada na Rua Tobias Barreto.
61 **Figura 90:** Dados populacionais dos bairros atingidos pela mineração da Braskem.
62 **Figura 91 e 92:** Variação populacional em locais de encontros diários na praça Lucena Maranhão, em Bebedouro.
63 **Figura 93 e 94:** Estação de Bebedouro e o VLT.
64 **Figura 95:** Linha férrea na Rua José Moreira, Bebedouro.
64 **Figura 96:** Remoção dos trilhos do trem e VLT na Rua José Moreira, Bebedouro.
64 **Figura 97:** Rua Cônego Costa, em frente ao Colégio Bom Conselho, em Bebedouro.
65 **Figura 98:** Rua João Leite Sobrinho, em Bebedouro.
65 **Figura 99:** Perfis viários da via coletora e local, em Bebedouro.
67 **Figura 100:** Paisagem da Rua Dr. Passos de Miranda (Ladeira do calmon), em Bebedouro, no ano de 2019.
67 **Figura 101:** Alteração na paisagem da Rua Dr. Passos de Miranda (Ladeira do calmon), em Bebedouro, em 2024.
67 **Figura 102, 103, 104 e 105:** Alteração na morfologia urbana do bairro.
68 **Figura 106:** Tipologias de moradias de Bebedouro.
69 **Figura 107:** Moradores de Maceió fazem protesto contra a Braskem em 2023.
70 **Figura 108:** Vítimas da mineradora Braskem são criminalizadas após protesto em 2023, em frente a entrada de domínio da empresa no bairro de Bebedouro.
71-72 **Figura 109:** Pichações presentes no bairro de Bebedouro.
73 **Figura 110:** Base da saúde mental.
74 **Figura 111:** Legislações ambientais no Brasil.
75 **Figura 112:** Colagem semântica do capítulo 03.
79 **Figura 113:** Vista aérea do patrimônio sensível de Bebedouro.
85 **Figura 114:** Mapa de definição da poligonal.
87 **Figura 115:** Foto que define a problemática e o princípio norteador, na Rua Cônego Costa.
87 **Figura 116:** Foto que define a problemática e o princípio norteador, na Rua Cônego Costa.
88 **Figura 117:** Skyline das faces de quadras, que foram demolidas pela Braskem, na Rua Cônego Costa.
89 **Figura 118:** Mapa da problemática da poligonal.
92 **Figura 119:** Mapa que abarca a diretriz 1.
94 **Figura 120:** Mapa que abarca a diretriz 2.
96 **Figura 121:** Mapa que abarca a diretriz 3.
97 **Figura 122:** Mapa que abarca a diretriz 3.
97 **Figura 123:** Mapa que abarca a diretriz 3.
98 **Figura 124:** Mapa geral que abarca a diretriz 3.
99 **Figura 125:** Localização do Projeto Flexais, dentro da poligonal deste estudo.
100 **Figura 126:** Visualização das ações do Projeto Flexais, dentro da poligonal deste estudo.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIAÇÕES

AIA - Avaliação de Impactos Ambientais

CONAMA - Conselho Nacional do Meio Ambiente

CPI - Comissão Parlamentar de Inquérito

CPRM - Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais

DPE - Defensoria Pública do Estado

DPU - Defensoria Pública da União

EIA - Estudo de Impacto Ambiental

IBAMA - Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ICOMOS - Conselho Internacional de Monumentos e Sítios

IMA - Instituto do Meio Ambiente

INRC - Inventário Nacional de Referências Culturais

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

LO - Licença de Operação

LTDA - Limitada

MP - Ministério Público

MPAL - Ministério Público de Alagoas

MPF - Ministério Público Federal

ODS - Objetivo de Desenvolvimento Sustentável

ONU - Organizações das Nações Unidas

PDM - Plano Diretor de Maceió

PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

PND - Plano Nacional de Desenvolvimento

PVC - Policloreto de vinila

RIMA - Relatórios de Impacto Ambiental

SECULT - Secretaria de Cultura do Estado de Alagoas

SINTEAL - Sindicato dos Trabalhadores da Educação de Alagoas

SISNAMA - Sistema Nacional do Meio Ambiente

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

UEP - Unidades Especiais de Preservação

UFAL - Universidade Federal de Alagoas

UNESCO - Organização das Nações Unidas para Educação Ciência e Cultura

VLT - Veículo Leve sobre Trilhos

UFAL - Universidade Federal de Alagoa**s**

ZEP - Zona Especial de Preservação

SUMÁRIO

01

14 PRELÚDIO

02

19 ENTRE ENGENHOS HÁ LAGOAS

22 TUDO COMEÇOU NO RIACHO QUE MATOU SEDES

26 UM BAIRRO FESTIVO TORNOU

38 MAS TEVE QUE PARTIR ÀS PRESSAS

03

44 UM CASTIGO MINERÁRIO

48 POR DÉCADAS NO SUBSOLO

57 SOB RUAS, CASAS, TRILHOS E COMÉRCIO

69 BRASKEM É O TATU DA VEZ

04

E O SOLO TORNA-SE(R) LEITO 76

MEMÓRIAS EM RUÍNAS 78

AFAGAR A TERRA 80

05

AO PÓ VOLTAREI 101

REFERÊNCIAS 105

CAPÍTULO 01:

PRELÚDIO

CAPÍTULO 01:

PRELÚDIO

Com uma vasta herança cultural, arquitetônica e natural, Maceió[1] é uma cidade caracterizada pela convivência entre o contemporâneo e o tradicional. O seu legado abrange desde a beleza de suas praias e a cultura popular, como o artesanato de filé, até o casario histórico do bairro de Bebedouro, além de outros bens culturais de natureza material e imaterial da cidade. Este patrimônio histórico e cultural reforça a identidade de Maceió como um centro vibrante em aspectos culturais, e que por esse motivo, vem sendo explorado turisticamente com mais ênfase nos últimos anos de gestão municipal.[2]

Desde 2018,[3] Maceió tem enfrentado desafios severos no que diz respeito à preservação de seu território e patrimônio, especialmente em decorrência do castigo minerário causado pela exploração de sal-gema pela Braskem. A atividade de mineração subterrânea levou ao afundamento de solo em 4 bairros completos (Bebedouro, Pinheiro, Mutange e Bom Parto) e dos arredores (Farol, Chã de Bebedouro e Chã da Jaqueira), ameaçando tanto o patrimônio material quanto o imaterial da cidade. Edifícios históricos, comunidades tradicionais e paisagens urbanas inteiras foram danificados e/ou tornaram-se inabitáveis, exigindo realocação forçada de moradores e criando grandes zonas de risco.

Esse desastre não afetou apenas a infraestrutura física, mas também teve consequências profundas para o patrimônio cultural de Maceió, deslocando comunidades e afetando o tecido social da cidade. O caso da Braskem acende debates importantes sobre a interação entre desenvolvimento econômico e conservação do patrimônio, destacando a ruptura urbana que pode ser causada diante das atividades extrativistas sem cautela, práticas sustentáveis e responsabilidade no uso dos recursos naturais. Nesse sentido, as missas, as cores cintilantes das roupas do pastoril, as luzes das quermesses da Igreja de Santo Antônio e o movimento das canoas na corrida na Laguna Mundaú deram espaço ao silêncio e vazio de Bebedouro.

Figura 01: Localização do tema.
Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.

1 Entre o Oceano Atlântico – a Leste – e a Laguna Mundaú, a Oeste, com um planalto intermediário ao Sul, origina-se Maceió. A origem do nome está atrelada às denominações, da língua tupi Maçayó, que significa "aquele que tapa o alagadiço", talvez em alusão ao povoado se encontrar entre águas sofrendo influências da maré. Esta toponímia pode ter relação também com a existência do riacho Maçayó, atual riacho Maceió, que à época era um elemento de importância na paisagem urbana, e um dos responsáveis pelas características alagadiças do sítio. (Barros *et al*, 2014).

2 Sob a gestão do prefeito JHC, Maceió tem promovido eventos culturais significativos, como os desfiles das escolas de samba na orla de Pajuçara. Projetos como o "Maceió é Massa" têm popularizado pontos "instagramáveis" pela cidade, como a cadeira gigante, a Capelinha de Jaraguá e balanços, conectando moradores e turistas e destacando o patrimônio natural e cultural em bairros próximos ao mar.

3 Segundo o G1 AL, entre fevereiro e março de 2018 após fortes chuvas surgiram o aparecimento de fissuras, trincas e rachaduras nas vias e imóveis no bairro do Pinheiro, culminando com um tremor de terra de 2.5 na escala Richter que ampliou as rachaduras.

Essa alteração no território do bairro, em específico, inicia-se com um tesouro profundo, cristal de sal, matéria-prima encontrada em áreas da cidade de Maceió entre 1941 e 1985, a sal-gema, que se origina em rochas no subsolo, aproximadamente 1000m abaixo da superfície. De acordo com Ticianeli (2019), a descoberta de sal-gema[4] em Alagoas ocorreu acidentalmente, quando uma empresa especializada em prospecção para confirmar a presença de petróleo, contratada pelo Conselho Nacional de Petróleo em 1941, identificou a presença de sal-gema de alta pureza em uma parte do subsolo da cidade. Em um esforço para impulsionar o desenvolvimento de Alagoas na década de 70, a Salgema Indústrias Químicas S/A (atualmente Braskem) foi estabelecida no bairro Pontal da Barra.

Com o suporte do governo, uma grande obra foi realizada na cidade, a construção do Dique-Estrada em 1982. Trata-se de uma estrada de 5 km de extensão construída à margem da Laguna Mundaú, destinada ao escoamento da produção, à resolução de inundações na orla lagunar e à integração de ilhas à cidade. Este projeto e a localização da empresa provocaram uma transformação do ecossistema local, elevando o perigo de contaminação ambiental em uma região já conhecida pela sua fragilidade ambiental e pela importância vital para o crescimento da vida lacustre (Veleda e Estrela, 2021; Duarte, 2010).

Além desses empreendimentos, que já mostravam um alto risco ambiental na região mais próxima ao local de implantação, é importante destacar que durante a fase de instalação dos poços de exploração localizados nos bairros do Pinheiro, Bebedouro e Mutange, já existiam avisos sobre o processo de subsidência na cidade, como o do secretário municipal de meio ambiente e biólogo José Geraldo Marques[5]. No entanto, a expansão urbana em torno das minas prosseguiu, assim como a atividade mineradora na área, durante as décadas de 1980 a 2010. (TNH1, 2019).

O maior desastre tecnológico em área urbana, considerando que houve uma quebra das relações sociais e a descontinuidade das suas dinâmicas, tendo como consequências: a destruição de imóveis dos bairros afetados, deslocamento forçado de milhares de moradores, comprometimento do traçado urbano da cidade, expansão no número de condomínios fechados, surgimento de novas áreas de ocupações das classes sociais, alterações no crédito habitacional[6], entre outros, bem como o descaso com o patrimônio cultural; sendo este último os bens culturais, tais como: igrejas, praças e manifestações que, por si só ou pelos conteúdos que albergam, podem ser considerados como elementos de valor patrimonial, por toda sua relação com o entorno e as dinâmicas sociais que estabelecem.

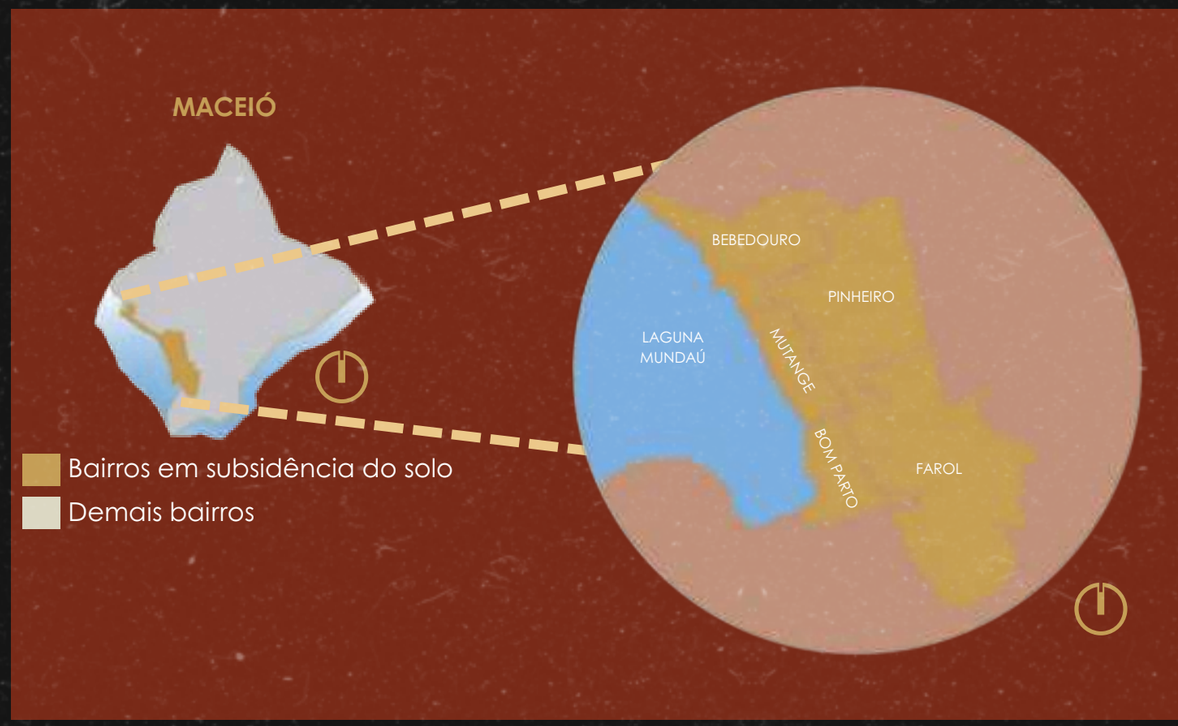


Figura 02: Bairros atingidos pela mineração da Braskem.
Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.

4
Rocha sedimentar composta pelo cloreto de sódio, cloreto de potássio e cloreto de magnésio. Utilizado na fabricação de sal de cozinha, além de outras reações químicas, tais como a soda cáustica, o cloro, o polímero PVC (Policloreto de Vinila), entre outras.

5
De acordo com Tribuna Hoje (2023) foi o primeiro secretário estadual de Meio Ambiente, de uma época em que ainda não existia uma política de Meio Ambiente no Brasil. Marques ocupava o cargo de secretário de Controle da Poluição quando a Salgema se estabeleceu em Maceió.

6
Segundo o índice FipeZap de julho de 2023, o metro quadrado na capital alagoana subiu em média 17,51% nos últimos 12 meses encerrados em julho. Já em junho de 2024 o índice caiu para 13,63%, porém o valor do metro quadrado saiu de R$ 7874 (julho/2024) para R$ 8825 (junho/2024).

O desastre expôs fragilidades no equilíbrio entre desenvolvimento econômico e a preservação do patrimônio cultural no bairro de Bebedouro, que traz discussões sobre responsabilidade ambiental, planejamento urbano e a necessidade de proteção dos bens culturais frente a atividades extrativistas. Dessa forma, o presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), intitulado **"MEMÓRIAS EM RUÍNAS": Proposta urbanística integrada e sustentável para a requalificação da área histórica do bairro de Bebedouro - Maceió/AL,** versa sobre a importância da preservação do patrimônio cultural diante da iminência do seu desaparecimento considerando o contexto histórico em que o bairro está inserido, e que interfere não só na população local, atingida pelo desastre, mas a todos que se sentem representados pelos bens culturais ali situados. Soma-se ainda à necessidade de refletir o papel que as políticas públicas governamentais têm ou deveriam desempenhar neste cenário.

Neste contexto, serão feitas menções aos equipamentos culturais localizados nas imediações da praça Coronel Lucena Maranhão, no bairro de Bebedouro, um marco significativo de como o patrimônio urbano e cultural de Maceió foi profundamente afetado pelo desastre. A praça, além de ser um espaço de lazer e convivência para os moradores, fazia parte da identidade do bairro e da memória coletiva de Maceió. A tragédia não apenas afetou as infraestruturas físicas, mas também desestabilizou as conexões culturais e sociais da comunidade. Importante destacar, que embora entenda-se que o patrimônio cultural não pode ser segmentado em sua natureza material e imaterial, posto que são indissociados, o foco da pesquisa em tela é o patrimônio construído, devido à necessidade de se estabelecer um recorte que possibilite a elaboração de diretrizes projetuais diante da complexidade do tema com um solo em subsidência.

Este trabalho estrutura-se em 5 capítulos: sendo primeiro o prelúdio e o último as considerações finais. O segundo capítulo consiste no estudo do patrimônio do bairro que foi atingido pela mineração da Braskem por meio da elaboração de mapas, registros fotográficos, focado no contexto histórico, na identificação do patrimônio e na importância do desenvolvimento do núcleo urbano de Bebedouro para identidade da cidade de Maceió e do estado de Alagoas, trazendo conceitos sobre a conservação de sítios históricos.

Já no terceiro capítulo consiste na caracterização do bairro analisando os aspectos urbanísticos e paisagísticos, a fim de contextualizar o maior desastre tecnológico em área urbana e as ameaças aos bens culturais, por meio de leis, mapas e imagens. No quarto capítulo serão apresentadas as diretrizes para uma proposta urbanística no núcleo histórico no bairro do Bebedouro diante dos desafios causados pelo afundamento do solo.

O objetivo geral deste trabalho é **requalificar da área histórica do bairro de Bebedouro - Maceió/AL, afetada pela mineração da Braskem, desenvolvida numa proposta urbanística integrada e sustentável**. Para tanto foram definidos os seguintes objetivos específicos:

1. identificar os bens culturais do bairro de Bebedouro;
2. caracterizar o bairro de Bebedouro, levando em consideração os aspectos históricos, culturais e paisagísticos a fim de elaborar condicionantes projetuais que contribuam no desenvolvimento das diretrizes;
3. delimitar uma poligonal para formulação da problemática e elaboração de um princípio norteador, com o intuito de orientar as diretrizes e estratégias na proposta final.

Os procedimentos metodológicos do trabalho foram elaborados a partir dos objetivos específicos descritos anteriormente:

OBJETIVO	DESCRIÇÃO	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	PRODUTO
OBJETIVO 01	identificar os bens culturais do bairro de Bebedouro;	**Mapear e Categorizar os Bens Culturais de Bebedouro:** estas atividades foram realizadas por meio da leitura de monografias, teses, livros, artigos, legislações em vigor, de relatórios finais de iniciação científica e do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC), desenvolvido pela SECULT, IPHAN e UFAL.	CAPÍTULO 02: **ENTRE ENGENHOS HÁ LAGOAS**
		Identificar a tipologia dos Bens Culturais edificados: esta atividade foi realizada por meio do estudo tipológico das edificações, em mapas, vídeos e visitas *in loco*.	
OBJETIVO 02	caracterizar o bairro de Bebedouro, levando em consideração os aspectos históricos, culturais e paisagísticos a fim de elaborar condicionantes projetuais que contribuam no desenvolvimento das diretrizes;	**Caracterizar historicamente o bairro:** esta atividade foi realizada por meio da leitura de livros, artigos, blogs, imagens e dossiês referentes à história do bairro atingido pela mineração.	CAPÍTULO 03: **UM CASTIGO MINERÁRIO**
		Caracterizar urbanisticamente o bairro: esta atividade foi realizada por meio da leitura do Plano Diretor (MACEIÓ, 2005) e do Código de Obras (MACEIÓ, 2007), além de normativas de acessibilidade, de combate a incêndio e outras. Também por meio de visitas de campo, registros fotográficos, mapeamento da morfologia do bairro que possam influenciar no produto final.	
OBJETIVO 03	delimitar uma poligonal para formulação da problemática e elaboração de um princípio norteador, com o intuito de orientar as diretrizes e estratégias na proposta final.	**Estabelecer a problemática da poligonal escolhida:** esta atividade foi realizada por meio de visitas *in loco* e estudos urbanísticos a cerca de áreas afetadas por desastres.	CAPÍTULO 04: **E O SOLO TORNA-SE(R) LEITO**
		Realizar um princípio norteador: estudo de soluções projetuais a serem adotadas nesta proposta, assegurando que as intervenções sejam possíveis de serem efetivadas.	
		Elaborar as diretrizes e estratégias: esta atividade foi realizada por meio da construção do memorial justificativo, contendo os princípios projetuais e as soluções estruturais. Sendo utilizados mapas, croquis e maquetes eletrônicas.	

Quadro 01: Procedimentos metodológicos.
Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.

CAPÍTULO 02:

entre ENGENHOS *há la gas*

CAPÍTULO 02:

ENTRE ENGENHOS HÀ LAGOAS

Segundo o IPHAN (2008) A formação do atual Estado de Alagoas remonta ao desmembramento da Capitania de Pernambuco em 1817, um evento histórico que ocorreu após o fracasso da Revolução Pernambucana. Esse movimento separatista buscava a independência da região em relação ao domínio português, mas seu malogro acabou por abrir caminho para a autonomia de Alagoas, que foi formalmente desmembrada por questões estratégicas e políticas para enfraquecer Pernambuco e evitar novas insurgências.

Ainda de acordo com o IPHAN (2008) o desenvolvimento sociocultural de Alagoas já estava em curso antes mesmo desses acontecimentos. Para alguns historiadores, o relativo isolamento geográfico e a predominância da vida rural moldaram uma sociedade com características próprias, que antecedem os processos formais de emancipação política. Esse isolamento contribuiu para que a população local desenvolvesse uma cultura específica, enraizada no cotidiano rural e nos modos de vida adaptados ao clima e à geografia da região.

A denominação do estado de Alagoas remete à presença marcante de recursos hídricos, evidenciados por suas 23 principais bacias hidrográficas e pelas lagunas de destaque, como a Mundaú e a Manguaba, localizadas ao sul da capital, Maceió. Essa abundância de águas cobre quase todo o território alagoano e se tornou um símbolo de identidade local, fortalecendo a imagem de Alagoas como o "paraíso das águas." Esse slogan de marketing explora o apelo do turismo de sol e mar, promovendo os recursos naturais como um diferencial turístico.

É desde as primeiras ocupações de Maceió, que a relação engenho (indústria)-lagoa já era uma das primeiras atividades que fizeram a cidade se desenvolver. Muitos engenhos, bem como suas produções se perderam devido às lutas entre portugueses e holandeses. Além do mais, vários senhores de engenho fugiram com suas famílias para Salvador, o que deixou vários engenhos de "fogo morto".[7] Mesmo assim, a invasão holandesa originou um outro tipo de riqueza, que atravessou os séculos e que hoje, se constitui em uma janela no tempo, que nos permite ter alguma visibilidade sobre vários acontecimentos daquele contexto histórico (Muniz e Machado, 2011).

Costa (1981), em sua obra "Maceió", uma referência clássica e dominante para entender as origens e transformações no território da cidade, aborda a origem de Maceió como um povoado (figura 03), formado a partir de um engenho de açúcar instalado perto do riacho Maçayó, juntamente com a capela de São Gonçalo em seu entorno. Estabelecimentos que originaram a Praça Dom Pedro II e a Catedral Nossa Senhora dos Prazeres, respectivamente. A divulgação da Planta e explicação das enciadas de laragôa e Pajusara (figura 04) de 1757, conhecida como a "planta-certidão de nascimento", provocou reflexões sobre a gênese da cidade.

Figura 03: Gravura da antiga matriz de Maceió em 1881.
Fonte: Campello; Fortes; Ferrare, 2017.

7 O Engenho de Fogo Morto é uma importante referência histórica no estado de Alagoas, situado na região de Marechal Deodoro, próxima a Maceió. Faz parte do rico legado cultural da época colonial, especialmente relacionado à produção de açúcar no Brasil. Esse tipo de engenho está inserido no contexto dos grandes engenhos de cana-de-açúcar que impulsionaram a economia colonial e moldaram a paisagem e as dinâmicas sociais da região nordestina.

Os elementos pictóricos desta carta náutica não realçam a representação de um engenho com uma capela ao seu redor, mas retratam na narrativa visual a enseada e o porto de Jaraguá como um ponto de referência para a organização do povoado de Maceió. Lindoso (1983), ao relacionar a condição de capital alcançada em 1839, ressalta o potencial e o papel do porto de Jaraguá no fortalecimento e crescimento da cidade através do comércio:

> Ao contrário do que dizia Craveiro Costa, que pensou Maceió nascendo espúria e anônima em pátio de engenho, o caminho que ligava as terras úberes do vale do Mundaú, através da lagoa do Norte ao porto natural de Jaraguá, é que marcou o surgimento da cidade, e sua importância para a vida econômica da província. Foi como caminho de exportação de açúcar e madeira dos vales palmarinos que Maceió guardou a importância de chegar em 1839, a capital. O fato de um casario em pátio de engenho não dá a Maceió a importância que alcançou como sede de poder e ponto de contato comercial **(Lindoso, 1983, p. 41-42).**

Embora haja uma discrepância na leitura sobre a presença de um engenho ou não, Campello; Fortes; Ferrare (2017) destacam a relevância do ancoradouro de jaraguá para o desenvolvimento do povoado de Maceió. A organização de Maceió, que começou como uma vila no século XIX, seguiu o modelo burguês-mercantil, estabelecendo uma forte ligação entre o meio urbano e rural ao longo de sua evolução. Assim, a espacialização ocorreu através do comércio, da exportação agrícola e da importação de produtos manufaturados de origem estrangeira (Amaral, 2018, p.167).

A localização estratégica em rotas de escoamento da produção e entrada de produtos foram fatores que contribuíram para a sua consolidação territorial como província e posteriormente como capital. Naquela época, Bebedouro, como uma comunidade afastada de Maceió (o que se considera o bairro do Centro era representado em mapas como "Maceió"), foi se formando devido aos eixos de escoamento da produção comercial:

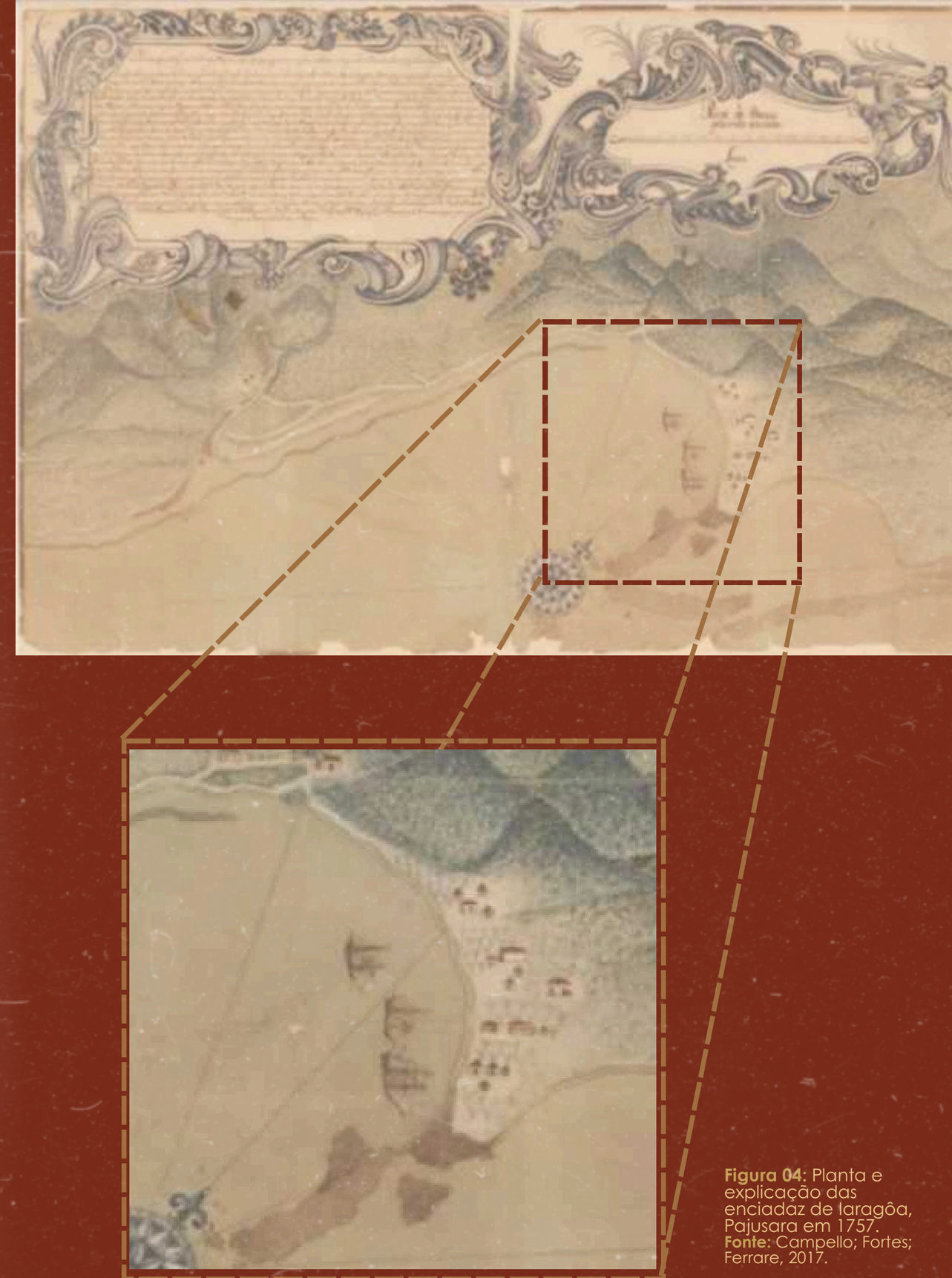


Figura 04: Planta e explicação das enciadaz de laragôa, Pajusara em 1757.
Fonte: Campello; Fortes; Ferrare, 2017.

A consolidação da formação territorial de Maceió deve-se principalmente à situação estratégica em que se encontrava, possuindo grande potencialidade para fins comerciais. Foi o potencial vislumbrado na atividade portuária que progressivamente despertou o interesse dos gestores provinciais. A atividade comercial, em função principalmente do porto de Jaraguá, marcou profundamente a formação espacial da cidade até a atualidade. É em torno da produção mercantil que se organizavam suas principais localidades, destacando-se o Centro, Jaraguá, Bebedouro, Levada, Poço, Trapiche e, posteriormente, o bairro do Farol **(Amaral, 2018, p.97).**

Figura 05: Praça Sinimbu, em Maceió, numa foto de Abílio Coutinho de 1869. **Fonte:** Ticianeli, 2015.

Diante do eixo de comunicação espacial da produção mercantil que a cidade foi ganhando novas ocupações, no caso de Bebedouro, a história do bairro, contada pelos seus habitantes e transmitida de geração em geração, tem sua origem no ponto de encontro dos riachos Luis da Silva, Perus e Cardoso. Ali, tropeiros e viajantes que se dirigiam ao interior do Estado, bem como aqueles que se dirigiam ao centro de Maceió, tinham a oportunidade de se banhar, beber e fornecer água para seus animais. Eles faziam paradas neste local, que posteriormente se tornou conhecido como 'Ponte de Bebedouro' ou passagem de Bebedouro. As palhoças evoluíram para casas de taipa coberta de palhas, onde se comercializavam as comidas tropeiras: café, cuscuz, tapioca, pé-de-moleque, além de pratos mais elaborados como bode assado, galinha de cabidela e buchada (Lemos, 2003, p. 13).

2.1 E TUDO COMEÇOU NO RIACHO QUE MATOU SEDES

É então no bairro do Bebedouro, localizado às margens da Laguna Mundaú (Lagoa do Norte) e gerador natural de um contorno hídrico e paisagístico suntuoso, que surge uma das primeiras ocupações da cidade. Almejado e ocupado pela população mais abastada da sociedade, principalmente os descendentes dos senhores de engenhos de cana de açúcar, que, por meio da construção de suas mansões e de algumas benfeitorias, faziam da paisagem local um cartão postal da opulência das residências dessa elite. Conhecido como um empório comercial de certa notoriedade nos primeiros anos do século XIX, Costa (1939) afirma que Bebedouro era o local onde desembarcavam mercadorias e viajantes de diversas partes do mundo, que vinham em busca de fortuna, comercializavam açúcar, algodão, fumo, cereais, madeiras e couro, produtos que vinham do centro do Estado em demanda do litoral.

Figura 06: Embarcações com mercadorias na Laguna Mundaú. **Fonte:** MISA s/d apud Duarte, 2010.

Parte dessa produção era consumida na própria vila e a outra embarcada em veleiros que aportavam no porto de Jaraguá. As embarcações com as mercadorias vinham do vale do rio Mundaú e chegavam ao povoado viajando pelas suas margens, contornando a Lagoa do Norte[8] em direção a Jaraguá, com estadias no Rio Bebedouro e no Largo dos Martírios, onde era negociada parte dos produtos (Lemos, 2003), como pode ser visto na figura 07.

Lemos (2003) ainda ressalta que o trecho de água que era conhecido como Rio Bebedouro foi unificado com o Riacho Luiz da Silva e a partir disso passou a ser denominado Riacho do Silva. O icônico curso de água só recebeu uma ponte para travessia após a Resolução Provincial de 10 de abril de 1835, assinada por Silva Pontes (que autorizou a construção). Sua conclusão, no entanto, foi somente no início de 1839, já no governo de Silva Neves. A ponte também era utilizada como posto fiscal, onde se cobravam os impostos (ver figuras 08 e 09).

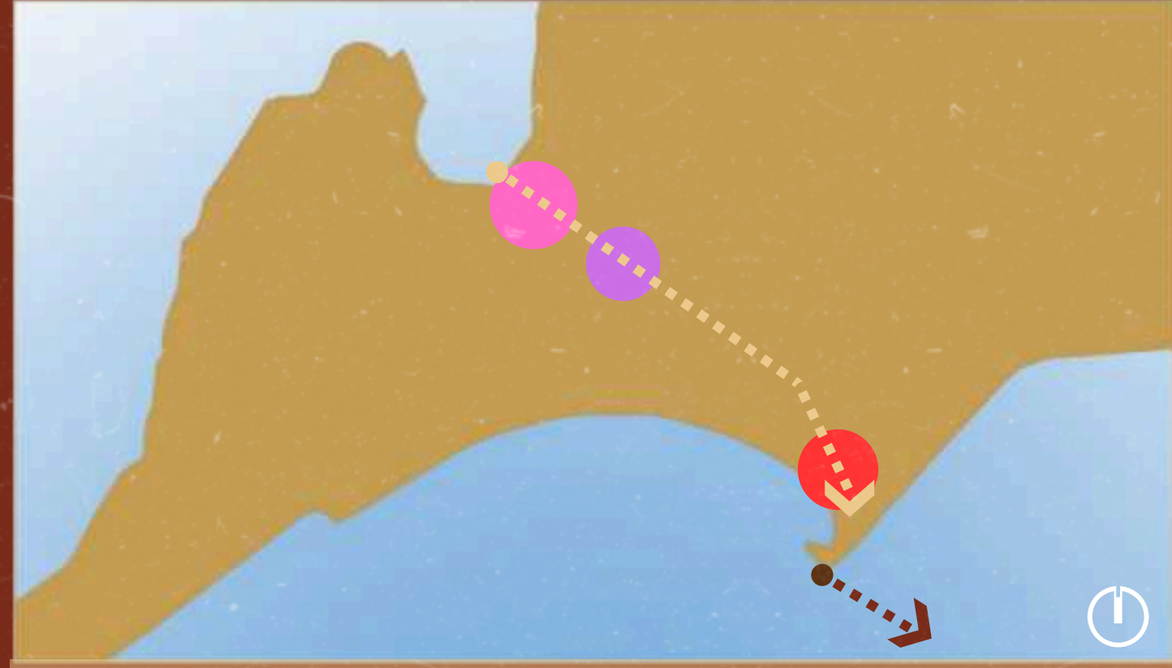


Figura 07: Comunicação espacial entre o porto de Jaraguá e a Laguna Mundaú.
Fonte: Nascimento, 2008. Adaptado pelo autor, 2024.

Figura 08: Estrada de Bebedouro, no início do século XX, um dos primeiros caminhos para Maceió.
Fonte: Ticianeli, 2020.

*Objeto utilizado pelos tropeiros para captar a água dos riachos que deram origem ao nome do bairro.

8
A Lagoa do Norte é a Mundaú, que banha Maceió, Marechal Deodoro, Coqueiro Seco, Santa Luzia do Norte e Satuba. Lagoa do sul é a Manguaba.

Figura 09: Estrada de Bebedouro, com embarcações à beira da Laguna Mundaú.
Fonte: Ticianeli, 2020.

Na década de 1840 a Estrada de Bebedouro deu origem à uma segunda estrada com traçado em direção ao Tabuleiro do Pinto, como consta nos relatórios governamentais e mapas da época. Em 1860 foi concluída a pavimentação do trecho que vai até Fernão Velho. Em 1868 já funcionavam os primeiros bondes. Segundo o Diário de Alagoas, em 1872, o tráfego desses bondes puxados a burro já era bastante intenso. O serviço pertencia à família do Comendador Teixeira Bastos e fazia ligações entre o Comércio, Farol, Ponta da Terra, Jaraguá e Bebedouro (ver figura 10).

Nessa época, segundo Espíndola, Bebedouro tinha 150 habitações, juntamente ao Poço eram povoações com poucas habitações, predominando os sítios ao lado das suas estradas. Já na década de 1880 são encontrados registros sobre a "Estrada do Mutange", revelando que ainda não havia um povoamento nesse local. O historiador Floriano Ivo afirma que o bonde exerceu grande influência no desenvolvimento urbano de Maceió, social e economicamente, e no caso do Bebedouro a chegada dos bondes valorizou a Estrada e consolidou o local como área de veraneio, com inúmeros sítios (Ivo, s.d.).

Figura 10: Mapa Ferroviário de Maceió em 1880 com a estrada de Bebedouro para o Tabuleiro a partir do Flexal.
Fonte: Ticianeli, 2020. Adaptado pelo autor, 2024.

Em 1874 foi instalada a estrada de ferro, que vai de Jaraguá à União dos Palmares, com estações em Maceió, Bebedouro e Fernão Velho, como visto na figura 10. A implantação da estação de trem em Bebedouro fez com que o comércio local intensificasse ainda mais, pois as paradas nas estações eram o momento em que os negociantes aproveitavam para vender seus produtos, mostra assim a importância dos bondes e da estrada de ferro como impulsores do desenvolvimento do bairro de Bebedouro e também de Maceió como um todo.

Figura 11: Linha do bonde presente numa rua de Bebedouro.
Fonte: Ticianeli, 2015.

No início do século XX o bairro manteve um desenvolvimento crescente, e por volta de 1910 comportava uma média de 10 a 12 mil habitantes, um número consideravelmente alto para a época. Segundo Lemos (2003), durante as duas primeiras décadas do século XX havia um nítido contraste no bairro entre casas luxuosas e casas humildes. Ari Lins Pedrosa (2013) em seu poema, descreve resumidamente a importância cultural de Bebedouro:

O riacho que matou sedes
(era o bebedouro de viajantes),
é a origem do seu nome.
Bairro festivo e acolhedor.

Um dos mais antigos bairros,
onde foi a preferência da elite alagoana.
Beijado pela lagoa Mundaú,
Foi palco de festas memoráveis.

Os casarões são os símbolos deixados pela época.
A Praça Lucena Maranhão, é
o centro pulsante das emoções.

Grato ficaram todos a Jacinto e Major Bonifáci
que fizeram deste espaço a flor do Lácio.
Bendito seja aquele riacho.

2.2 UM BAIRRO FESTIVO TORNOU

Com o advento das ramificações dos bondes, o transporte público avança para as povoações de Bebedouro, Levada, Pajuçara, Farol, Poço e Mangabeiras, permitindo que a população pudesse morar longe do centro pela facilidade de deslocamento, assim, contribuindo para o crescimento da cidade. Desta forma, a cidade expandiu-se em direção sul (Bebedouro) e, posteriormente, em direção aos bairros de Farol e Pajuçara.

Com a expansão da cidade a partir do século XIX, a área ao redor do que hoje é Bebedouro tornou-se uma área residencial para a classe alta de Alagoas que queria construir uma casa longe da agitação da crescente zona comercial (Centro e Jaraguá). Bebedouro, um dos bairros mais antigos e animados de Maceió, é citado nos livros de história como cenário de festas memoráveis, encontros políticos, comércio em expansão e a receptividade de seus habitantes, que se tornaram um símbolo para as próximas gerações.

O bairro atuou como refúgio para o português Jacintho Nunes Leite e o major Bonifácio Silveira, dois genuínos "arquitetos" do avanço. No entanto, Bebedouro também foi cenário de protestos políticos, resultando em autênticas guerrilhas, como a dos Lisos e Cabeludos. Conforme Lemos (2003), os políticos sempre escolheram o bairro como local de suas propagandas eleitorais, elegendo a Praça Lucena Maranhão como o núcleo dos comícios, atraindo um grande número de eleitores. As promessas de melhorias para o bairro persistiam, mas nunca se concretizaram. É evidente que as ilusões ideológicas, até os dias de hoje, já afetavam a comunidade local.

Figura 12: Linha do bonde de Bebedouro que passava pela Praça dos Martírios no Centro de Maceió.
Fonte: Ticianeli, 2020.

O nome Major Bonifácio é associado à história local e à figura de um proprietário ou líder que teve influência na região por um longo período, o que era comum em bairros como Bebedouro, que surgiram em torno de propriedades rurais e engenhos. Seu nome foi fundamental para suas tradições culturais e festas populares que reforçaram a identidade comunitária e sua conexão com o passado, como um dos bairros mais antigos da cidade e por ter um calendário festivo marcado por celebrações religiosas e culturais, especialmente aquelas ligadas ao catolicismo e à vida social local.

O Major Bonifácio Magalhães da Silveira, titulado por jornais nas primeiras décadas do século XX, aproximadamente em 1927, como "Presidente Perpétuo da República da Alegria", é uma das figuras mais recordadas pelos ex-residentes antigos e pela própria história do bairro. De acordo com (Lemos, 2003, p. 39), ele também era reconhecido como "um homem da arte e da imprensa". Teve um grande impacto ao promover e organizar, com o suporte de famílias ricas residentes do bairro, várias celebrações na praça principal de Bebedouro, com o objetivo de trazer agitação à tranquilidade do bairro.

> (...) era o animador do natal em Bebedouro, Natal que se tornou uma tradição na vida da cidade, de modo a transformar aquele arrabalde no ponto chique da temporada de dezembro. Já não iam mais os maceioenses para Taperaguá: iam para Bebedouro. Foi assim até pouco depois de 1930, quando, quase instantaneamente, desaparece o natal do Major Bonifácio **(Diegues Júnior, 1971, p. 205).**

A notoriedade que trouxe ao então bairro, nas primeiras décadas do século XX, possibilitou a mudança do nome da principal praça para "Praça Major Bonifácio da Silveira". Conforme mencionado anteriormente por Diegues Júnior, a intensidade das celebrações promovidas por Major Bonifácio foi diminuindo à medida que o Major ficou ausente do bairro até mudar-se de fato para Marechal Deodoro nos anos finais de sua existência. As imagens do núcleo central do bairro retratam momentos de grande importância na história de Bebedouro. Cenas que abrangem a região do largo que originou a Praça Santo Antônio, preparando-se para as festividades de fim de ano, permitem observar um pouco desse Bebedouro que se estabeleceu, ao longo do século XIX e início do XX, como um local de "festas" e residências temporárias e/ou permanentes para personalidades "de destaque" na cidade.

A sua tradição festiva incluía celebrações de Natal, vários festejos - guerreiro, pastoril, chegança, maracatu, toré, coco alagoano, reisado, cavalhada -, além de festas juninas e de Carnaval, com desfiles de blocos de rua (Lemos, 2003, p. 17). Este movimento que ocorria nesta região central evidencia também a importância deste núcleo urbano para o conjunto do bairro, apoiado pela Matriz de Bebedouro, pois unia a comunidade, possibilitando a formação e manutenção de vínculos entre os indivíduos e com a religiosidade.

Figura 13: Major Bonifácio Magalhães da Silveira.
Fonte: Ticianeli, 2020.
Adaptado pelo autor, 2024.

Figura 14: Preparações para momentos festivos na praça coronel Lucena Maranhão.
Fonte: Ticianeli, 2020.

Até meados do século XX, Bebedouro, conhecido pelo seu "estilo interiorano", além da praça central (hoje Praça Coronel Lucena Maranhão), exibia em sua estrutura arquitetônica um contraste entre casas modestas, principalmente das pessoas que ali residiam permanentemente, e alguns casarões de moradores influentes no bairro e na cidade (comerciantes, usineiros, funcionários públicos, entre outros); algumas indústrias de pequeno porte e estabelecimentos comerciais; e algumas construções institucionais que se estabeleceram como marcos paisagísticos da cidade (Vieira, 2022, p.81).

Em termos de indústria e comércio, sobressaíram-se pequenas fábricas têxteis, uma fábrica de vidro localizada ao lado da igreja (conforme ilustrado na figura 15) - propriedade de Jacintho Nunes Leite e seu irmão -, uma fábrica de pregos, uma fábrica de aguardente e vinhos de jurubeba e jenipapo, padarias, supermercados e duas oficinas gráficas dos jornais "O Colibri" e "O Gênio". Também havia comércio ambulante, no qual os produtos eram sustentados por cabos de madeira pendurados nos ombros dos vendedores, que se deslocavam principalmente pelo centro principal da comunidade. A Feirinha de Bebedouro já existia em 1930, inicialmente localizada em frente à Matriz, mas posteriormente transferida para o lado oposto da Igreja (Lemos, 2003, p.16).

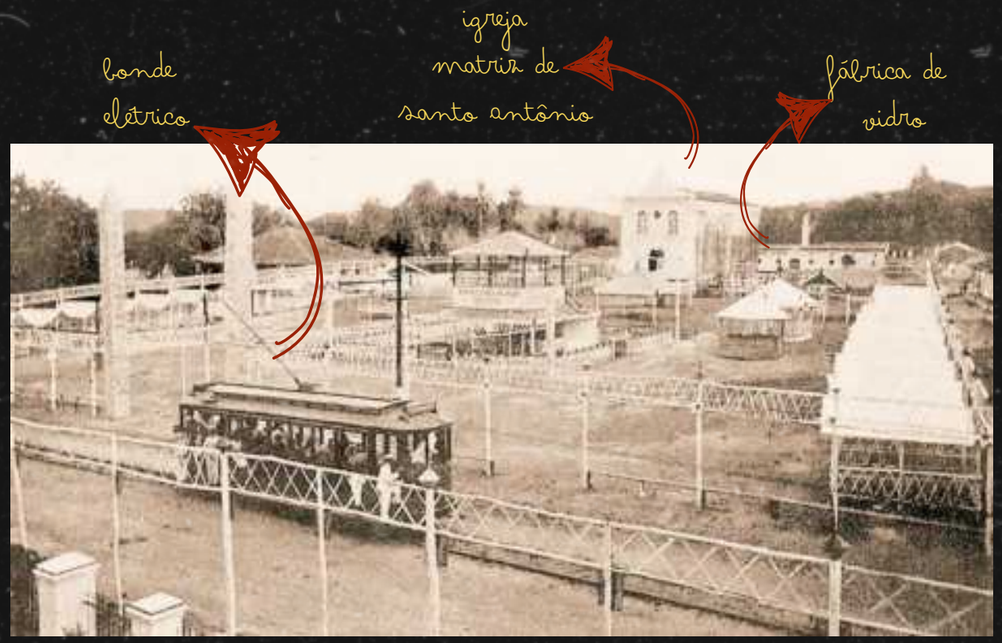


Figura 15: Ocupações na praça coronel Lucena Maranhão.
Fonte: Ticianeli, 2020. Adaptado pelo autor, 2024.

Figura 16: Instalações natalinas na praça coronel Lucena Maranhão.
Fonte: Ticianeli, 2020.

Figura 17: Fábrica de vidro do comendador Jacinto de Nunes Leite e seu irmão.
Fonte: Ticianeli, 2020.

Nesse contexto compreende-se como a história "registrada" é uma ferramenta para a construção de uma imagem e memória sobre o bairro, no que se refere principalmente à consolidação de marcos e elementos referenciais de sua paisagem. De acordo com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), registrar a história é crucial para assegurar a preservação da memória coletiva de uma comunidade, além de permitir a salvaguarda do patrimônio cultural, que não se limita a bens tangíveis, como construções históricas e monumentos, mas também a elementos intangíveis, como práticas culturais, saberes tradicionais e festividades populares.

> O registro e a preservação do patrimônio cultural têm como objetivo garantir o direito à memória e à identidade cultural, favorecendo a transmissão desses valores para as próximas gerações. [...] A valorização da memória coletiva fortalece a diversidade cultural e a coesão social **(IPHAN, 2020).**

É entendido que o bairro foi um dos primeiros a firmar suas manifestações culturais no território da cidade, que, segundo o conceito da palavra cultura, que é amplo e multifacetado, abrange aspectos como comportamentos, crenças, valores, costumes e formas de expressão de um grupo social. Em termos gerais, a cultura pode ser entendida como o conjunto de conhecimentos, práticas e símbolos que caracterizam a vida de uma sociedade, transmitidos e transformados ao longo do tempo. Um dos conceitos mais amplamente aceitos de cultura é proposto pelo antropólogo Edward Tylor (1871, p. 1), que define cultura como:

> Cultura, ou civilização, no seu sentido etnográfico mais amplo, é esse todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, direito, costumes e todas as outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade.

Essa definição destaca a natureza integrada da cultura, abrangendo não apenas os aspectos materiais, como arte e costumes, mas também os imateriais, como crenças e conhecimentos. A cultura de Bebedouro, portanto, não é apenas um conjunto de manifestações, mas um sistema de significados que orienta o comportamento social e reflete a história e identidade do bairro em um contexto maior da cidade. A preservação dessa cultura permite que a memória coletiva seja transmitida e que as tradições e práticas locais sejam reconhecidas como partes fundamentais da história urbana de Maceió.

Nos últimos anos, Bebedouro tem enfrentado desafios devido ao afundamento do solo causado pela extração de sal-gema, que resultou no deslocamento forçado de moradores e impacto na estrutura do bairro. Esse fenômeno ameaçou a continuidade de muitas das manifestações culturais locais, pois afetou diretamente a vida comunitária e o espaço onde ocorriam as celebrações. No entanto, os habitantes seguem empenhados em manter suas tradições e expressões culturais vivas, seja adaptando-as a novos espaços, seja unindo forças para manter a identidade de Bebedouro. Esses acontecimentos e costumes são fundamentais para a memória e o patrimônio cultural do bairro, e sua preservação simboliza a persistência, a resiliência e a força de uma comunidade fortemente ligada às suas origens.

Tendo em vista que o bairro foi o berço do desenvolvimento da cultura imaterial de Maceió, é importante evidenciar que o Decreto nº 3.551, de 2000, que institui o Registro dos Bens Culturais de Natureza Imaterial no Brasil, define quatro categorias de bens culturais imateriais, que são reconhecidas oficialmente pelo IPHAN. Segue abaixo, exemplos encontrados no território em estudo e as categorias citadas:

SABERES, OFÍCIOS E MODOS DE FAZER

CELEBRAÇÕES

FORMAS DE EXPRESSÃO

LUGARES

SABERES, OFÍCIOS E MODOS DE FAZER

Conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades, transmitidos através das gerações, como ofícios tradicionais e artesanato, este último só torna bem cultural se houver transmissão geracional.

Figura 18: Ofício das Marisqueiras.
Fonte: Gazeta de Alagoas, 2021.

Figura 19: Ofício da Pesca.
Fonte: Tribuna Hoje, 2024.

Figura 20: Ofícios relacionados ao saber manusear barro.
Fonte: Costa, 2024.

Figura 21: Ofício relacionado à cadeia produtiva do sururu.
Fonte: A notícia, 2021.

*Algumas imagens são ilustrativas para visualizar o bem cultural, a ausência de registros fotográficos em acervos digitais de alguns bens já é um sinal do apagamento que essa comunidade vem sofrendo.

*Algumas imagens são ilustrativas para visualizar o bem cultural, a ausência de registros fotográficos em acervos digitais de alguns bens já é um sinal do apagamento que essa comunidade vem sofrendo.

CELEBRAÇÕES

Festas, rituais e eventos que marcam a vida social e religiosa, como a Procissão de Santo Antônio (padroeiro do bairro) e outras manifestações festivas da comunidade

Figura 22: Procissão de Santo Antônio.
Fonte: Em tempo notícias, 2022.

Figura 23: Gritos dos excluídos.[9]
Fonte: Brasil de fato, 2024.

Figura 24: Corrida de Canoas e Barcos a Vela de São Pedro.
Fonte: Esporte campeão, 2024.

Figura 25: Cavalhada.
Fonte: AMA, 2020.

FORMAS DE EXPRESSÃO

Representações culturais expressas em músicas, danças, teatro, literatura oral, e outras manifestações que refletem a identidade de uma comunidade.

Figura 26: Pastoril.
Fonte: Cesmac, 2018.

Figura 27: Coletivos de coco de roda.
Fonte: Alagoas 24 horas, 2024.

Figura 28: Baianas Rosa do Lar.
Fonte: Asfopal, 2013.

Figura 29: Guerreiros.
Fonte: 7 segundos, 2022.

9
Embora seja uma manifestação recente, ela surgiu no território devido a comoção dos deslocamentos forçados. A atividade reúne apoio religioso, partidário e solidário, a fim de ecoar o "Grito dos Excluídos" sobre pelo o castigo minerário da Braskem.

*Algumas imagens são ilustrativas para visualizar o bem cultural, a ausência de registros fotográficos em acervos digitais de alguns bens já é um sinal do apagamento que essa comunidade vem sofrendo.

LUGARES

Espaços geográficos que abrigam práticas culturais significativas para grupos e comunidades, como feiras, mercados e locais de convívio social que possuem importância cultural coletiva.

Figura 30: Laguna mundaú.
Fonte: Prefeitura de Maceió, 2021.

Figura 31: Riacho Silva.
Fonte: Bairros de maceió, 2010.

Figura 32: Praça Coronel Lucena Maranhão.
Fonte: Esporte campeão, 2016.

Figura 33: Colônia de pescadores.
Fonte: TNH, 2021.

Quanto à materialidade do bairro é importante elencar edifícios que foram importantes para o desenvolvimento e marco temporal do bairro. É inadmissível citar a história do bairro sem nomear o nome do abolicionista e dono de engenho, Jacintho Nunes Leite,[10] um português que comprava escravos para dar-lhes a liberdade incomodou a muitos defensores da escravidão lá nos meados do século XIX. Almeida (2020) afirma que Nunes levou o progresso para a região onde ele havia escolhido para fixar moradia. A existência da sua casa, o Solar dos Nunes Leite, é um símbolo da resistência e dos princípios humanitários defendidos por Jacintho. Para o traçado urbano de Maceió, o lugar não é somente um resquício histórico, mas uma recordação viva de uma época de mudança social e econômica que formou a identidade do bairro. Almeida (2020) afirma que:

> Foi dono da Fábrica de Tecido de Fernão Velho, contratou um sistema de bondes ainda à tração animal, que funcionava às margens da Praça, da Igreja e do Solar. Era um ponto nodal. O bonde passa a ser elétrico e a área receber maior importância comercial. Mas foi no abastecimento de água que ele revolucionou. Canalizou a água no Bebedouro que se expandiu para a proximidade do Mutange **(Almeida, 2020, p. 36).**

Segundo o site Sete Segundos Notícias, de 06 de novembro 2020, (Centenária, 2020), Jacintho mandou construir um coreto na Praça Coronel Lucena Maranhão que serviu de palco para músicos que alegravam as principais comemorações anuais e em especial o Natal, fazendo do Bebedouro um bairro da elite local no final do século XX. Essa informação destaca o papel de Jacintho Nunes Leite no desenvolvimento cultural e social do bairro de Bebedouro, mostrando como suas iniciativas ajudaram a moldar a identidade local. A construção do coreto na Praça Coronel Lucena Maranhão foi significativa ao criar um espaço público de encontro e celebração, onde a música e as festividades fortaleceram o sentimento de comunidade.

10
Se destacou durante seus primeiros anos em Maceió, participando em 7 de Setembro de 1866 da criação da Associação Comercial de Maceió. Em 1867 tinha uma firma chamada, Jacintho Leite & Cia, que fundou a primeira loja de ferragens de Maceió em 1867, e possuia uma refinaria de açucar, segundo Ticianelli (2020).

Figura 34: Colagem semântica sobre Jacintho Nunes Leite.
Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.

Ainda no século XIX, o complexo arquitetônico do Colégio e Igreja de Nossa Senhora do Bom Conselho (Asilo das Órfãs) esteve diretamente relacionado ao crescimento e à crescente complexidade da vida urbana na capital. Esta era afiliada à instituição religiosa católica das irmãs sacramentinas e estiveram integradas até a década de 1930. Nesse período, um novo estilo arquitetônico começou a ganhar popularidade, o que contribuiu para o desenvolvimento da imagem arquitetônica da cidade. O Colégio não apenas desempenhou um papel importante na educação e assistência social, mas também contribuiu para a transformação urbana de Maceió, Ticianeli (2017) evidencia que:

> O orfanato feminino foi fundado sob a evocação de N. S. do Bom Conselho pela Lei nº 748 de 13 de junho de 1877 e sua instalação ocorreu em 8 de dezembro de 1877, na administração do presidente da Província Antônio dos Passos Miranda, que teve uma breve passagem pelo governo alagoano — de 16 de maio de 1877 a 8 de fevereiro de 1878 **(Ticianeli, 2017)**.

A instituição educacional inaugura o estilo eclético, posteriormente reproduzido em outra edificações monumentais como o antigo SINTEAL, que não só moldou a estética do bairro, mas também influenciou o seu desenvolvimento cultural. Inicialmente um balneário às margens da Laguna Mundaú, com o passar do tempo Bebedouro aos poucos transformou-se numa zona residencial tradicional e acabou por se tornar num local onde se misturam às tradições locais e as influências arquitetónicas da época. O destaque de edifícios históricos como o Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho, erguido em 1877, vincula-se à herança religiosa e educacional da região, contribuindo para a preservação da memória e identidade do local.

Figura 35: Registros do Asílo das Órfãs.
Fonte: Ticianeli, 2017.

A expansão de Maceió no século XIX levou a uma valorização das áreas residenciais ao redor de Bebedouro, transformando o bairro em um espaço procurado pela elite de Alagoas que buscava um refúgio da agitada zona comercial. Essa tendência resultou na construção de imponentes casas e edifícios ao longo da Avenida Major Cícero de Góes Monteiro/Rua Cônego Costa, que hoje ainda abriga construções históricas significativas, tanto em Bebedouro, quanto no bairro do Mutange. Entre elas estão o prédio do SINTEAL (Sindicato dos Trabalhadores em Educação de Alagoas), o prédio do IMA (Instituto do Meio Ambiente), o casarão do Zé Lopes e o Colégio Bom Conselho.

Figura 36: SINTEAL.
Fonte: Carvalho, 2024.

Figura 37: IMA.
Fonte: Carvalho, 2014.

Figura 38: Antiga Clínica de Repouso José Lopes.
Fonte: Carvalho, 2014.

Figura 39: Colégio Bom Conselho.
Fonte: Circuito mundo, 2017.

Todos estes edifícios citados destacam-se pelo estilo arquitetônico dos séculos XIX e XX e pela expressão histórica que conferem ao núcleo urbano de desenvolvimento que iniciou no bairro do Jaraguá e ramifica até o bairro de Fernão Velho. Localizado no litoral da Laguna Mundaú e destino de férias da camada mais abastada da população, Bebedouro um bairro festivo aos poucos transformou-se em local de passeio, graças aos bondes que iam do centro da cidade até as festas organizadas pelo Major Bonifácio.

Uma característica importante na ocupação da Avenida Major Cícero de Góes Monteiro é que as fachadas principais (por onde se fazia o acesso) dos edifícios estão voltadas para a avenida e de costas para laguna uma vez que a vista da laguna não era valorizada à época, bem como todas as atividades relacionadas ao esforço físico, ou seja, a imponência das fachadas voltadas para rua buscavam estabelecer uma relação com a cidade e com os seus usuários. Azevedo (2004) afirma que:

> (...) a laguna era apenas percebida pela relação de trabalho estabelecida com o mar: pescadores, canoeiros, jangadeiros, puxadores de rede e lançadores de tarrafa. Não havendo, portanto, contemplação e divertimento associado à paisagem, pois a necessidade e os esforços praticados como meio de sobrevivência reduziam o seu significado humano. Ainda de acordo com Lindoso (2005, apud Duarte, 2019), os cursos d'água estavam relacionados à miséria e péssimas condições higiênicas **(Azevedo, 2004; Lindoso, 2005).**

SINTEAL

FACHADA FRONTAL

FACHADA LATERAL DIREITA

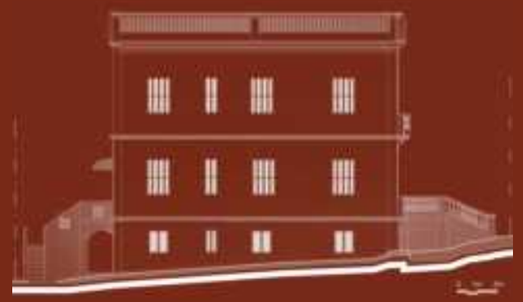
FACHADA LATERAL ESQUERDA

FACHADA POSTERIOR

Figura 40, 41, 42 e 43: Fachadas do Sinteal.
Fonte: Acervo pessoal, 2024.

IMA

FACHADA FRONTAL



FACHADA LATERAL DIREITA

FACHADA LATERAL ESQUERDA

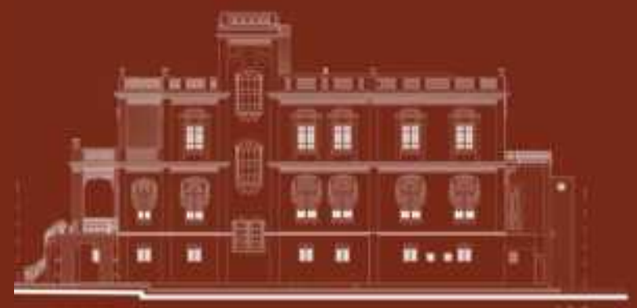
FACHADA POSTERIOR

Figura 44, 45, 46 e 47: Fachadas do IMA.
Fonte: Acervo pessoal, 2024.

ZÈ LOPES

FACHADA FRONTAL

FACHADA LATERAL DIREITA



FACHADA LATERAL ESQUERDA

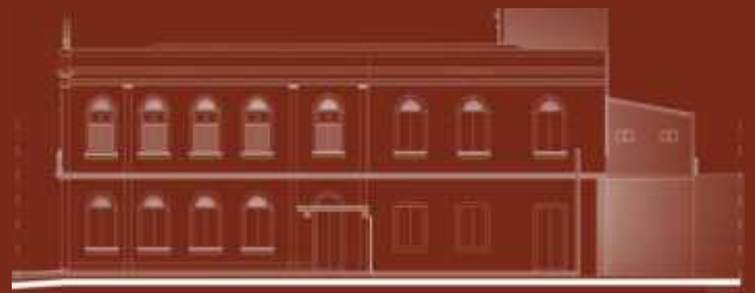
FACHADA POSTERIOR

Figura 48, 49, 50 e 51: Fachadas do Zé Lopes.
Fonte: Acervo pessoal, 2024.

BOM CONSELHO

FACHADA FRONTAL

FACHADA LATERAL DIREITA



FACHADA LATERAL ESQUERDA

FACHADA POSTERIOR

Figura 52, 53, 54 e 55: Fachadas do Bom Conselho.
Fonte: Acervo pessoal, 2024.

Keller (2006) explica que embora houvesse vários casarões existentes no bairro, muitas pessoas menos abastadas, como pescadores, também moravam lá, e construíram casas modestas perto do Laguna Mundaú, tais trabalhadores foram atraídos pela Fábrica Alexandria, instalada na região que hoje é compreendida como o bairro de Bom Parto. Todavia, Bebedouro perdeu, gradativamente, o status de berço da burguesia e tornou-se um bairro popular, cedendo espaços para as construções com linhas mais simplificadas, que anunciavam a chegada do modernismo, e a população de menor poder aquisitivo instalavam suas moradias nas margens alagadas da laguna e nas encostas que separavam a estreita nesga de terra dos tabuleiros, transformando-se em um dos bairros mais populares da cidade (Normande, 2000, p.67).

O registro documental de bens culturais torna-se essencial frente a uma possível perda da memória do patrimônio do bairro causada por eventos de grande impacto, como o afundamento de bairros atingidos pela empresa mineradora Braskem. Em Maceió, por exemplo, a crise de subsidência do solo nos bairros de Pinheiro, Mutange, Bebedouro e Bom Parto gerou um deslocamento massivo de pessoas, a demolição de edificações e o apagamento de marcos simbólicos que compunham a identidade coletiva da região. Esse processo agrava o risco de perda da memória e do vínculo dos moradores com seus lugares de origem.

Portanto, registrar esses bens culturais permite documentar, preservar e dar continuidade à história e às tradições locais. Os registros ajudam a manter viva a memória das práticas culturais, das edificações e dos espaços de convivência, para que as gerações futuras conheçam e valorizem a riqueza cultural do local, mesmo após os impactos físicos sofridos. Além disso, esses registros também podem apoiar políticas públicas de reparação e reconhecimento, ajudando a comunidade a lidar com o trauma e a reconstruir parte de sua identidade cultural, ainda que em novos contextos e lugares.

Embora não seja o foco principal deste trabalho, categorizar os bens culturais de Bebedouro é uma das premissas deste capítulo para que, em algum dos quatros cantos desta cidade, o vento ecoe a amargura da sorte inglória das narrativas históricas terem caído na mão de um castigo minerário, um rompimento entre passado e presente com sequelas sem precedentes que pode dificultar o reconhecimento e a valorização das origens culturais e das histórias que moldaram a cidade. Edifícios históricos, monumentos, e até mesmo nomes de ruas e bairros carregam histórias que ajudam a manter a identidade urbana viva. Assim, perder esses elementos também significa perder parte da história coletiva e os referenciais que unem as gerações da terra do Filé e do Boi.[11]

2.3 MAS TEVE QUE PARTIR ÀS PRESSAS

Os territórios têm um papel crucial na formação de identidades e na construção da cidadania. De acordo com análises sociológicas e geográficas, além de considerar fatores ambientais, econômicos, políticos e outros, a relação social em áreas urbanas é caracterizada por conflitos e disputas. Com foco no patrimônio cultural, examina-se várias interações sociais, especialmente entre a comunidade de Bebedouro, ao longo de sua existência, levando em conta diferentes narrativas e sua temporalidade em seu contexto territorial.

Figura 56: Ameaça de interdição da Ladeira do Calmon.
Fonte: Tribuna Hoje, 2021

Percebe-se o espaço como um elemento "que une e que divide", conforme sugerido por Santos (2013). Ele argumenta que é um capital comum a todos, porém sua utilização eficaz é limitada aos que possuem um capital particular, reforçando a ideia de propriedade privada (Braskem) em detrimento de um bem coletivo (bairros afetados). Ainda é possível observar o espaço sob duas perspectivas: a paisagem e o espaço. A paisagem, através das estruturas técnico-produtivas, e a sociedade, através da formação social, estimulam novas transformações. Portanto, o espaço pode ser interpretado como um agrupamento de objetos e relações que se estabelecem sobre eles, fruto da intervenção humana no espaço, mediada pelos objetos, sejam eles naturais ou artificiais.

11
Maceió é conhecida como a terra do filé e do boi, símbolos de uma rica tradição cultural que une o artesanato da renda filé e as expressões folclóricas do boi, representando a identidade e a história do povo alagoano.

A paisagem e o território diferem do conceito de espaço, mesmo sendo frequentemente confundidos com ele. A paisagem pode ser vista como o agrupamento de elementos que nosso corpo alcança e reconhece, diretamente associados aos nossos sentidos. No entanto, a configuração territorial representa o conjunto, unindo elementos que compõem a natureza em sua forma superficial e visível, decorrentes da geografia da sociedade a partir do espaço sociocultural. Em outras palavras, a paisagem está relacionada aos sentidos e à percepção, enquanto a configuração espacial é a organização sistemática de informações em um espaço definido (Santos, 2014).

Os impactos da atividade extrativista da Braskem sobre o solo trazem uma análise da distribuição de riqueza e poder, que segundo Harvey (2014) afetam diretamente as formas espaciais das cidades. Elas se transformam em cidades de fragmentos fortificados, comunidades cercadas e espaços públicos mantidos sob constante vigilância. Harvey (2014) também ressalta o surgimento das cidades, desde sua origem, a partir da concentração geográfica e social de um excedente de produção (laguna Mundaú), destacando uma "relação íntima" entre o avanço do capitalismo e a urbanização.

É essencial entender os aspectos morfológicos de qualquer território, desde a paisagem natural até a paisagem modificada pelo homem, seus fluxos, permanências e várias etapas de ocupação. As paisagens culturais são áreas repletas de símbolos, abrangendo "uma variedade de expressões de interação entre os humanos e seu ambiente natural" (Castriota, 2017, p.17), sinalizando a atividade humana e cultural de uma comunidade. Elas não são imutáveis, pois se moldam às novas demandas sociais, acompanhando transformações na economia, nas relações sociais e políticas, em diferentes velocidades e intensidades (Santos, 2012).

Na complexidade de suas interações com a organização dos espaços circundantes, o espaço urbano pode ser examinado sob a perspectiva do espaço social (Lefèbvre, 2006), juntamente com alguns conjuntos morfológicos de diferentes escalas, temporalidades e lógicas de funcionamento (Besse, 2014). Principalmente, é crucial levar em conta que os territórios têm uma dimensão simbólica, repleta de memórias daqueles que com eles interagem. Assim, é possível articular o conceito de "lugar" através das interações humanas e apropriações dos territórios como espaços geográficos. Nora (1993) destaca que os lugares atravessam as pessoas ao mesmo tempo e em diferentes graus, os sentidos materiais, simbólicos e funcionais:

> Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual. Mesmo um minuto de silêncio, que parece o exemplo extremo de uma significação simbólica, é ao mesmo tempo o recorte material de uma unidade temporal e serve, periodicamente, para uma chamada concentrada da lembrança. Os três aspectos coexistem sempre. Trata-se de um lugar de memória tão abstrato quanto a noção de geração? É material por seu conteúdo demográfico, funcional por hipótese, pois garante, ao mesmo tempo, a cristalização da lembrança e sua transmissão **(Nora, 1993, p.22).**

Quando a memória de um lugar encontra-se em ameaça, é pelo fato de que está havendo um conflito territorial que leva a mudanças bruscas e deslocamento de comunidades, como em áreas de risco ou em situações de gentrificação. Diante desse risco, iniciativas como o tombamento e o registro de bens culturais, o mapeamento da memória social e a preservação de espaços simbólicos são essenciais. Esses processos não só conservam o patrimônio físico, mas também garantem que as histórias, os saberes e as tradições da cidade sejam transmitidos às gerações futuras, mantendo vivas as raízes culturais e o sentimento de continuidade.

Bebedouro, assim como os demais bairros afetados que tiveram que sair às pressas, encontra-se como patrimônio sensível, que é denominado como bens culturais que não apenas possuem valor histórico ou estético, mas também evocam emoções, memórias e experiências individuais e coletivas. Esse patrimônio vai além das características físicas dos bens e se conecta diretamente à forma como as pessoas interagem com eles e o significado que atribuem a esses elementos em suas vidas e comunidades (Cunha, 2017, p. 45).

Então, o esvaziamento do território provoca a perda não apenas de bens materiais, mas também de memórias e referências culturais que compõem o patrimônio sensível, afetando profundamente a identidade das comunidades e a continuidade de suas tradições (Souza, 2019, p. 112). Os impactos sociais e urbanos causados pela mineradora, que vêm aumentando de forma exponencial, originou uma quebra na mobilidade da cidade levando a perda dos equipamentos urbanos (hospitais, unidades básicas de saúde, escolas, entre outros), da malha viária, principalmente ligada ao transporte público (ônibus, trem e veículo leve sobre trilhos - VLT) além da obsolescência de identidade cultural dos bairros atingidos (materiais e imateriais).

É entendido que à medida que as pessoas são forçadas a deslocar-se, os nós que ligam estas atividades culturais às paisagens e identidades locais são ameaçadas com a possibilidade de que estas expressões percam o seu significado e desapareçam. A necessidade de avaliar o estado atual do patrimônio cultural é, portanto, crucial, exigindo uma consciência geral da responsabilidade das autoridades públicas na sua preservação.

Reconhecendo a diversidade das expressões da cultura nacional, especialmente devido aos diferentes povos responsáveis pela colonização e formação da identidade brasileira, entendemos também que algumas ferramentas têm potencial diferenciado para promover a conservação e a proteção. Em relação a essas ferramentas, a Constituição Federal identifica três questões essenciais para a proteção da cultura e do patrimônio: **o inventário, o tombamento e o registro.**

Figura 57: Bebedouro após desocupação forçada do bairro.
Fonte: Drone Maceió, 2021. (Reprodução: *Youtube*)

O Documento de Nara,[12] resultante da conferência realizada em 6 de Novembro de 1994 no Japão, abordou e expandiu as questões de autenticidade identificadas pela Carta de Veneza[13] de 1964, com preocupações claras sobre a valorização da diversidade e da identidade cultural, ao mesmo tempo que expandiu o leque de ideias do que é patrimônio cultural:

> Num mundo que se encontra cada dia mais submetido às forças da globalização e da homogeneização, e onde a busca de uma identidade cultural é, algumas vezes, perseguida através da afirmação de um nacionalismo agressivo e da supressão da cultura das minorias, a principal contribuição fornecida pela consideração do valor de autenticidade na prática da conservação é clarificar e iluminar a memória coletiva da humanidade **(Documento de Nara, 1994, item 4, p. 1).**

É importante enfatizar que, mesmo que as cartas patrimoniais tenham tantas recomendações, elas não possuem valor legal. Assim, levando em consideração ao contexto de subsídio do solo que afeta todas as esferas – social, econômica, política e cultural – de uma população, a uma possível reestruturação urbana dos bens culturais do bairro de Bebedouro levanta muitas questões sobre a postura de intervenção, porque pressupõe o desenvolvimento e planeamento de um objeto urbano já existente, que pode considerar a presença, mesmo imaterial, de um património histórico e cultural inserido num contexto social, econômico e político; e a possibilidade de melhorar alguns aspectos da vida urbana afetados pelo desastre.

Devido a esta referência histórica e geográfica vista até aqui, atualmente Bebedouro está circunscrito numa Zona de Interesse Ambiental e Paisagístico (ZIAP), que constitui "as áreas de especial importância ambiental, em face de sua relevante contribuição para o equilíbrio ecológico", conforme o disposto no art. 31 do Plano Diretor de Maceió (Lei nº 5486/2005). Constitui também uma Zona Especial de Preservação (ZEP-3), que, conforme o art. 49 da Lei nº 5486 /2005:

> são áreas de relevante interesse cultural por constituírem no Município de Maceió:
>
> **I–** expressões arquitetônicas ou históricas do patrimônio cultural edificado, compostas por conjuntos de edificações e edificações isoladas;
>
> **II–** suporte físico de manifestações culturais e de tradições populares, especialmente a música e a dança folclórica, a culinária e o artesanato.

Embora o bairro tenha uma zona especial de preservação, a cunho municipal, apenas 37 edificações dos bairros atingidos entraram na lista do dossiê dos bens de interesse cultural no acordo entre a Braskem e o poder público, sendo selecionados apenas no território de Bebedouro, Mutange e Bom Parto. Isso permite questionar a falta de políticas públicas para salvaguardar o patrimônio em situação de desastre, ainda mais numa situação de afundamento do solo. Selecionar apenas 37 imóveis, de 4 bairros atingidos por completo, pode ter consequências devastadoras para a preservação da identidade cultural, histórica e social de Maceió e até mesmo do estado de Alagoas.

12
O Documento de Nara sobre a Autenticidade foi rascunhado pelos participantes na Conferência de Nara sobre a Autenticidade em Relação à Convenção Mundial do Património, reunida em Nara, Japão, entre 1 e 6 de Novembro de 1994, a convite da Agência Para os Assuntos Culturais (Governo do Japão) e da Prefeitura de Nara. A Agência organizou a Conferência de Nara em cooperação com a UNESCO, o ICCROM e o ICOMOS.

13
Segundo IPHAN foi o II Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos de Monumentos Históricos.

Segundo o MPF, a preservação do patrimônio histórico e cultural das áreas atingidas pelo fenômeno da subsidência é parte do Termo de Acordo Socioambiental firmado entre a empresa e o MPF em janeiro de 2021. O site do Ministério Público esclarece que em outubro de 2022 houve uma reunião com a Braskem e foi esclarecido:

> (...) a relevância histórica do corredor cultural, que se estende do bairro do Jaraguá até Fernão Velho – o que inclui Bebedouro –, para cidade de Maceió, em seguida realizou um diagnóstico da situação dos imóveis de valor histórico na Prefeitura de Maceió e apontou algumas recomendações preliminares com o objetivo de manter a integridade desses imóveis. Foi ressaltada também a necessidade de adoção de medidas voltadas à preservação do patrimônio imaterial" **(Ministério Público Federal, 2022).**

Todavia, o discurso de preservação e proteção ao patrimônio é defasado, uma vez que a história dos bairros ficaram à sorte de uma escolha de imóveis que não protege todo legado das edificações, com suas tipologias e temporalidades, além do risco de demolição e afundamento. Resumir Bebedouro, Mutange e Bom Parto a 37 edificações mostra a limitação de políticas públicas e estratégias de preservação diante de um desastre de grandes proporções, como o afundamento do solo em Maceió. A seleção de apenas 37 bens em meio a um contexto de destruição mais ampla, que envolve bairros inteiros, levanta questionamentos sobre a eficácia e a abrangência das políticas de salvaguarda adotadas.

A seleção de um número reduzido de imóveis em um território tão afetado pode resultar em uma visão fragmentada do patrimônio cultural local. A ausência de proteção para o conjunto arquitetônico e as redes culturais estabelecidas ao longo do tempo ameaça a continuidade da identidade e memória coletiva. Quando políticas públicas limitam a proteção a poucos imóveis, a mensagem que se transmite é a de que partes inteiras da herança cultural local podem ser esquecidas ou substituídas. Isso contribui para um esvaziamento cultural e social dos bairros afetados.

Em um contexto de afundamento de solo, a falta de ações abrangentes para a preservação pode resultar em danos irreversíveis ao patrimônio sensível, afetando tanto a integridade física das edificações quanto às experiências e memórias ligadas a esses espaços. Urge políticas mais inclusivas e expansivas para lidar com o patrimônio em situações de desastre, levando em conta não apenas o valor isolado de cada edificação, mas o conjunto de valores culturais, históricos e sociais, e o que essas áreas representam para a cidade e o estado. Ainda de acordo com o site do MPF:

> as medidas já adotadas para a preservação dos imóveis de interesse histórico situados no Mapa de Linhas de Ações Prioritárias da Defesa Civil de Maceió, tais como: proteção com tapumes e/ou telas para manter a integridade das construções; procedimento de escoramento de vigas para melhorar sustentação dos imóveis; e registro dos imóveis por escaneamento a laser, que reproduz as construções e as transforma em réplicas digitais, com detalhamento da fachada e do seu interior, permitindo, assim, a preservação da memória dos bairros **(Ministério Público Federal, 2022).**

Essas iniciativas demonstram um esforço para documentar e conservar a memória dos imóveis e a história local, ainda que parcialmente, oferecendo uma forma de preservar elementos do patrimônio cultural que, de outra maneira, poderiam desaparecer completamente devido à instabilidade do solo. Contudo, essas ações também evidenciam o caráter de preservação limitada, que pode ser insuficiente para a proteção de todo o valor cultural e social desses bairros.

Em 2024, durante a execução deste trabalho, foram realizadas as Oficinas de participação popular para Revisão do Plano Diretor de Maceió, divididas em três dias, cada um abordando temas emergentes específicos: mudanças climáticas, direito à cidade e reestruturação da paisagem urbana. O terceiro dia foi focado no desastre ocorrido no solo urbano de Maceió. Ao longo de todos os dias, temas centrais como habitação, expansão urbana, dinâmica imobiliária, segurança, qualidade urbana e ambiental, patrimônio cultural, uso e ocupação do solo, mobilidade e transporte foram discutidos para identificar problemas e potencialidades de desenvolvimento. O processo de revisão do Plano Diretor está em andamento, e até novembro de 2024, a linha do tempo contemplava as seguintes etapas:

Figura 58: Linha do tempo do plano de trabalho da revisão do plano diretor de Maceió.
Fonte: Prefeitura de Maceió, 2024. Adaptado pelo autor, 2024.

A expectativa é que o novo plano diretor exerça um papel precursor em Maceió, promovendo uma proteção efetiva do patrimônio cultural nos próximos desdobramentos, com uma abordagem mais atenta e assertiva. A experiência com o Plano Diretor de 2005, que se mostrou insuficiente para salvaguardar a história e a cultura dos bairros afetados pela atividade extrativista da Braskem, reforça a necessidade de uma revisão robusta e bem fundamentada para garantir e servir de exemplo (nacionalmente e até internacionalmente) que tragédias similares sejam evitadas e que o valor histórico da cidade seja preservado e não fique em domínio privado, além de que o PDM é quem vai definir o tipo de uso das áreas afetadas.

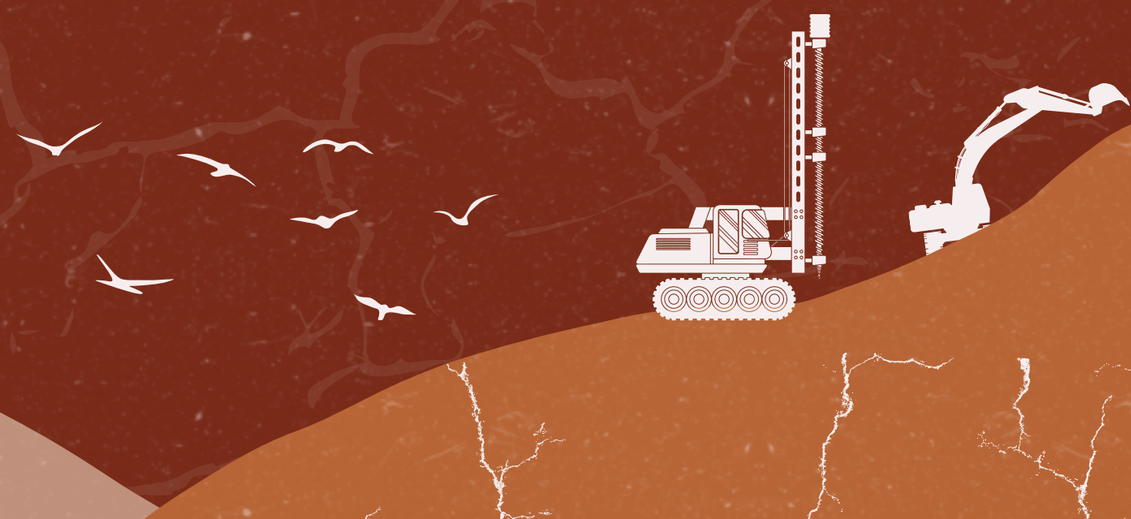
Foi visto que é no ato de partir às pressas de seu território, que pessoas/comunidades deixam para trás suas relações com o lugar ali vivido, como sentimentos, memórias, história, identidade e cultura, perdendo o sentido de territorialidade. E, contudo, se for pensar num processo de reconstrução desses espaços que foram destruídos e brecados de suas vivências, a Carta de Burra é a mais adequada para o estudo e reflexão. O documento discute definições importantes neste contexto, conceituando quatro termos, a saber: Conservação, Preservação, Restauração e Reconstrução.

A carta, ao abordar questões essenciais para a preservação e recuperação de áreas afetadas, enfatiza a necessidade de uma estrutura de implementação cuidadosa e profissional. Em seus artigos, define diretrizes que garantem a aplicabilidade dos temas discutidos e reforça a importância de uma equipe de especialistas em todas as etapas do processo de reestruturação, que é crucial para o objetivo geral deste trabalho. Esses profissionais devem não só elaborar o projeto com precisão técnica, mas também se fundamentar em provas físicas — como vestígios, documentos e registros fotográficos — para assegurar a autenticidade e o rigor histórico do trabalho. Isso é essencial para que a reestruturação não seja apenas uma réplica superficial, mas um respeito à identidade e à memória do local e de sua comunidade.

Por fim, este capítulo constrói-se como um grito de socorro para o chão que afunda, um clamor calado entre ruas e paredes, um bairro, outrora vida e luz, agora o luto marcado em pedra e poeira. Casarões que sussurram ao vento, o tempo varrendo memória e história, soterrando afeto e fundamento. Aqui, em cada esquina esquecida, há memórias suspensas no ar, ecos de risos, festas e lidas, um chão que já não sabe esperar. A terra que fora berço e morada onde passos de infância pisaram agora é o solo da dor calada que prantos e gritos não salvaram. Um clamor inaudível para que te escutem, para que vejam as paredes cair. Um bairro desfeito, mas ainda pulsante. Bebedouro, no afundar lento dos teus alicerces, pois mesmo que desapareças na terra, tua alma em Maceió nunca se perde.

CAPÍTULO 03:

um CASTIGO minerário



CAPÍTULO 03:

UM CASTIGO MINERÁRIO

No capítulo anterior foi visto que, historicamente, Alagoas foi marcado por uma relação estreita com seus corpos hídricos e recursos naturais, desde o período colonial, quando a exploração de seus rios e terras já desempenhava um papel importante na economia e estrutura social da região. Durante o colonialismo, a exploração dos recursos locais, muitas vezes descontrolada e predatória, buscava atender aos interesses da metrópole portuguesa, com pouca ou nenhuma preocupação com as consequências ambientais e sociais para as populações locais.

Essa herança parece se perpetuar na atualidade, com o exemplo mais recente sendo a atividade extrativista da Braskem, que realizou a extração de sal-gema em áreas urbanas de Maceió. A permissividade do estado em relação a essa exploração, inclusive em áreas densamente habitadas, reflete um padrão semelhante ao do passado: a exploração econômica prevalece, por vezes, em detrimento da preservação ambiental e do bem-estar das comunidades locais. Esse processo de exploração moderna, embora tecnicamente diferente do colonial, revela uma continuidade histórica na forma como o território é utilizado, muitas vezes negligenciando os riscos e impactos para o patrimônio ambiental, cultural e humano.

A atual situação também sublinha a necessidade de políticas de gestão mais rigorosas e conscientes, capazes de equilibrar o desenvolvimento econômico com a proteção do patrimônio natural e cultural, rompendo com a lógica exploratória e fortalecendo a proteção e o respeito pelos corpos hídricos e pelos valores culturais de Alagoas. O "castigo minerário" imposto pela exploração da Braskem evidencia uma realidade que exige tanto reparação para as vítimas quanto maior rigor na proteção do patrimônio e do meio ambiente em regiões afetadas por atividades de mineração.

A cidade de Maceió, capital do Estado de Alagoas, localizada entre Laguna Mundaú e o Oceano Atlântico, possui 50 bairros em seu território e uma população de 957.916 habitantes (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2022). A conformação do município faz com que o Oceano e a Laguna desempenhem um papel importante na cidade, fazendo parte não só da paisagem urbana local, mas também das memórias e, consequentemente, dos laços afetivos criados entre a população e o seu território. Para compreender a transformação urbana que Maceió vive hoje, devido à subsidência fundiária, é necessário primeiramente compreender as características geomorfológicas e a atividade urbana da cidade, bem como os principais impactos no processo de regeneração urbana da cidade desde a implantação da antiga Salgema.

É na década de 1970, que inicia um "castigo minerário", segundo Duarte (2010) a relação com a região lagunar começou a ser modificada com a implantação da Salgema Indústrias Químicas S.A. (atual Braskem), no bairro Pontal da Barra, localizada entre as margens da Laguna e do mar. A inserção da indústria mineradora demandou intervenções físicas, como o aterro de parte da Laguna (totalizando 202 hectares) para criação do Dique-Estrada em 1982 – via com cinco quilômetros de extensão às margens da Laguna Mundaú – atendendo as necessidades de ampliação da empresa para escoamento de sua produção e, segundo o discurso político da época, seria a solução para resolver as enchentes periódicas na região.

É nesse contexto de desenvolvimento da empresa em solo maceioense que neste capítulo veremos a trajetória que veio a desenvolver o maior desastre tecnológico urbano mundial. E, para entender tal atuação e os impactos da extração da matéria-prima, sal-gema, será apresentado a caracterização da área, entendida como centro histórico de desenvolvimento do bairro de Bebedouro na praça coronel Lucena Maranhão (e além dela), analisando os aspectos urbanísticos e paisagísticos, a fim de contextualizar o desastre e as ameaças aos bens patrimoniais, por meio de leis, mapas, imagens e levantamento dos dados históricos e patologias encontradas.

3.1 POR DÉCADAS NO SUBSOLO

Neste tópico será elencado o estudo da paisagem em decorrência do desastre por meio das relações em que se deu a implantação da Mineradora Salgema Indústrias Químicas S/A, atual Braskem S/A, com sua atividade extrativista que acabou com a dinâmica dos bairros, com as trocas econômicas, culturais e sociais, assim como a cidade está afetada em inúmeros aspectos relacionados ao consumo do espaço dos agentes produtores.

Foi desenvolvida uma linha do tempo, para melhor exemplificar a evolução da industrialização na cidade de Maceió:

DÉCADA DE 1940 A DÉCADA DE 1960

O relato da instalação da mineradora Salgema ilustra, inicialmente, a forma centralizada de tomada de decisões durante o Regime Militar, onde a segurança da impunidade sustentava decisões acima das leis em vigor. Além disso, evidencia a prioridade dada ao capital e ao progresso econômico da época, em detrimento das condições de moradia e segurança na comunidade e na cidade (Vieira, 1997, p.141).

De acordo com Mafra (2022) em 1941, durante a Terceira República, no governo Vargas, foram iniciadas explorações na Laguna Mundaú em busca de petróleo na cidade de Maceió. No entanto, esta busca não teve sucesso naquela época, mas uma camada de sal-gema altamente puro foi encontrada. Esse minério é utilizado na produção de soda cáustica e PVC.

Na década de 60, o Brasil viveu um expressivo crescimento econômico que contribuiu para o fortalecimento do regime militar, o "milagre econômico", que esteve relacionado a políticas econômicas do Governo Castelo Branco e suas repercussões. A criação do Programa Befiex, em 1972, permitiu às empresas exportadoras uma série de incentivos à atividade de exportação/importação. (Nascimento, 2024, p.47).

Com a descoberta desse mineral, houve interesse na década de 1960 e foi concedida uma concessão de jazida por 22 anos, porém, conforme relata Mafra (2022) “a concessão tornou-se obsoleta e um empresário baiano chamado Euvaldo Luz obteve-a em 1966. Foi formada a firma Salgema LTDA”.

Figura 59: Implantação e atual localização da Braskem (antiga Salgema) entre o mar e a Laguna Mundaú. **Fonte:** Vieira, 1997.

Figura 60: Implantação e atual localização da Braskem (antiga Salgema) entre o mar e a Laguna Mundaú.
Fonte: Vieira, 1997.

Durante as décadas de 1960 e 1970, o crescimento urbano da cidade sofreu significativas alterações devido à instalação da mineradora, que se destaca como um fator determinante na ocupação do território desde o seu estabelecimento. A mineradora é uma corporação global que emergiu durante o período ditatorial brasileiro, também conhecido como "Milagre Econômico", que financiou diversas indústrias em todo o país com a finalidade de substituir componentes químicos que o Brasil importava.

DÉCADA DE 1970

Em 1974, o Governo Federal implementou o II Plano Nacional de Desenvolvimento - PND, que estrategicamente estabeleceu polos de desenvolvimento para potencializar projetos significativos no Nordeste. Este plano previa a formação de pólos cloroquímicos em Alagoas, Sergipe e Bahia, além da criação de complexos químicos complementares (Fragoso, 2022, p.95). Conforme Mafra (2022), a construção da fábrica de clorossoda iniciou-se em 1974, durante a vigência do AI-5, durante a ditadura militar sob a liderança de Geisel.

Figura 61: Presidente Ernesto Geisel em Maceió, [s. d.].
Fonte: Histórias do Subsolo, 2022.

Figura 62: Sede da Braskem em 1976.
Fonte: Braskem, 2024.

Com isso, a indústria de extração de sal-gema em Maceió obteve condições vantajosas e autorizações legais para operar dentro das fronteiras urbanas da cidade, sem enfrentar quaisquer limitações em suas operações. Cavalcante (2020) declara que, além das ações físicas resultantes da instalação do complexo industrial, existem também as perfurações de 35 poços para a extração de sal-gema, situados a 1.200 metros de profundidade, localizados em três dos cinco bairros atualmente impactados pela subsidência do solo: Mutange, Bebedouro e Pinheiro.

Portanto, durante a década de 1970, a política desenvolvimentista do governo federal incentivou a instalação da Salgema, levando em conta apenas o lucro, sem levar em conta outros aspectos da sua situação ambiental. Isso resultou na destruição de um santuário ecológico situado entre a laguna e o mar, ocupando de maneira arrasadora uma região de grande relevância histórica, social e ambiental. Este procedimento gerou debates acalorados, resultando na declaração do local da mineradora como zona industrial para legitimar sua instalação (Nascimento, 2024, p. 45).

A influência de interesses políticos e privados foi tão intensa que, mesmo com a vulnerabilidade dos locais onde situavam-se os pólos da SALGEMA, o governo optou por construir um aterro entre os dois locais da indústria, sob a alegação de que a região em torno da laguna era propensa a inundações. Por outro lado, Duarte (2018) afirma que, com a valorização do mar como área de lazer e os investimentos no turismo, na década de 1970, a cidade começou a se expandir para o norte, afastando-se cada vez mais da área lagunar. Esta, por sua vez, enfrentou um processo intenso de marginalização, com moradias inadequadas, esgotos expostos e elevadas taxas de violência.

Figura 63: Aterramento de lixo, após denúncias. **Fonte:** Vieira, 1997.

DÉCADA DE 1980

A localização onde o complexo industrial foi instalado, é uma área de restinga, à beira mar, próximo ao encontro do mar com a Laguna (figura 58), assim como a obra do Dique-Estrada, são frutos da imposição do regime militar em que o país vivia na época. A grande instalação industrial localizada próxima a uma área costeira é formada por vários tanques de armazenamento e unidades de processamento, provavelmente parte de uma refinaria de petróleo, planta química e instalação de processamento de gás. A proximidade com o oceano sugere que este pode ser um local relacionado a operações de petróleo ou gás offshore, com o cais que se estende para o mar possivelmente servindo como um ponto de carregamento/descarregamento para navios ou para descarregar recursos de plataformas offshore.

A atuação da mineradora simboliza as marcas do planejamento urbano neoliberal, que produz intervenções drásticas na paisagem e no meio ambiente, colocando o desenvolvimento econômico como princípio norteador do planejamento urbano da cidade. Há relatórios oficiais da década de 1980 indicando que a localização desta indústria não é conveniente para a segurança da população de Maceió, devido ao risco de acidentes relacionados a vazamentos de produtos químicos.

JORNAL DE ALAGOAS

SALGEMA:

Relatório do óbvio

Assembléia debate risco e segurança da Salgema

Sugestões e conclusões

Figura 64: Noticiário do Jornal de Alagoas em 9 de maio de 1984. **Fonte:** Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, [s. d.].

Porém, ressalta-se que na época da instalação da Indústria não existia a Lei N° 6.938, de agosto de 1981, que dispõe da política nacional do meio ambiente, e não havia discriminação legal com relação à definição de distrito industrial em Maceió, só em 1978 já com a empresa operando, a prefeitura da cidade considerou o bairro do Pontal da Barra como zona industrial, a partir da lei municipal n° 2485 (Cavalcante, 2020).

Assim, a instalação da Indústria perto da Laguna Mundaú desprezou os habitantes locais e a economia da área, que dependia fortemente dos recursos naturais da Laguna. Esta, por sua vez, vem passando por constantes transformações desde a instalação da Salgema, com a diminuição de áreas verdes da restinga, a poluição decorrente do fluxo de líquidos industriais e o aterramento de extensas áreas da laguna.

Figura 67: Crianças residentes da área do Pontal da Barra na década de 80, Jornal Tribuna de Alagoas, em 1986.
Fonte: Histórias do Subsolo, 2022.

Segundo Nascimento (2024) durante a década de 1980, quando a mineradora solicitou a expansão do Terminal Químico de Alagoas - TEQUIAL, as discussões e protestos da sociedade foram frequentes. A ameaça de uma expansão já era perceptível pelos inúmeros acidentes documentados. Embora os protestos fervorosos dos movimentos sociais, o governo permitiu essa expansão.

Figura 65: Charge sobre os riscos da Salgema na década de 80 por Ênio Lins na Tribuna Hoje em 1985.
Fonte: Pronzato, 2021.

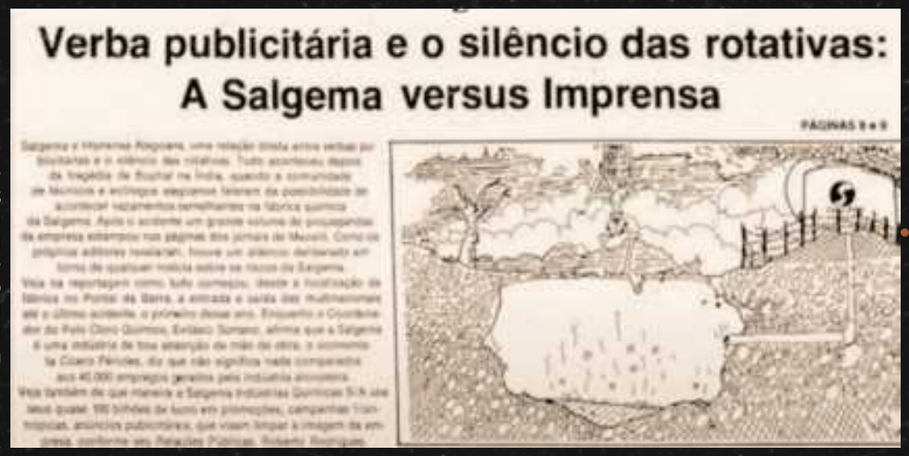


Figura 66: Charge sobre os riscos da Salgema na década de 80 por Ênio Lins na Tribuna Hoje em 1985.
Fonte: Pronzato, 2021.

TEQUIAL:

MAIS UMA BOMBA NO CORAÇÃO DE MACEIÓ

Já estão à disposição do povo alagoano, os estudos sobre o terminal químico

Duas dezenas de tanques com substâncias tóxicas

Figura 68: Publicação dos estudos sobre o Terminal Químico da Salgema, Jornal da Tribuna, em 06 de agosto de1985.
Fonte: Histórias do Subsolo, 2022.

A VOZ DO JORNALISTA — PÁGINA 15

FIM DO JETON

Câmara e Assembléia criam comitês

Um Movimento pela Vida

Origens do Pólo

Figura 69: Noticiário da manifestação contra a Braskem, A Voz do Jornalista, em julho de 1985.
Fonte: Histórias do Subsolo, 2022.

A expansão do terminal, no entanto, ocorreu em outra cidade, no território de Marechal Deodoro, integrada ao Complexo Estuarino Lagunar, lar das duas maiores lagunas do Estado: Mundaú e Manguaba. Com essa expansão, foram legitimados novos investimentos no setor, gerando novas indústrias que compõem uma cadeia de produção industrial.

Era evidente que na construção e duplicação da Salgema/Braskem havia um conflito de interesses: a maior inquietação das pessoas recaía sobre os riscos de acidentes e poluição ambiental, defendidos pela população ou grupos de classe média, e a proteção à moradia, defendida por grupos de baixa renda do bairro Pontal da Barra, adjacente à Salgema/Braskem, preocupados com uma eventual remoção forçada.

No entanto, a população de maior renda, composta por membros da oligarquia local, produtores de álcool e políticos, compreendia que o valor ambiental e social estava muito aquém do benefício econômico que lhes era favorável. A bandeira sempre foi o sistema político e econômico, tão adaptável à noção de progresso e desenvolvimento urbano.

> Trata-se de um conflito de interesse, em termo de ocupação do solo, tendo como protagonistas as elites econômicas interessadas no uso industrial ou turístico da restinga, e os moradores. A questão que se coloca, portanto, é a ocupação do território. Dito de outra forma, o solo da restinga tem um valor de uso para os moradores, e um valor de troca - ou de geração de renda - para as elites econômicas **(Vieira, 1997, p.54).**

A Lei Nº 6.938 estabeleceu ainda o Sistema Nacional do Meio Ambiente (SISNAMA), que está interligado ao Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA), exercendo funções consultivas e deliberativas. A Avaliação de Impactos Ambientais (AIA) e o procedimento de licenciamento para empreendimentos que possam causar poluição foram estabelecidos.

Todavia, a primeira resolução do CONAMA só foi publicada em 1986, definindo os critérios fundamentais e orientações do AIA, incluindo os Relatórios de Impacto Ambiental (EIA/RIMA). Esses critérios englobaram pesquisas sobre o ambiente socioeconômico, reconhecendo as comunidades impactadas e compreendendo a conexão intrínseca entre o empreendimento e a sociedade (Lima, 2017, p.285).

Figura 70: Pichações nos muros do bairro do Pontal da Barra, 1986. **Fonte:** Vieira, 1997.

É então que a Constituição Federal de 1988, além de valorizar a diversidade étnica e cultural do povo brasileiro, buscou garantir os direitos das minorias e a proteção do meio ambiente, mencionando essa proteção em diversos capítulos da lei fundamental (Brasil, 1988). No entanto, as pressões econômicas nunca cessaram, desrespeitando incessantemente as minorias, os territórios, a cultura e a vida, gerando situações que persistem até os dias atuais de injustiça social, ambiental e racismo ecológico.[13]

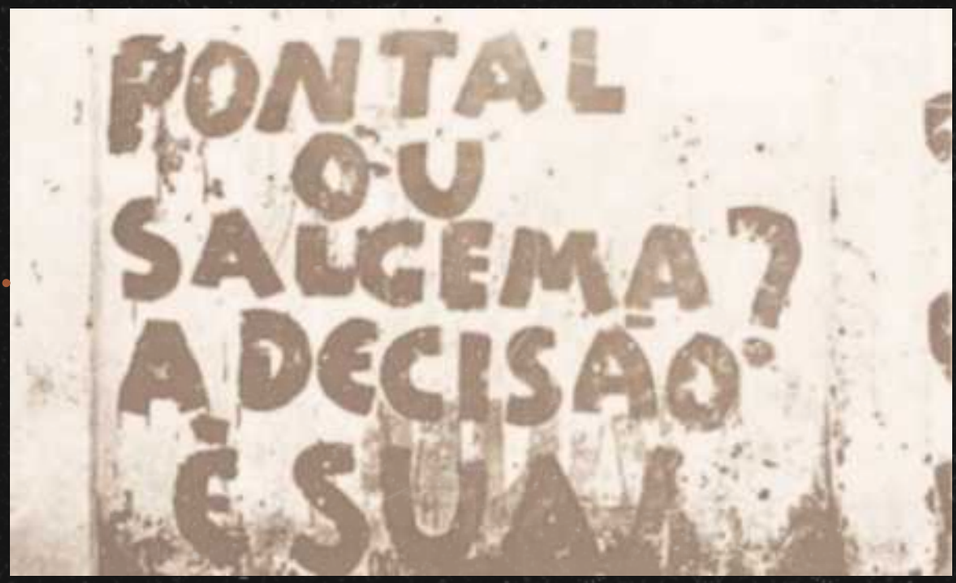


Figura 73: Pichações nos muros do bairro do Pontal da Barra, 1986. **Fonte:** Vieira, 1997.

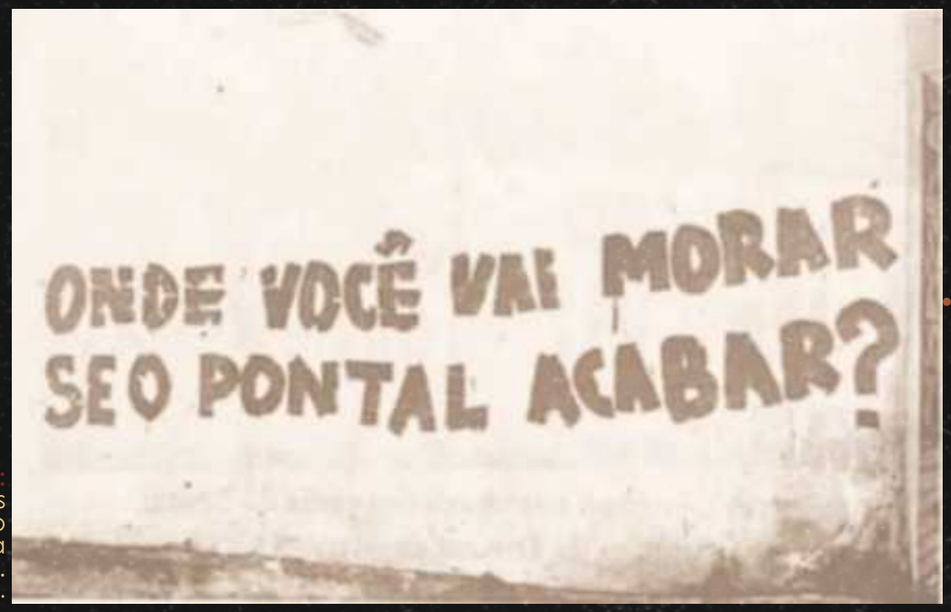


Figura 71: Pichações nos muros do bairro do Pontal da Barra, 1986. **Fonte:** Vieira, 1997.

Segundo depoimento dos moradores, o pichamento dos muros do bairro foi feito com o acompanhamento de uma viatura policial, foram notados carros estacionados diante das residências durante noites seguidas, e as lideranças foram convocadas em diversos momentos para comparecerem à Salgema, ou à Secretaria de Planejamento do Estado, (...) essas pressões sem dúvida geraram apreensão nos moradores, que se sentiam ameaçados (Vieira, 1997, p. 68).

Figura 72: Manifestação contra a Duplicação da Salgema em 1986. **Fonte:** Vieira, 1997.

13
A Constituição assegura o direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado (Art. 225) e reconhece que este é um direito de todos, devendo ser protegido pelo Estado e pela coletividade para as presentes e futuras gerações. Além disso, o Art. 5º garante a igualdade de todos perante a lei, proibindo qualquer forma de discriminação, o que inclui práticas que afetem desigualmente grupos racialmente vulneráveis em questões ambientais.

DÉCADA DE 1990

No início dos anos 90, apesar de não se referir especificamente às leis ambientais, é relevante mencionar a Lei 8.032/1990, durante a administração do Presidente Fernando Collor de Mello. Esta lei discutiu o Programa Nacional de Desestatização, que transferiu atividades exclusivamente públicas para o setor privado. Em paralelo a isso, em 1995, durante a administração de Fernando Henrique Cardoso - FHC, foi elaborado o Plano Diretor de Reforma do Estado, que delegou à iniciativa privada o controle e administração das atividades econômicas, com exceção das atividades minerárias, deixando ao governo a participação como agente ativo em atividades de bem-estar social. (Nascimento, 2024, p.50)

Esta exceção se deve à relevância do setor de mineração, que deveria estar sob o controle do Estado. Em outras palavras, era um meio de regulamentação para condicionar, limitar e influenciar os mecanismos de intervenção do Estado na economia, mantendo simultaneamente o controle do Estado nas atividades de mineração, já que o Estado também atuava como investidor. Apesar da autorregulação que impôs restrições às atividades econômicas, existia uma "força intrínseca" na mineração que, teoricamente, influenciava, mas não liderava.

Na década de 90, o setor petroquímico brasileiro era dividido entre o primeiro e o segundo pólo. O primeiro polo envolvia a produção de matéria-prima básica, como eteno e propeno, enquanto o segundo polo lidava com a transformação dessas matérias-primas em produtos como plásticos, solventes e borracha sintética. Desde os anos 90, a Copene, uma das principais precursoras da Braskem, estava em expansão e modernização de sua infraestrutura no Polo Petroquímico de Camaçari, na Bahia. Este período também testemunhou o crescimento das empresas que, posteriormente, culminariam na criação da Braskem.

A privatização do Estado teve um impacto significativo no setor petroquímico, e essas companhias iniciaram a consolidação de suas operações com o objetivo de aumentar a competitividade no mercado mundial. Até 1997, a mudança mais significativa no capital social da Salgema foi a entrada da Odebrecht como acionista majoritária, fazendo com que a empresa mudasse de nome para Trikem.

Figura 74: Material escolar doado pela Salgema em 1989.
Fonte: Cotidiano fotográfico, 2023.

Figura 75: Felicitações de Natal da Salgema que, segundo ela, está atuando no desenvolvimento de Alagoas.
Fonte: Cotidiano fotográfico, 2023.

Figura 76: Logo da Trikem.
Fonte: RADANI, 1998.

Figura 77: Tanque de armazenamento industrial da empresa com o nome de Trikem.
Fonte: Braskem, 2024.

DÉCADA DE 2010

Em uma ação inovadora, a Braskem introduziu o polietileno verde em 2010, um biopolímero obtido a partir do etanol da cana-de-açúcar. Este produto é totalmente reciclável e absorve CO2 durante sua fabricação, contribuindo para a diminuição da pegada de carbono. O "plástico verde" representa uma das inovações mais significativas da companhia no rumo à sustentabilidade.

Durante a década de 2010, ultrapassou a marca de operações em mais de 100 nações e unidades de produção, não só no Brasil, mas também nos Estados Unidos, México e Alemanha. Este avanço além das fronteiras brasileiras foi estimulado por aquisições e investimentos estratégicos. Por exemplo, nos Estados Unidos, a Braskem possui instalações que fabricam polipropileno, enquanto no México, a companhia mantém uma colaboração com a IDESA[14] para a produção de polietileno.

Embora todo o sucesso da empresa, ela passa pela crise do conglomerado Odebrecht desencadeada pela operação Lava Jato, a Braskem foi impactada e negociou empréstimos entre 2016 e 2018 com os bancos Santander Brasil, BB, BNDES, Bradesco e Itaú Unibanco. Esses bancos são os proprietários da empresa, uma vez que a Braskem não estava conseguindo vender suas ações para pagar suas dívidas com seus credores (Fragoso, 2022, p.96 e 97).

DÉCADA DE 2000

No começo do novo século, a Braskem incorporou as atividades da Trikem e de outras companhias envolvidas no processo de fusão, consolidando suas atividades de produção de polímeros, utilizados em uma vasta variedade de produtos industriais e de consumo. Portanto, a Trikem deixou de ser uma entidade autônoma após essa fusão.

É em 2002, que a Trikem fundiu-se com outras empresas petroquímicas, como Copene, Nitrocarbono e Proppet, para formar a **Braskem**. Esse movimento fez parte da estratégia do Grupo Odebrecht de consolidar suas operações no setor petroquímico, criando a maior empresa desse segmento na América Latina. De fato, a mineradora se estabeleceu como a maior companhia brasileira e sulamericana na exploração do sal-gema e, alcançando a posição de maior empresa global no ramo cloroquímico em 2008. Nascimento (2024) afirma que, no momento, a empresa tem 50,1% de seu capital nas mãos da Novonor [Odebrecht], seguida pela Petrobras com 47% das ações e 2,9% de acionistas de menor capital. Desde a sua criação, a Braskem vem expandindo sua atuação globalmente e diversificando seus negócios.

Figura 78: Colagem semântica sobre a Braskem.
Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.

*Sais presentes no solo maceioense até chegar na sal-gema.

14 A sigla IDESA refere-se ao Índice de Desigualdade Socioambiental. Esse índice é utilizado para medir e analisar disparidades socioeconômicas e ambientais em diferentes regiões, considerando variáveis que refletem as condições de vida da população, como acesso a saneamento básico, qualidade do ar, exposição a riscos ambientais, acesso a áreas verdes e outras condições ligadas ao meio ambiente e ao desenvolvimento humano.

A Licença de Operação (LO) é um documento emitido por órgãos ambientais que autoriza o funcionamento de uma atividade ou empreendimento potencialmente poluidor, após a verificação de que este cumpre com todos os requisitos de controle ambiental necessários. No caso da licença mais antiga identificada, a Licença de Operação 157/2016 e suas extensões em 2016 e 2017, com vigência até 2027, permitiram à empresa continuar suas operações industriais, possivelmente com monitoramento ambiental regular e condições específicas impostas pelo órgão licenciador.

No ano de 2018, a Braskem viveu um período notável tanto em termos de progressos quanto de desafios. Manteve-se como a maior fabricante de resinas termoplásticas na América Latina e uma das empresas líderes globais neste setor. A companhia alcançou lucros altos, beneficiados pela retomada da economia mundial e pelo aumento da procura por produtos petroquímicos e resinas.

Entretanto, enfrentou um problema grave relacionado às suas atividades de extração de sal-gema em Maceió. Esta atividade, que fornece insumos para a fabricação de PVC, foi identificada como a principal responsável por trincas em imóveis, fendas nas vias, afundamento do solo e crateras que surgiram sem causa aparente no bairro do Pinheiro. Essas ocorrências foram desencadeadas, inicialmente, por um abalo sísmico percebido pelos habitantes da cidade.

A partir disso, pesquisas revelaram que a atividade de mineração estava associada à criação de cavidades subterrâneas, resultando na formação de rachaduras em centenas de casas e provocando o deslocamento forçado de milhares de famílias. A questão causou grande impacto no estado e iniciou um processo de negociação com o governo, os residentes afetados e outras partes interessadas.

Licença Ambiental

IMA

Licença de Operação Nº 157/2016 Validade: 31.03.2022

O INSTITUTO DO MEIO AMBIENTE DO ESTADO DE ALAGOAS - IMA/AL, expede a presente Licença de Operação nº 157/2016 – IMA/GELIC, que renova a LO nº 166/2011, com base na Resolução nº 105/2006, de 31 de outubro de 2006, do CONSELHO ESTADUAL DE PROTEÇÃO AMBIENTAL – CEPRAM e na Lei nº 6.787 de 22 de novembro de 2006, Art. 47, por meio da qual autoriza a empresa BRASKEM S.A, inscrita no CNPJ nº 42.150.391/0035-33, estabelecida na Avenida Major Cicero de Góes Monteiro, nº 2889, Bebedouro – Maceió – Alagoas, a operar a Base da Unidade de Mineração, localizada em sua sede e dos poços de produção de sal: 13, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37 e 38.

Esta Licença de Operação é válida até 31 de março de 2022 e está condicionada ao cumprimento das condicionantes que constam no verso desta licença e dos demais anexos constantes do Processo IMA nº 4903-4240/2014 (Parecer Técnico IMA/GELIC nº 662/2015). Esta Licença deverá estar disponível, por ocasião da realização de fiscalizações.

Maceió-AL, 31 de março de 2016.

Gustavo Ressurreição Lopes

Diretor Presidente

Figura 79: Licenças de Operação da Mineradora Braskem em 2016.
Fonte: Histórias do Subsolo, 2022.

IMA

INSTITUTO DO MEIO AMBIENTE ESTADO DE ALAGOAS

LICENÇA AMBIENTAL DE OPERAÇÃO- LO

VALIDADE: 27/06/2027

O Instituto de Meio Ambiente do Estado de Alagoas IMA/AL expede a presente Licença de Operação Nº 203/2017- IMA/GELIC, que renova a LO Nº 092/2015, com base na Resolução nº 77/2015, de 27 abril de 2015, do Conselho Estadual de Proteção Ambiental CEPRAM e na Lei 6.787/06, Art. 47, e suas alterações, por meio da qual autoriza o Salmouroduto da empresa BRASKEM S.A - SALMOURODUTO, inscrita no CNPJ 42.150.391/0020-33, estabelecida na Avenida Major Cícero de Góes Monteiro, Nº 2889, Bebedouro, Maceió-AL.

Figura 80: Licenças de Operação da Mineradora Braskem em 2017.
Fonte: Histórias do Subsolo, 2022.

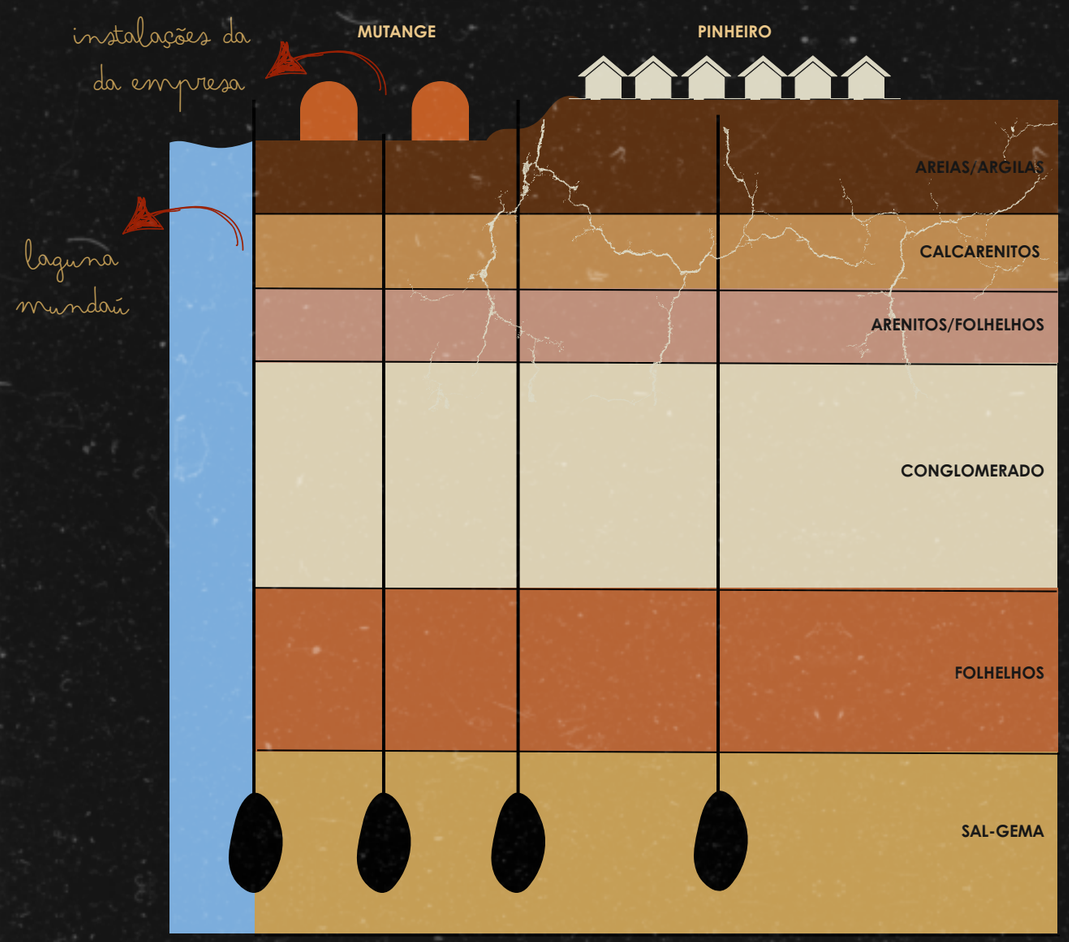


Figura 81: Esquema com a profundidade das minas e as camadas de rochas que compõem o solo.
Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.

LEGENDA TEMÁTICA:

- Área de Resguardo
- Praça Coronel Lucena Maranhão
- Área de Criticidade 00
- Área de Monitoramento

Figura 82: Localização da empresa no Bairro do Mutange e definição das áreas de risco.
Fonte: Braskem, 2024. Adaptado pelo autor, 2024.

DÉCADA DE 2020 ATÉ ATUALMENTE

Apesar de todo desastre ocorrendo em curso em solo urbano maceioense, a companhia persistiu no investimento em pesquisa e inovação. A companhia se empenhou no desenvolvimento de novos materiais e tecnologias focados na economia circular e na utilização eficaz de recursos. Permaneceu fiel à Agenda 2030 das Nações Unidas, definindo objetivos de sustentabilidade focados na economia circular e no uso de matérias-primas renováveis.

Como grande parte das corporações globais, a Braskem foi impactada pela pandemia da Covid-19. A crise sanitária mundial apresentou desafios operacionais, especialmente no que diz respeito à segurança dos colaboradores, à cadeia de fornecimento e à procura de mercado, pois até o ano de 2020 extraía o sal-gema e hoje ainda produz a clorossoda, matéria prima do plástico.

Segundo o Ministério Público Federal (MPF) em janeiro de 2020 foi firmado o Termo de Acordo para Apoio na Desocupação das Áreas de Risco entre MPF, MP, DPU, DPE e Braskem na Justiça Federal, permitindo a evacuação da área de risco de criticidade 00 e a devida compensação justa por parte da empresa.

No final do mesmo ano, a MPF formaliza um acordo de reparação socioambiental e urbanística, onde a empresa mineradora se compromete a implementar ações de mitigação, reparação ou compensação socioambiental, além de assegurar os recursos necessários para sua execução. Tal acordo foi organizado em três aspectos: **(i) ações nas áreas desocupadas; (ii) ações de mobilidade urbana e (iii) medidas de compensação social.**

Segundo um comunicado da Defesa Civil, ocorreram dois eventos sísmicos na região evacuada do bairro do Mutange em novembro de 2023. Foram magnitudes avaliadas como baixas, sem potencial para causar danos à superfície ou serem percebidas pelo público, sendo apenas identificadas pelos dispositivos de monitoramento, vulneráveis a eventos sísmicos desse tipo. No entanto, informações divulgadas pela mídia e redes sociais apresentam relatos de residentes que notaram os abalos no solo.

Figura 83: Foto tirada dois dias antes do rompimento de parte da mina 18 da Braskem, no Mutange, em Maceió, mostra equipamento, no detalhe em vermelho, que monitorava movimentação do solo, que foi levado pela água após o colapso da mina.
Fonte: G1 AL, 2023.

Figura 84: O risco de colapso da mina 18, no Mutange, levou a situação emergencial de evacuação da população do bairro do bom Parto, em 2023. **Fonte:** Balanço Geral, 2023.

No dia 29 de novembro daquele ano, a Defesa Civil Municipal emitiu um aviso sobre a possibilidade de um afundamento brusco do solo, o que provocou uma série de ações tomadas pelo Ministério Público Federal (MPF), com a colaboração do Ministério Público de Alagoas (MPAL) e da Defensoria Pública da União (DPU). Já no dia 10 de dezembro de 2023, o subsolo da mina 18 cedeu, resultando em uma cratera sob a laguna Mundaú com capacidade para armazenar água suficiente para encher 11 piscinas olímpicas. Desde então, a mina 18 atingiu 90% de sua capacidade, segundo o G1 AL.

De acordo com relatórios do CPRM, para intensificar os efeitos urbanos nos bairros impactados e na cidade, a Caixa Econômica Federal - CEF, em 2021, relacionou 1.400 ruas para suspender seguros de imóveis em regiões próximas à área afetada. A Justiça Federal de Alagoas só acatou o pedido da DPU em 12 de janeiro de 2024, após várias recusas das seguradoras de imóveis, imposição de preços excessivos e um aumento significativo nos valores cobrados, interpretados como uma tática para evitar a contratação de seguros para residenciais.

Ademais, a Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Braskem aprovou o relatório final do senador Rogério Carvalho (PT-SE) em 21 de maio de 2024, que sugeriu a indiciação de três empresas e 11 indivíduos pelo afundamento do solo em Maceió, com a finalidade de: investigar as causas do afundamento do solo; estabelecer Maceió como um modelo para a análise do sistema de regulação das atividades de mineração no Brasil; e promover a justiça para 60 mil indivíduos impactados pelo delito ambiental.

Com esta breve linha do tempo é visto que é necessário salientar a crítica à Braskem como componente de um capitalismo opressor, embora, atualmente, seja um assunto que ganhou destaque no cenário nacional e internacional, que possibilitou discussões acerca dos efeitos das grandes empresas no meio ambiente, nas comunidades locais e na economia mundial. Em Maceió, o ocorrido desastre tecnológico aconteceu em áreas urbanas, que o distingue de outros desastres ambientais e que leva algumas perguntas: Como foi permitida a exploração de recursos naturais em solo urbano por tantas décadas? A responsabilidade social, o impacto ambiental e a função das empresas multinacionais na consolidação de um sistema econômico que frequentemente favorece mais o capital do que as comunidades impactadas por suas atividades foram silenciados por pura ganância do homem?

No caso específico de Maceió, já são cerca de 60 mil pessoas que são vítimas e obrigadas a abandonar suas residências devido aos efeitos provocados pelas operações de extração de sal-gema da Braskem que está por décadas no subsolo. Segundo muitos críticos, este é um exemplo claro de como o capitalismo opressor opera, deslocando populações vulneráveis em prol do lucro empresarial e sem uma compensação apropriada que representa as perdas humanas, materiais e todo o sentimento que aflige esses deslocados forçados que não conseguimos mensurar.

3.2 SOB RUAS, CASAS, TRILHOS E COMÉRCIO

Bebedouro é um bairro quede acordo os dados do Censo 2010 possuía 10.103 habitantes espalhados numa área de 2,20 quilômetros quadrados e uma altitude de 55 metros. Limitando-se com os bairros de Fernão Velho, Santa Amélia, Chã de Bebedouro, Chã da Jaqueira, Gruta de Lourdes, Pinheiro e Mutange. Alberga componentes que conformam importantes marcos visuais: a linha férrea com a estação ferroviária, a rua Cônego Costa, a rua Doutor Passos de Miranda, conhecida como Ladeira do Calmon, e a Praça Coronel Lucena Maranhão.

Diante disso, o presente trabalho tem por objetivo estudar os aspectos paisagísticos do bairro de Bebedouro, no entorno imediato da praça coronel Lucena Maranhão, a fim de entender como a paisagem urbana, especificamente, em Bebedouro é formada por ruas, casas, trilhos e comércio e é importante para compreender o uso e ocupação do solo antes da remoção forçada de seus residentes, a partir dos seguintes eixos: suporte físico, dinâmica ecológica, população, mobilidade e infraestrutura, sistemas de espaços livres, formas de produção e apropriação da cidade, que trazem a questão de identidade e cultura dentro da temática do patrimônio.

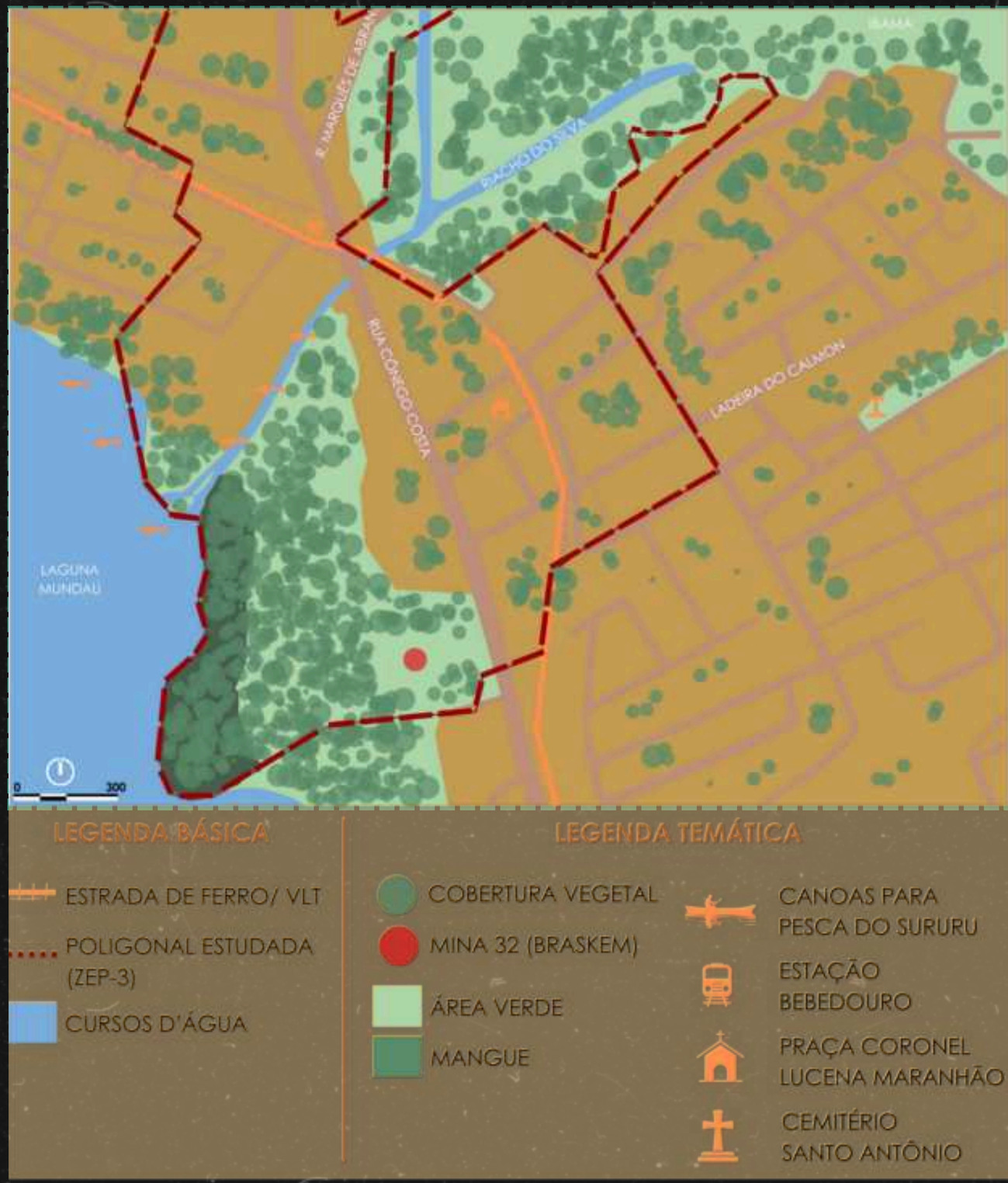


Figura 85: Praça coronel Lucena Maranhão e seu entorno imediato em Bebedouro.
Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.

3.2.1 SUPORTE FÍSICO

No caso específico de Maceió, já são cerca de 60 mil pessoas que são vítimas e obrigadas a abandonar suas residências devido aos efeitos provocados pelas operações de extração de sal-gema da Braskem que está por décadas no subsolo. Segundo muitos críticos, este é um exemplo claro de como o capitalismo opressor opera, deslocando populações vulneráveis em prol do lucro empresarial e sem uma compensação apropriada que representa as perdas humanas, materiais e todo o sentimento que aflige esses deslocados forçados que não conseguimos mensurar.

Com altitude mínima de 2m e e máxima de 56m a topografia irregular constitui um relevo composto por planaltos sedimentares que apresentam características fisiológicas distintas, uma vez que podem ser formados tanto por vales estreitos e encostas abruptas, quanto por vales abertos com encostas suaves. Percebe-se essa topografia acentuada, com uma alta diferença de níveis entre o campo da Vila Saem, ponto mais alto da poligonal, e a região de mangue, ponto mais baixo observado na imagem (figura 86).

Os solos que compreendem este território são predominantemente profundos e de baixa fertilidade natural, sendo representados por: Latossolos e Podzólicos nos topos das chapadas; Podzóis e Podzólicos com Fragipan e Plínticos nas pequenas depressões; Podzólicos Concrecionários em áreas dissecadas e encostas; e por fim, Gleissolos e Solos Aluviais nas áreas de várzeas.

Quanto à hidrografia, o bairro está inserido na bacia hidrográfica do Rio Mundaú, sendo seus principais cursos d'água o Riacho do Silva e a Laguna Mundaú. O tipo de drenagem é do tipo dendrítica, causada por sua topografia irregular. É perceptível a ausência de qualquer intervenção paisagística, uma vez que o único elemento presente em seus arredores é a mata ciliar que, atualmente, encontra-se ameaçada, devido à relação com o colapso da mina 18, que está afetando o ecossistema.

O suporte físico do bairro de Bebedouro, em Maceió, é caracterizado por um terreno com solos relativamente frágeis e suscetíveis a movimentações

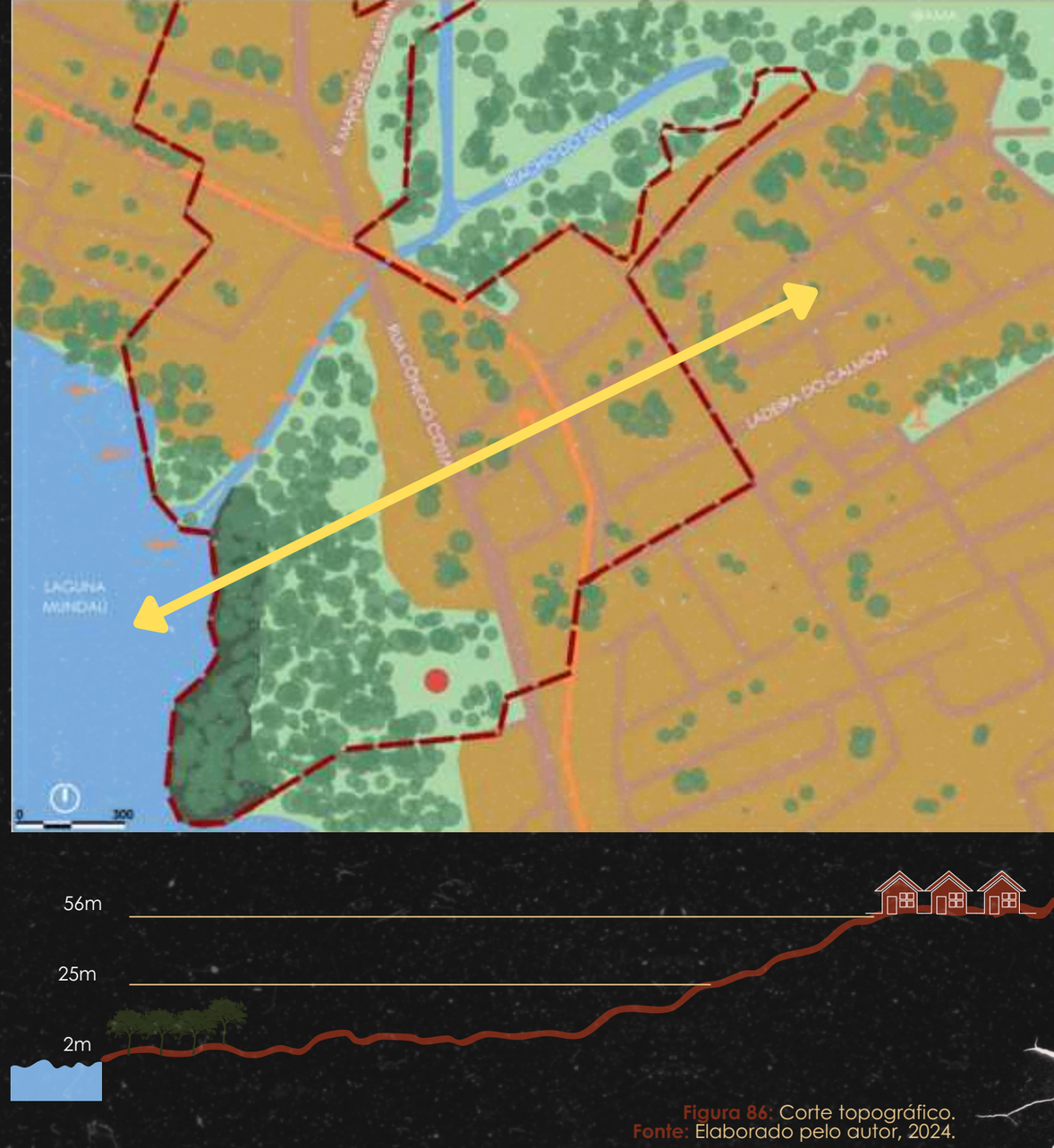


Figura 86: Corte topográfico.
Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.

em especial devido à presença de aquíferos e a sua proximidade com a Laguna Mundaú. A área foi historicamente ocupada e urbanizada em torno desse corpo hídrico, o que contribuiu para que o bairro se desenvolvesse com uma forte relação com a laguna e seus recursos naturais. Entretanto, o suporte físico de Bebedouro sofreu impactos significativos nas últimas décadas devido à exploração de sal-gema pela Braskem. Esse tipo de atividade extrativa gerou vazios subterrâneos que desestabilizaram o solo, levando à subsidência (afundamento) e ao aparecimento de rachaduras em edificações e na infraestrutura urbana, comprometendo o suporte físico do bairro.

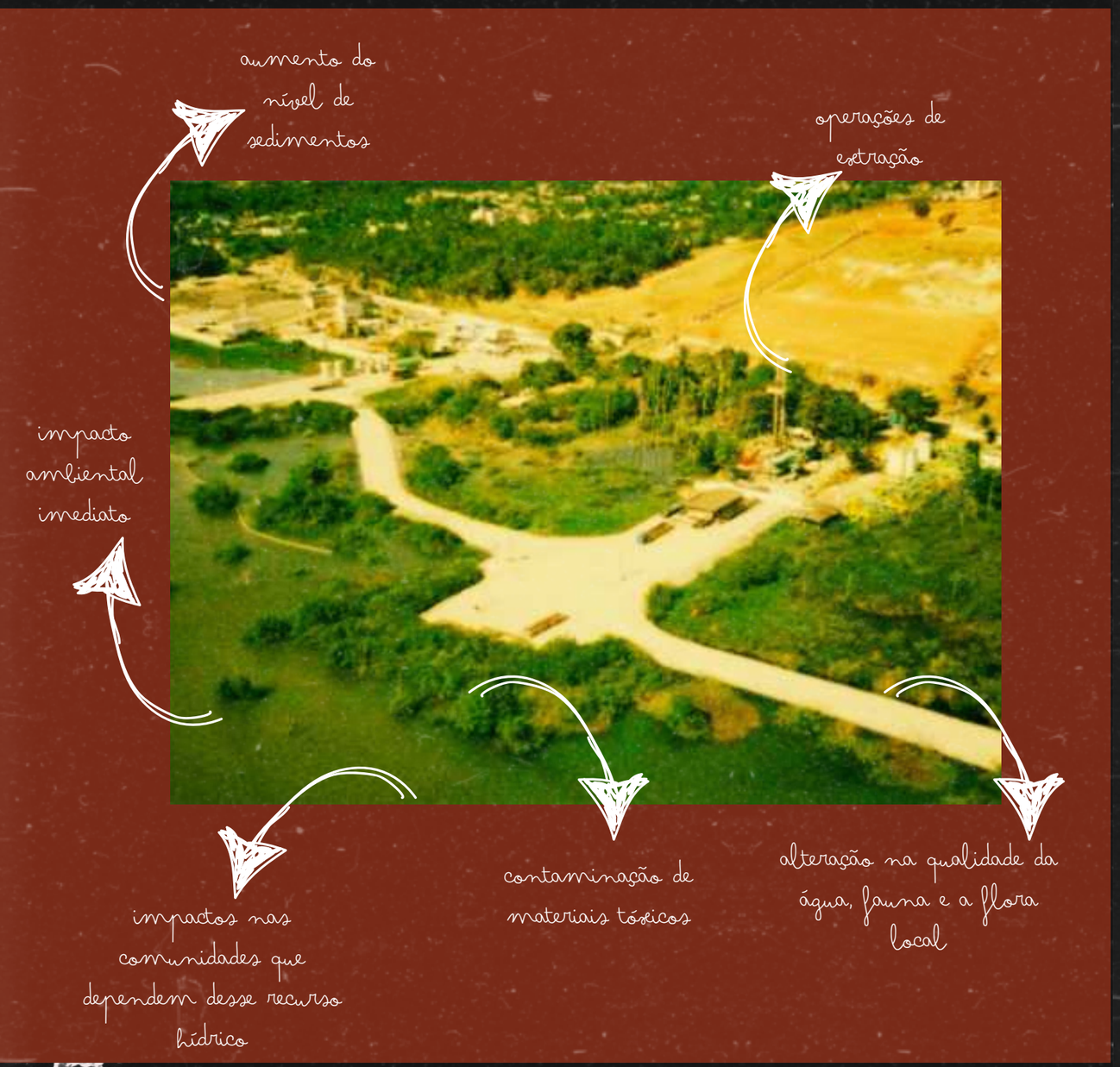


Figura 87: Trecho da laguna Mundaú após rompimento da mina 18.
Fonte: TNH1, 2024. Adaptado pelo autor, 2024.

As transformações observadas na figura 87 indicam uma transição no bairro de Bebedouro de uma base estrutural relativamente estável para uma condição de alto risco geológico. O solo, antes seguro para a habitação e atividades urbanas, agora apresenta instabilidade, comprometendo a segurança das edificações e dos moradores. Esse cenário foi agravado pela exploração de sal-gema, que causou a formação de cavidades subterrâneas, levando à subsidência do terreno e ao aparecimento de fissuras e rachaduras.

3.2.2 DIMÂMICA ECOLÓGICA EXISTENTE E POTENCIAL

O nordeste de Bebedouro abrange parte do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) que são responsáveis dos Parque Municipal e Parque do Horto. (...) são áreas de preservação com segurança para os animais e de Mata Atlântica. Em ambos, o visitante poderá ver Jacarés-de-papo-amarelo, Frangos d'água, Tatus Bola, Cágados de Barbicha, Preguiças, Saguins, Gaviões Falcões, Corujas, Raposas, Tamanduás Mirim e Cobras. (Prefeitura de Maceió, 2024).

O ecossistema predominante em Bebedouro é a mata atlântica, caracterizada pelo elevado número de espécies. Além das árvores e arbustos, destacam-se também as plantas epífitas (bromélias, aráceas e orquídeas), trepadeiras e cipós. Ao analisar as vegetações identificadas na poligonal, é possível perceber uma maior predominância de plantas arbóreas e exóticas, dentre elas o sombreiro (*Clitoria fairchildiana*), bananeira (*Musa paradisíaca L.*) e palmeira imperial (*Roystonea oleracea*). Além dessas, algumas das poucas nativas presentes na região são a goiabeira (*Psidium Guajava L*) e cajazeira (*Spondias mombin*), como podem ser vistas na figura 88.

No entorno imediato da praça, como evidenciado na anteriormente, tem-se algumas massas de vegetação arbórea, com grande presença de árvores frutíferas e áreas de vegetação rasteira, sobretudo ruderal nas proximidades da Laguna Mundaú, área pouco urbanizada, e em terrenos vazios dentro das quadras. Além disso, nota-se que a maioria dessa cobertura vegetal encontra-se no fundo dos lotes, que, segundo Lemos (2003) em decorrência da herança colonial de Portugal no povoamento do bairro, no qual os jardins ficavam nos fundos da casa.

Devido ao sistema de drenagem insatisfatório, o bairro responde de forma precária aos impactos sofridos pelas chuvas, frequentemente alagando nas áreas topográficas mais baixas, próximas às valas de drenagem, além de vir sofrendo variação no nível da laguna, que sobrecarrega os cursos d'águas locais. Apesar disso, a maior parte da área é composta por vegetação, o que indica que há várias áreas de solo permeáveis. Nas áreas de proteção ambiental, onde se encontram áreas íngremes de densa vegetação, a resistência à erosão é maior devido à redução do impacto das gotas de água no solo, facilitando sua infiltração. Além disso, ao chover, o barro que é levado dos níveis mais altos aos níveis mais baixos, enriquece o solo local e fomenta o comércio de artesanato local.

Figura 89: Nível do Riacho do Silva elevado deixando a população ilhada na Rua Tobias Barreto. **Fonte:** G1 AL, 2017. Adaptado pelo autor, 2024.

Nome popular: Mangueira
Nome científico: *Mangifera indica*
Família: *Anacardiaceae*
Origem: Exótica
Porte: Arbóreo: 10 m a 45 m
Diâmetro da copa: 10 m
Floração: Rósea e amarelada
Ciclo de vida: Perene

Nome popular: Cajazeira
Nome científico: Spondias mombin
Família: Anacardiaceae
Origem: Nativa
Porte: Arbórea
Diâmetro da copa: 3-4m
Floração: Branca e amarela
Ciclo de vida: Perene

Nome popular: Goiabeira
Nome científico: Psidium Guajava L.
Família: Myrtaceae
Origem: Nativa
Porte: Arbórea 3-8m
Diâmetro da copa: 5-6m
Floração: Verde
Ciclo de vida: Perene

Nome popular: Brico de viúva
Nome científico: *Syzygium cumini*
Família: *Myrtaceae*
Origem: Exótica
Porte: Arbórea 6-15m
Diâmetro da copa: 4,5-8m
Floração: Verde
Ciclo de vida: Perene

Nome popular: Jambo
Nome científico: *Syzygium malaccense*
Família: *Myrtaceae*
Origem: Exótico
Porte: Arbórea
Diâmetro da copa: 5m
Floração: Rósea
Ciclo de vida: Perene

Nome popular: Bananeira
Nome científico: *Musaceae*
Família: *Musacea*
Origem: Exótico
Porte: Arbórea
Diâmetro da copa: 3-4m
Floração: Rósea e vermelha
Ciclo de vida: Perene

Nome popular: Sombreiro
Nome científico: *Clitoria fairchildiana*
Família: *Fabaceae*
Origem: Nativa
Porte: Arbórea, 10-15m
Diâmetro da copa: 5- 10m
Floração: Lilás
Ciclo de vida: Perene

Nome popular: Fruta-pão
Nome científico: *Artocarpus altilis*
Família: *Moraceae*
Origem: Exótica
Porte: Arbórea, 12-15 m
Diâmetro da copa: 5-8m
Floração: Verde
Ciclo de vida: Perene

Nome popular: Palmeira Imperial
Nome científico: *Roystonea oleracea*
Família: *Arecaceae*
Origem: Exótica
Porte: Arbórea 4-5 m
Diâmetro da copa: Arbórea, 30-40m
Floração: Cor branca
Ciclo de vida: Perene

Figura 88: Algumas das árvores existentes em Bebedouro.
Fonte: Imagens retiradas da internet. Adaptado pelo autor, 2024.

3.2.3 POPULAÇÃO

No censo do IBGE (2010), Bebedouro possuía uma densidade demográfica de 4.592 habitantes por quilômetro quadrado. Segundo a PNAD (2021), no Brasil o número de mulheres é superior ao de homens, Bebedouro segue esta lógica, uma vez que, segundo o IBGE (2010), as mulheres marcavam um percentual de 54,23% da população total do bairro. Ainda de acordo com IBGE (2010) os bairros de Bebedouro, Bom parto, Chã de Bebedouro, Chã de Jaqueira, Centro, Farol, Garça Torta, Jaraguá, Pinheiro, Pitanguinha, Ponta da terra, Ponta Grossa, Prado, Trapiche da Barra, tinha reduzido de população.

Em contrapartida os bairros que mais cresceram proporcionalmente naquela década, devido a grande quantidade de habitação construídas com o advento do Programa Minha Casa Minha Vida (MCMV), foram: São Jorge, com um crescimento de 95,9%, seguido de Antares com 86,7%, Riacho Doce com 87,8% e Ouro Preto com 53,0%. Já os bairros que diminuíram a população são localidades que geograficamente não têm expansão para crescer. As residências nos principais logradouros tornaram pontos comerciais, como é o caso do Centro, que diminuiu em 24,2% seguido de Jaraguá em 23,8%.

As complexas dinâmicas urbanas desencadeadas pela crise geológica causada pela atividade da Braskem, que resultou no deslocamento massivo de cerca de 60 mil pessoas e no abandono de 14.549 imóveis até 2024 fez com que esse êxodo forçado trouxesse implicações profundas para o mercado imobiliário e a estrutura urbana da cidade, afetando não apenas as áreas diretamente impactadas, mas também reverberando em outras regiões metropolitanas.

O processo de esvaziamento populacional nos bairros afetados pelo afundamento do solo — Bebedouro, Bom Parto, Farol e Pinheiro — começou a se manifestar antes mesmo do desastre geológico relacionado à Braskem. Segundo dados do Censo de 2010, esses bairros já apresentavam uma diminuição na população residente em comparação ao Censo de 2000, sendo parte de um grupo de 14 bairros de Maceió que tiveram esse declínio populacional.

Essa redução pode ser atribuída a diversos fatores, como a falta de oportunidades de expansão geográfica e urbana. Esses bairros estão situados em áreas que, por suas características geográficas e limitações físicas, não apresentam espaço para o crescimento natural. Em contextos como esse, o esgotamento do potencial habitacional, combinado com fatores socioeconômicos e de infraestrutura, pode impulsionar um movimento migratório, onde moradores buscam regiões com melhores condições de vida, moradia ou oportunidades econômicas.

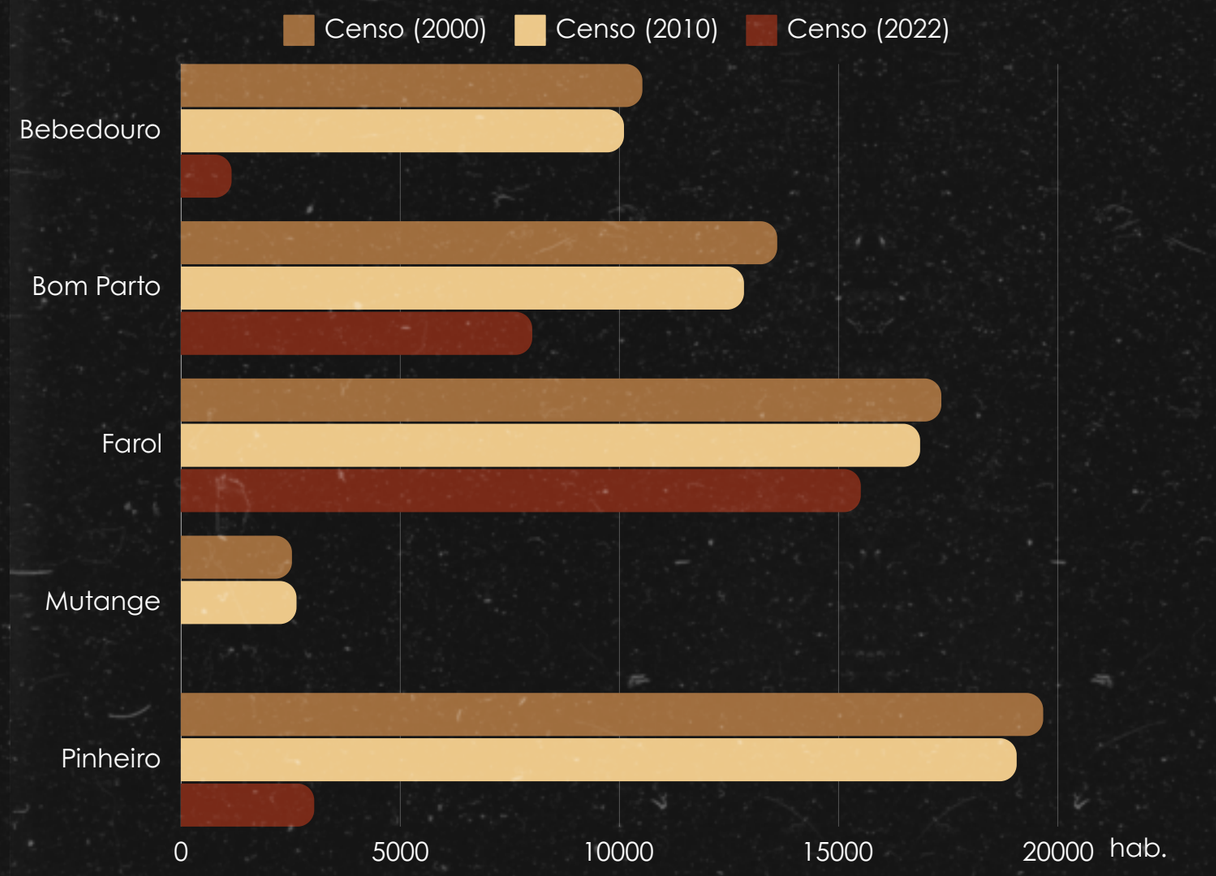


Figura 90: Dados populacionais dos bairros atingidos pela mineração da Braskem.
Fonte: Panorama do Censo, 2022. Adaptado pelo autor, 2024.

Para a atualização dos dados demográficos no contexto desta pesquisa, foi utilizada a plataforma Panorama do Censo 2022, com base nos dados de setores censitários do IBGE (figura 90). Esse método permitiu estimar a quantidade de deslocados nos bairros afetados pela atividade de mineração da Braskem, mesmo sem dados específicos de cada bairro. Essa análise também revela uma desigualdade no impacto das indenizações oferecidas aos moradores deslocados. Aqueles que receberam valores indenizatórios mais altos ou que já tinham uma renda per capita familiar elevada conseguiram se realocar em áreas com boa infraestrutura e acesso a equipamentos públicos.

Em contraste, parte da população teve menos poder de escolha, uma vez que algumas indenizações foram menores que o valor dos imóveis perdidos. Esses moradores, ao receberem uma compensação insuficiente, muitas vezes se viram obrigados a buscar novas residências em áreas com preços mais acessíveis, que nem sempre ofereciam a mesma qualidade de vida e estrutura que tinham antes do deslocamento. Esse descompasso nas indenizações gera uma problemática social significativa: enquanto alguns conseguiram se adaptar em áreas com condições satisfatórias, outros tiveram que aceitar opções mais limitadas, impactando sua qualidade de vida.

Com a tragédia do afundamento do solo, o processo de despovoamento desses bairros se intensificou drasticamente. Tal remoção forçada, motivada pelas condições de risco geológico, consolidou ainda mais o cenário de abandono e desocupação, agravando a queda populacional e provocando um impacto urbano significativo num dos núcleos históricos de Maceió. Isso gerou um desafio duplo: a recuperação e requalificação das áreas afetadas e a necessidade de adaptar as políticas de urbanização, reassentamento e habitação para lidar com os danos físicos e sociais resultantes da crise.

Figura 91 e 92: Variação populacional em locais de encontros diários na praça Lucena Maranhão, em Bebedouro. **Fonte:** *Google Earth*, 2024. Adaptado pelo autor, 2024.

3.2.4 MOBILIDADE E INFRAESTRUTURA

O bairro possui dois elementos importantes para a mobilidade urbana de Maceió: a estação ferroviária e a estrada de ferro/VLT, que vai desde o bairro do Jaraguá até Rio Largo, passando por Satuba, este trecho compreende a rota de funcionamento atual da ferrovia, entretanto, ao chegar em Rio Largo há uma bifurcação, em que um dos trilhos vai até Sergipe, passando pelas microrregiões do estado de Alagoas da Zona da Mata, Região Serrana dos Quilombos e Agreste e um outro que vai até o estado de Pernambuco, indo desde a bifurcação e passando pela microrregião da Zona da Mata e região agrícola do estado pernambucano.

A Estação Ferroviária de Bebedouro, que já foi um importante ponto de transporte e integração na região de Maceió, teve suas atividades profundamente afetadas após o desastre. Com o agravamento das rachaduras e a instabilidade do terreno, a estação, assim como outras construções no bairro, foi desativada por medida de segurança. A área ao redor da estação passou a ser considerada de risco de criticidade 00, o que afetou o uso da infraestrutura ferroviária. Além disso, a necessidade de realocação das famílias e a desvalorização da região como um polo urbano contribuíram para que a estação perdesse a função, ainda assim, a estação era importante para a comunidade que fazia o trajeto até o centro, passando por Bebedouro e o fluxo que tinha anteriormente, mas, ainda sendo um modal importante para a população dos Flexais e de Fernão Velho, que sofre um ilhamento social.

O fatídico desastre alterou a linha férrea em uma extensão que vai do bairro de Bebedouro até Bom Parto. A interrupção da linha não apenas afeta o transporte de carga ou locomoção, mas também tem um impacto profundo na memória urbana e no patrimônio cultural de Maceió, uma vez que essa linha faz parte da história ferroviária da cidade e das comunidades que ela conecta. Os moradores da região foram forçados a depender exclusivamente do transporte rodoviário, principalmente ônibus, atual operação de transbordo de passageiros, que ocorre diariamente entre as estações Bebedouro e Bom Parto. Essa mudança teve um impacto significativo na rotina e no tempo de deslocamento da população local.

Figura 93 e 94: Estação de Bebedouro e o VLT.
Fonte: Acervo pessoal, 2024.

Durante as visitas ao local para a elaboração deste trabalho, foi observado que os trilhos do trem foram removidos. De acordo com uma reportagem da Tribuna Hoje (2024), a Braskem contratou uma empresa de engenharia para desmontar os trilhos nos bairros que apresentam subsidência em Maceió, por onde passava o VLT (Veículo Leve sobre Trilhos). Essa obra, com previsão de duração de 12 meses, compreende o trecho entre as estações de Bom Parto e Bebedouro. A justificativa apresentada pela Braskem para a remoção dos trilhos é que essa intervenção é necessária para a instalação de novas redes de drenagem. Essas redes fazem parte do projeto de estabilização da encosta do Mutange, uma medida considerada essencial para mitigar os riscos de deslizamento e aumentar a segurança dos terrenos impactados pela exploração de sal-gema.

2012

continuidade do fluxo da rua

presença de árvores

acúmulo de lixo

Figura 95: Linha férrea na Rua José Moreira, Bebedouro.
Fonte: *Google earth*, 2019.

2024

fluxo da rua contido

perda da fachada

remoção dos trilhos

aplicação de asfalto

remoção de árvores para colocar tapumes

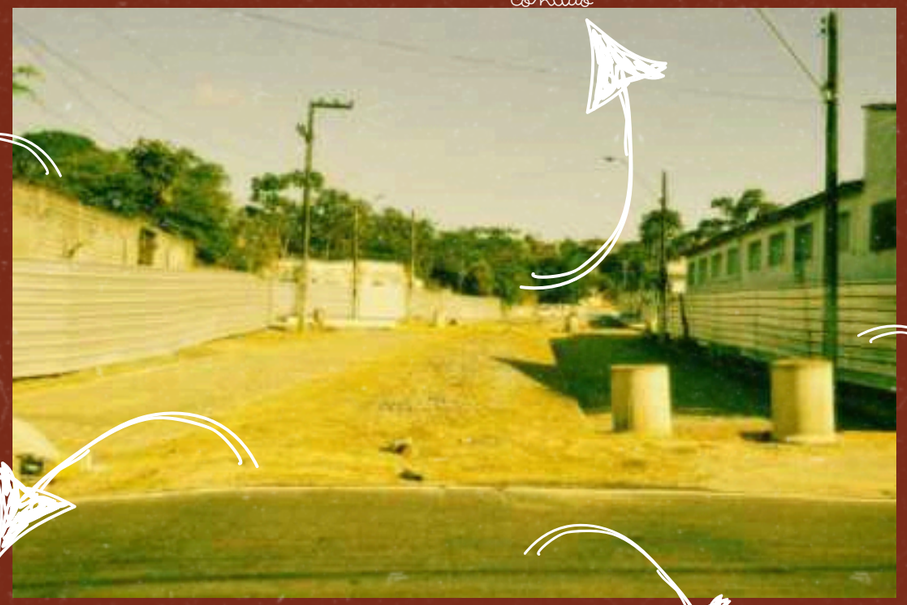


Figura 96: Remoção dos trilhos do trem e VLT na Rua José Moreira, Bebedouro.
Fonte: Acervo pessoal, 2024.

Ao aprofundar o estudo da área analisada neste trabalho, percebe-se que, anterior à realoção forçada da população, o tráfego, tanto de pessoas, quanto de modais, concentrava-se nas vias coletoras próximas à via férrea e naquelas que circundam a via central do recorte, que contam com grande fluxo de automóveis de grande porte. Não só por tal movimentação, o alto fluxo de ciclistas também pode ser notado pela quantidade de bicicletas paradas em estabelecimentos. Apesar disso, a área conta com poucos espaços destinados a estacionamento formal de veículos, de modo que essa função é assumida informalmente pelas laterais das vias e pelas calçadas (figura 97).

fachada ativa

presença de sinalização vertical

vegetação existente na calçada

ausência de espaço para estacionamento

fluxo contínuo de veículos

largura útil da calçada suficiente em apenas um lado da via

Figura 97: Rua Cônego Costa, em frente ao Colégio Bom Conselho, em Bebedouro.
Fonte: *MapioNet*, 2019. Adaptado pelo autor, 2024.

Quanto ao transporte coletivo, apenas algumas vias são contempladas diretamente, porém só há um terminal local, de onde partem o trem e o VLT. O alto fluxo ao longo da rua Conego Costa ocorre pela concentração de fachada ativa de comércio e por ser uma via coletora que conecta a região mais alta da cidade com o centro de Maceió. Dentre as precariedades na mobilidade, está a questão da acessibilidade, visto que as calçadas são, em sua grande maioria, desniveladas, pequenas e/ou não pavimentadas. Nota-se, além disso, um problema com a destinação do lixo, que acumula em diversos pontos do bairro, o que pode ser atribuído à ausência de lixeiras ao longo da área pública.

Figura 98: Rua João Leite Sobrinho, em Bebedouro.
Fonte: *Google Maps*, 2019. Adaptado pelo autor, 2024.

Ainda tratando da infraestrutura das vias, elas estão classificadas em dois tipos: as vias coletoras, que compreendem as vias responsáveis pela capilarização dos fluxos advindos das vias arteriais no tecido urbano, e as vias locais, que são as vias de uso comum aos moradores e responsáveis pela circulação dos fluxos nas regiões mais internas da malha urbana. Ainda pode também classificar as vias a partir do sistema de pavimentação implantada nelas. Em Bebedouro, temos três tipos de vias a partir da pavimentação: as vias calçadas com paralelepípedo, as asfaltadas e as não pavimentadas.

A partir do levantamento destes dados consegue-se enxergar algumas características em decorrência do cruzamento qualitativo das vias, como por exemplo da observação de que a maioria das vias coletoras e locais têm em seu sistema de pavimentação o asfalto como principal método construtivo, ao passo que as vias locais são majoritariamente pavimentadas com paralelepípedos. O que nos aponta para algumas características observáveis na dinâmica de uso e apropriação dessas vias, a exemplo da velocidade em que os automóveis passam nelas, que tende a ser mais alta nas asfaltadas e mais lentas nas vias pavimentadas com paralelepípedos ou não pavimentadas.

Outro elemento sobre uso e apropriação das vias é o fato de os pedestres costumeiramente usarem as ruas para se locomoverem dentro da cidade, tal prática é corriqueiramente perceptível nas vias locais, onde é mais seguro andar nas ruas devido a baixa velocidade em que circulam os veículos, mas que não se restringe exclusivamente a este fato, uma vez que a infraestrutura irregular das calçadas contribuem para tal. Observando os perfis viários, nota-se em geral uma falta de infraestrutura, calçadas com dimensões inferiores às mínimas exigidas por norma, de 1,20m, além disso, a falta de sombreamento de vegetação e a irregularidade das calçadas.

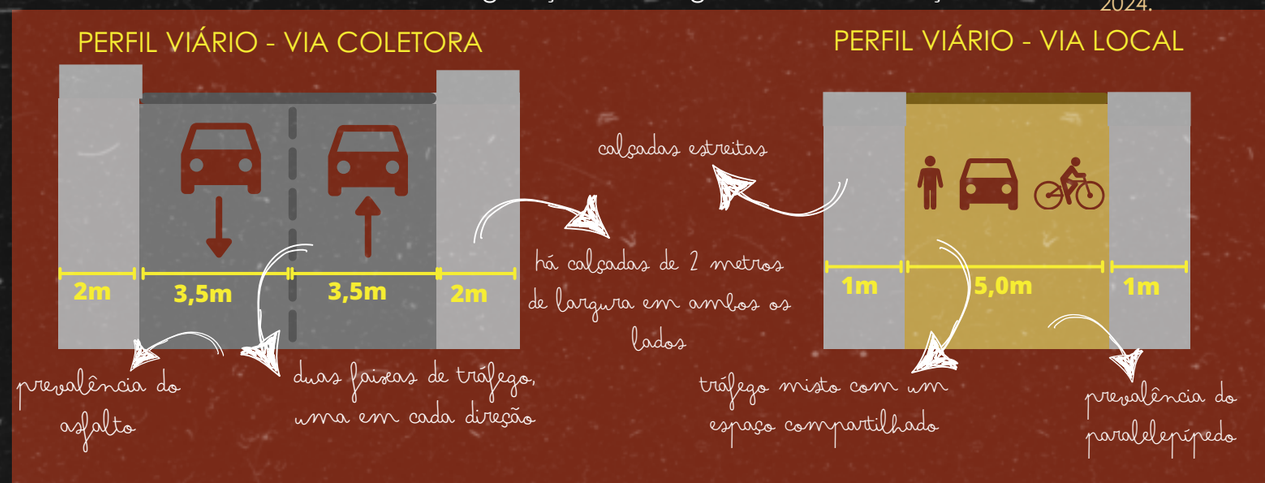


Figura 99: Perfis viários da via coletora e local, em Bebedouro.
Fonte: *Google Maps*, 2024. Adaptado pelo autor, 2024.

Quanto ao cenário da infraestrutura urbana, segundo visita de campo realizada, vale ressaltar que, embora o bairro esteja circunscrito à bacia hidrográfica do rio Mundaú, há domicílios com problemas de acesso à água encanada, como é o caso dos moradores dos Flexais. As ocupações por construções nessa área acarretam sérios problemas devido ao aumento das superfícies impermeabilizadas, provocando alagamentos e podendo comprometer o futuro abastecimento de água, que em algumas localidades, ocorre por meio de poços. No âmbito da iluminação pública, a área conta com uma razoável malha de postes de iluminação, carecendo de intensificá-los apenas na área das praças e as ruas locais que as cercam, visto que durante a noite a área fica sob uma penumbra que provoca insegurança aos usuários.

3.2.5 SISTEMA DE ESPAÇOS LIVRES - SELs

Segundo Faria e Cavalcanti (2009) o sistema de espaços livres urbanos se constitui em ser um complexo em interrelação com outros sistemas, drenagem e transportes, por exemplo, cujas funções consistem em coincidir ou justapor em relações de conectividade com a preservação, as atividades de lazer, a conservação, a requalificação ambiental, a drenagem urbana, a circulação, o imaginário, a memória e o convívio social públicos.

Em Bebedouro, esse sistema ocorre de forma ineficiente, dado que o conjunto de espaços livres do bairro, desconecta de seu entorno edificado, não formando uma rede articulada de elementos com desempenho, localizações e tamanhos diversos, tal como sugerem o termo sistema e seus elementos constituintes. Como já foi visto anteriormente na figura 84, a partir de uma análise da disposição e conexão entre os espaços livres na área foco da pesquisa, observa-se que há no território grandes áreas de espaço livre, entretanto, a maior parte dos espaços livres estão em áreas de preservação permanente.

As demolições causadas pela evacuação em bairros como Bebedouro, Mutange e outros, geraram um impacto profundo na paisagem urbana e social da região. Esses espaços, após a remoção das edificações, criaram grandes áreas vazias que, antes, eram ocupadas por residências, comércios e instituições, desfigurando o tecido urbano. Esses espaços livres que surgem como resultado das demolições podem ser tanto uma oportunidade quanto um desafio. As oportunidades incluem a criação de novas áreas verdes, até mesmo espaços públicos de lazer e mobilidade, além de soluções de drenagem sustentável. Contudo, sem um plano claro de uso e reestruturação, esses vazios urbanos correm o risco de se tornarem áreas de abandono, piorando o processo de desvalorização do entorno e contribuindo para problemas sociais e ambientais.

A figura 100 retrata um cenário urbano em Bebedouro, anterior ao processo de demolição realizado pela Braskem. A rua ainda exibe casas ocupadas, com circulação de pedestres, o que sugere uma atividade urbana inalterada até o ano de 2019, um ano depois do fatídico desastre. Este momento é contrastante em relação à imagem de 2023 (figura 101), na mesma área e no mesmo ponto de visada, já impactada pelas intervenções decorrentes do afundamento do solo e das ações de evacuação e demolição. Esse tipo de comparação entre o antes e depois é crucial para compreender a escala e o impacto do evento na malha urbana e no cotidiano da cidade. A preservação da memória local, mesmo em áreas de demolição, é importante para futuros planos de reocupação e revitalização dos espaços.

Destarte, a partir da categorização dos SEL's proposta por Faria e Cavalcanti (2009), podemos observar algumas dessas categorias, como terrenos da orla do Rio Mundaú, que se baseia na categoria terrenos costeiros da Laguna Mundaú, proposta pelos autores; áreas privativas e institucionais não edificadas, que consiste nas servidões e recuos, sítios e chácaras, associações recreativas, instituições, e lotes e glebas não edificadas; e por fim, áreas livres urbanas de uso público, que compreendem ruas, praças e parques.

3.2.6 FORMAS DE APROPRIAÇÃO E PRODUÇÃO

Como apontado anteriormente, o bairro começou a se desenvolver como um pequeno núcleo urbano, com a presença de engenhos e uma capela, atualmente é Igreja Matriz de Santo Antônio. Com a implementação da linha férrea, seguida da ramificação das vias de acesso, a região teve um impulso de crescimento, com as áreas próximas a esses pontos sendo as primeiras povoadas serem povoadas. Observando a evolução do bairro ao longo do tempo, nota-se o desaparecimento de habitações em 2023, em virtude do início das demolições pela mineradora, após o ocorrido desastre, além do aumento da cobertura verde, devido ao abandono das casas e, consequentemente, a vegetação começa a tomar conta das edificações.

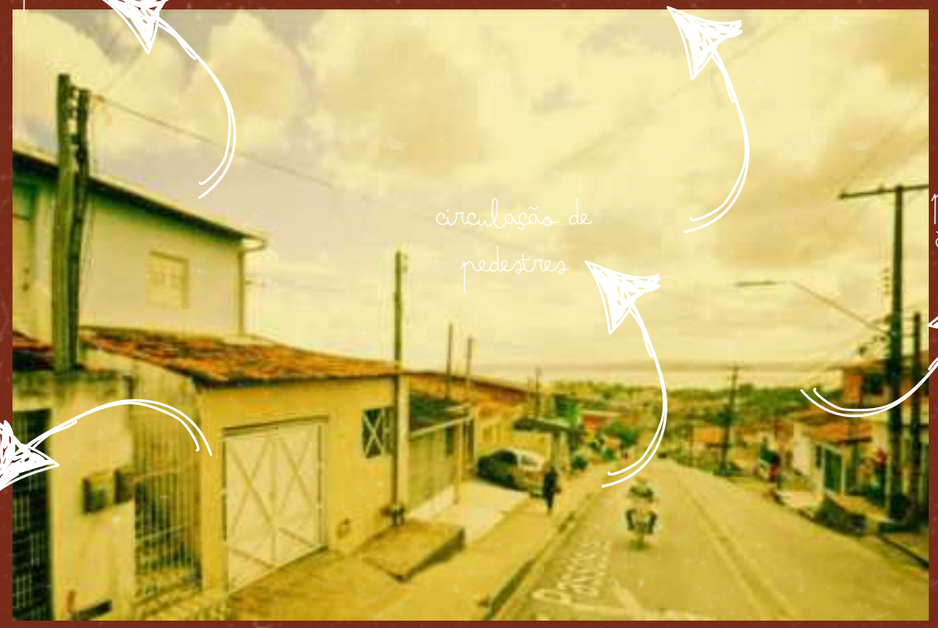


Figura 100: Paisagem da Rua Dr. Passos de Miranda (Ladeira do calmon), em Bebedouro, no ano de 2019.
Fonte: *Google Maps*, 2019. Adaptado pelo autor, 2024.

Figura 101: Alteração na paisagem da Rua Dr. Passos de Miranda (Ladeira do calmon), em Bebedouro, em 2024.
Fonte: *Google Maps*, 2024. Adaptado pelo autor, 2024.

Figura 102, 103, 104 e 105: Alteração na morfologia urbana do bairro.
Fonte: *Google Maps*, 2024. Adaptado pelo autor, 2024.

Pode-se perceber na figura 106, até o ano de 2019, a predominância de casas de alvenaria geminadas com telhas coloniais e limite máximo de três pavimentos. É notória a presença de casas oriundas de sítios. Além disso, constata-se com frequência o avanço das casas para a região da calçada. Há três perfis de habitações: o primeiro deles corresponde às habitações próximas da Rua Conego Costa e Avenida Major Góes Monteiro, que se caracterizam por possuírem, em sua maioria, dois pavimentos, e pelo uso misto, com o térreo voltado ao comércio. O segundo corresponde às habitações próximas à linha férrea, nas quais sofrem com condições de alagamento, sobretudo na parte onde as casas se encontram em um nível abaixo da rua. O terceiro grupo é percebido ao se aproximar da Laguna Mundaú e se afastar da rodovia; nele, percebem-se casas com áreas menores e algumas habitações irregulares.

A situação do bairro de Bebedouro reflete um microcosmo das complexas interações entre desenvolvimento urbano, história e desafios socioambientais. A evolução do bairro, desde um pequeno núcleo até um espaço urbano marcado pela presença da linha férrea, ilustra como a infraestrutura pode moldar o crescimento e a identidade de uma comunidade. No entanto, a tragédia provocada pelo desastre da Braskem revela a fragilidade desse crescimento, evidenciando como fatores externos podem desestabilizar a vida de uma comunidade e transformar paisagens urbanas em áreas de abandono.

A predominância de casas geminadas e a diversidade de usos demonstram a vitalidade de comércio local e a convivência comunitária, que foram elementos essenciais para a coesão social do bairro. Contudo, as recentes demolições e o aumento da cobertura verde devido ao abandono das habitações apontam para a necessidade urgente de reavaliação das políticas urbanas e de gestão de riscos. Além disso, os diferentes perfis de habitação destacam a desigualdade social presente na região, evidenciando que nem todos os moradores têm o mesmo nível de proteção ou suporte diante de desastres. A questão dos alagamentos em áreas vulneráveis é um lembrete claro da importância de um planejamento urbano que considere as realidades ambientais e sociais.

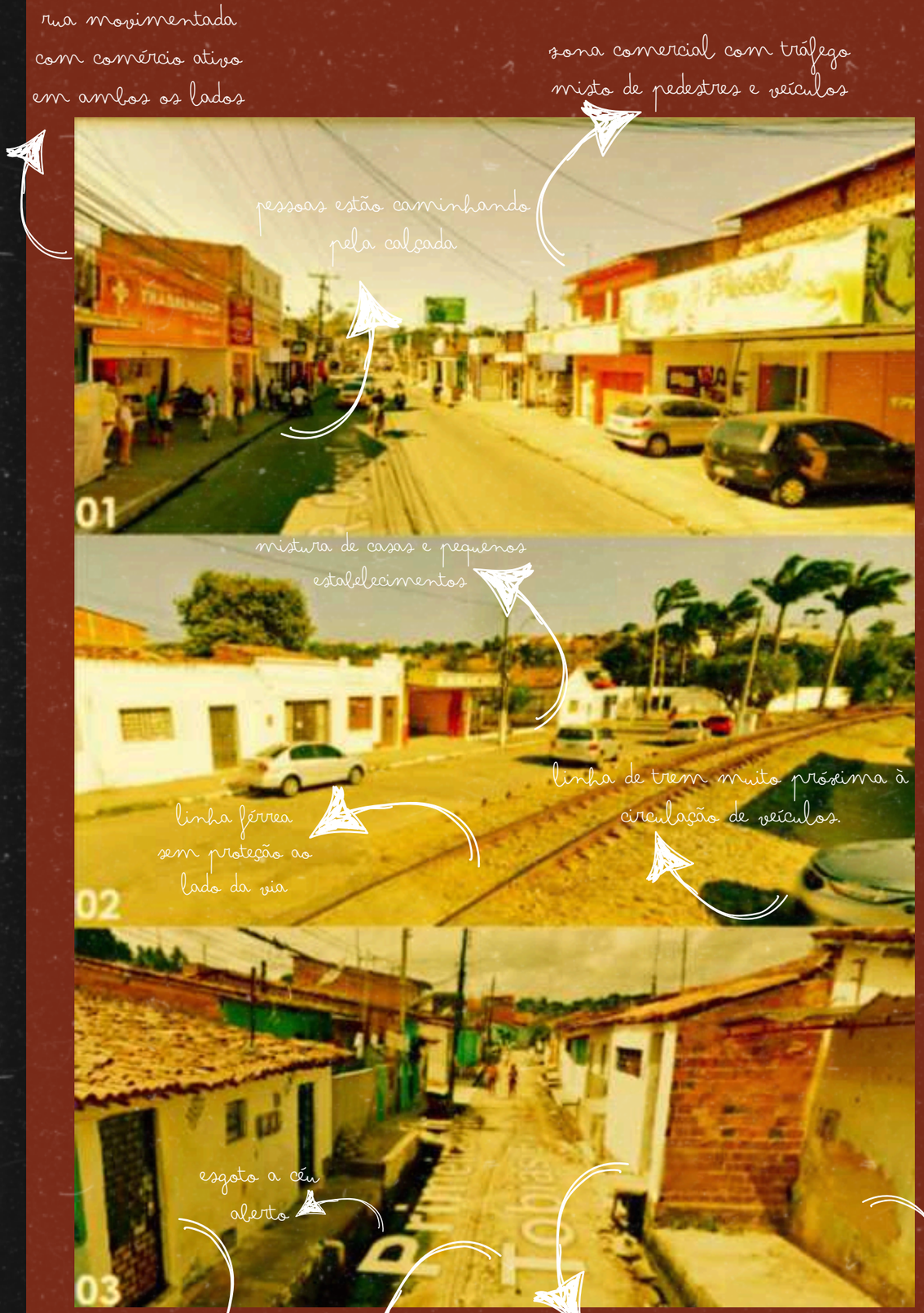


Figura 106: Tipologias de moradias de Bebedouro.
Fonte: *Google Maps*, 2019. Adaptado pelo autor, 2024.

3.3 BRASKEM É O TATU DA VEZ

Ao incorporar o pensamento de Quarantelli (2015) na discussão sobre a Braskem e a crítica ao capitalismo opressor, o conceito de desastre se expande além do simples resultado de eventos naturais ou tecnológicos. Para Quarantelli, o desastre é, em essência, um reflexo da vulnerabilidade inerente às estruturas sociais existentes e das decisões humanas que moldam essas estruturas.Isso oferece uma nova perspectiva sobre os acontecimentos envolvendo a Braskem, especialmente no caso de Maceió, onde a extração de sal-gema causou o afundamento de bairros e o deslocamento forçado de milhares de pessoas. A escolha da Braskem de explorar o sal-gema em Maceió, sem os devidos cuidados ou consideração aos potenciais efeitos ambientais e sociais a longo prazo, revelou uma vulnerabilidade já presente nas comunidades locais.

Essas comunidades, que historicamente não possuíam infraestrutura e suporte social suficientes, tornaram-se ainda mais suscetíveis aos perigos gerados pela extração industrial. Portanto, o desastre em Maceió não se deveu apenas a um evento geológico, mas também à consequência de decisões empresariais e à vulnerabilidade das estruturas sociais e urbanas locais. É importante trazer à discussão o debate de Vainer (1996) acerca do papel do território nos deslocamentos compulsórios e limitações de circulação, para aprofundar a avaliação dos problemas relacionados à Braskem, aos desastres sociais e ambientais e ao capitalismo opressor. Vainer apresenta uma visão do território não apenas como uma região geográfica, mas como um local de conflito e disputa de poder, onde diversos atores e interesses se confrontam.

Esta perspectiva nos possibilita compreender o caso de Maceió, que resultou no deslocamento forçado de milhares de indivíduos, de forma mais aprofundada, espelhando as dinâmicas de poder e domínio territorial. Para a Braskem, o território era percebido como um local de exploração, enquanto para as comunidades locais, era o local de vida e existência. O desastre evidencia o embate entre essas duas perspectivas e interesses antagônicos.

Figura 107: Moradores de Maceió fazem protesto contra a Braskem em 2023.
Fonte: CNN Brasil, 2023. Adaptado pelo autor, 2024.

No capitalismo, frequentemente, o domínio territorial é a chave para o êxito econômico das grandes empresas. Na Braskem, a necessidade da empresa de explorar os recursos naturais da região suplantou o direito dos moradores de viver em seus bairros. Quando o desastre aconteceu, a reação foi reorganizar o território conforme os interesses da empresa e das autoridades locais, deslocando indivíduos e estabelecendo áreas restritas, ao invés de dar prioridade às necessidades e desejos das comunidades. De acordo com a Defesa Civil e MPF essas decisões foram tomadas para preservar a vida.

Para os grupos deslocados, o território vai além de um local físico, sendo um local de identidade e pertença. A retirada forçada desses locais implica uma perda não só material, mas também simbólica e emocional, intensificando o embate entre as forças capitalistas e as populações locais. Para quem detém os meios de produção (grandes empresas, proprietários de terras, investidores), a terra é um recurso que pode ser transacionado no mercado, transformado em lucro ou capital, utilizado para maximizar sua lucratividade.

Figura 108: Vítimas da mineradora Braskem são criminalizadas após protesto em 2023, em frente a entrada de domínio da empresa no bairro de Bebedouro.
Fonte: A Verdade, 2023. Adaptado pelo autor, 2024.

Por exemplo, na Braskem e na extração de recursos em Maceió, a terra foi utilizada como um ativo econômico que poderia ser convertido em dinheiro, produzindo sal-gema e outros recursos naturais que poderiam ser comercializados. Para os grupos sociais excluídos, como o proletariado e as classes trabalhadoras, a terra é essencialmente um meio de sobrevivência. Eles dependem dela como valor de uso — para moradia, sustento, cultura e identidade.

No contexto dos afetados de Maceió, por exemplo, as comunidades locais que foram deslocadas perderam mais do que apenas a posse material da terra. Perderam suas casas, seu ambiente de vida e sua identidade territorial, que estava profundamente conectada ao local onde viviam. O abandono do território resulta na ruptura de suas conexões culturais, sociais e emocionais com aquele lugar. O que o torna simbólico por construir laços comunitários, tradições, histórias e formas de vida. A perda dessa identidade territorial representa mais do que uma simples mudança geográfica; é uma desintegração de relações sociais e de significados que estruturam a existência de uma comunidade.

Para várias comunidades, particularmente as que possuem um vínculo histórico ou cultural intenso com seu território, que é o caso de Bebedouro, a localidade onde residem vai além de um simples local no mapa. Ele transporta valores simbólicos, práticas cotidianas e memórias coletivas que determinam quem são essas pessoas. O território carrega a história da comunidade que ali viveu, seja no formato de construções, paisagens, ou mesmo no solo. A memória coletiva está intimamente ligada ao território, representando tanto os eventos vividos pela comunidade quanto o legado de seus antepassados.

Segundo Vainer (1996) a violência não é apenas um fenômeno social isolado, mas um fator central que impulsiona a migração. Essa migração pode ser forçada ou voluntária, mas, de qualquer forma, é uma resposta às condições de violência que afetam a vida das pessoas em seus territórios. Enquanto Hausbert (2004) afirma que mesmo em um mundo globalizado, as pessoas continuam a se identificar fortemente com seus territórios locais. A identidade territorial é um aspecto crucial da vida social, e as comunidades locais desempenham um papel vital na construção do sentido de pertencimento.

O isolamento da região de, aproximadamente, 2,4km² e o fechamento de ruas e da ferrovia têm provocado rupturas e um vazio na paisagem urbana, além de uma mudança nos aspectos culturais e nos estilos de vida da região. Ao aderir ao acordo em 2023, a mineradora recebeu do município a posse de toda a área pública, incluindo ruas, calçadas, praças, infraestrutura e propriedades públicas. Isso significa que a empresa, apesar de toda atividade extrativista que gerou um desastre tecnológico, converteu as indenizações e imóveis em

bens. Portanto, atualmente, 2,4km² do município de Maceió pertencem à Mineradora Braskem (Nascimento, 2024, p.119).

Esse domínio de poder no território gera um sentimento de revolta entre a população. As pichações se tornam um canal de comunicação e uma forma de resistência, refletindo a profunda conexão emocional que esses indivíduos têm com seus lares, que agora se tornaram símbolos de perda e sofrimento. Segundo Santos (2021) a pichação é uma manifestação da cultura urbana que se impõe no espaço público, uma forma de expressão que, apesar de sua relação com a transgressão, traz à tona discussões sobre identidade, poder e a luta por visibilidade.

As mensagens pichadas nas paredes das casas são manifestações visíveis da revolta dos moradores diante das injustiças que sofreram. Cada palavra, cada símbolo representa um clamor de desespero e uma maneira de manifestar a dor que envolve a experiência de perda. Essas expressões artísticas informais são utilizadas para expressar diversos sentimentos. Apesar do sofrimento, as pichações também revelam o amor e o pertencimento que os moradores sentem por suas casas e pelo território. Essa dualidade é fundamental para entender como as comunidades lidam com a adversidade. Tendo o pertencimento como mensagens de afeto que reafirmam sua identidade e conexão com o lugar que habitavam.

Já a memória coletiva, por meio dessas demonstrações físicas, apresenta como um registro da história local, preservando a identidade de uma comunidade que enfrenta desafios. Elas capturam não apenas a dor do presente, mas também a história e a cultura que moldaram aquele espaço. De acordo com Halbwachs (1968) a memória coletiva é sustentada pelo grupo, que atribui significado a lugares e objetos da cidade, transformando-os em pontos de referência carregados de significados comuns.

"essa rua tem nome...
eterna 25 de dezembro"

(Tradução literal pelo autor).
Sentimento: revolta e pertencimento
Rua: 25 de dezembro (também, R. Ver. Bruno Ferrari)
Bairro: Bebedouro
Cidade: Maceió/AL

"aqui mora gente feliz!"

(Tradução literal pelo autor).
Sentimento: amor e pertencimento
Rua: Ladeira do Calmon (Também, R. Dr. Passos de Miranda)
Bairro: Bebedouro
Cidade: Maceió/AL

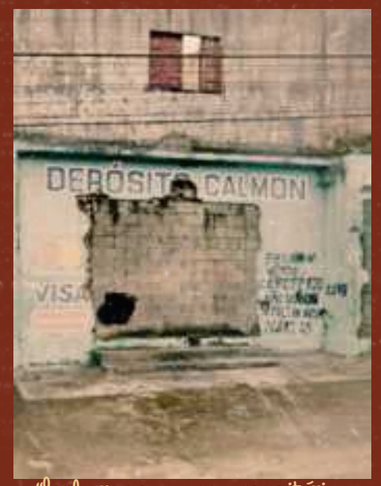
"vovó rosinha...
vovó onça... vô ernande"
"eterna casa 187"
(Tradução literal pelo autor).
Sentimento: amor e pertencimento
Rua: Ladeira do Calmon (Também, R. Dr. Passos de Miranda)
Bairro: Bebedouro
Cidade: Maceió/AL

"braskem assassina!"

(Tradução literal pelo autor).
Sentimento: ódio e revolta
Rua: Cônego Costa (Também, Av. Maj. Cicero Góes Monteiro)
Bairro: Bebedouro
Cidade: Maceió/AL

"não se engane, a braskem
ainda suga o nosso sangue"

(Tradução literal pelo autor).
Sentimento: dor e revolta
Rua: Ladeira do Calmon (Também, R. Dr. Passos de Miranda)
Bairro: Bebedouro
Cidade: Maceió/AL



"fecharam nosso cemitério,
não temos como sepultar
nossos mortos"
(Tradução literal pelo autor).
Sentimento: dor, revolta e luto
Rua: Ladeira do Calmon (Também, R. Dr. Passos de Miranda)
Bairro: Bebedouro
Cidade: Maceió/AL

Figura 109: Pichações presentes no bairro de Bebedouro.
Fonte: *Google Maps*, 2024. Adaptado pelo autor, 2024.

"só não pode perder a fé!"

(Tradução literal pelo autor).
Sentimento: esperança e afeto
Rua: Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho
Bairro: Bebedouro
Cidade: Maceió/AL

"braskem assassina!"
"amarei eternamente minha casa e bebedouro"

(Tradução literal pelo autor).
Sentimento: amor e revolta
Rua: Ladeira do Calmon (Também, R. Dr. Passos de Miranda)
Bairro: Bebedouro
Cidade: Maceió/AL

"até quando vão nos matar?"

(Tradução literal pelo autor).
Sentimento: dor, luto e revolta
Rua: Ladeira do Calmon (Também, R. Dr. Passos de Miranda)
Bairro: Bebedouro
Cidade: Maceió/AL

"quem oprime mais, o estado ou a braskem?"

(Tradução literal pelo autor).
Sentimento: ódio e revolta
Rua: Ladeira do Calmon (Também, R. Dr. Passos de Miranda)
Bairro: Bebedouro
Cidade: Maceió/AL

"a braskem mata..."
"e ninguém sabe como anda os processos!"

(Tradução literal pelo autor).
Sentimento: dor, luto e revolta
Rua: Ladeira do Calmon (Também, R. Dr. Passos de Miranda)
Bairro: Bebedouro
Cidade: Maceió/AL

"57.000 famílias afetadas diretamente!"

(Tradução literal pelo autor).
Sentimento: dor e revolta
Rua: Ladeira do Calmon (Também, R. Dr. Passos de Miranda)
Bairro: Bebedouro
Cidade: Maceió/AL

Todos esses sentimentos se dão pelo fato de que o desastre tecnológico da Braskem representa um marco na cidade de Maceió, uma vez que, além do impacto socioambiental, causou uma série de danos consideráveis, não somente na população removida dos bairros diretamente impactados, mas em toda a cidade. O deslocamento em larga escala resultou em uma redução acentuada no valor dos imóveis nas regiões afetadas e adjacentes, além de afetar o comércio local e a economia da cidade como um todo. A demanda por reconstrução e realocação gerou custos significativos, tanto para o poder público quanto para os moradores, impactando de forma negativa a economia de Maceió.

A função social está vinculada aos direitos e garantias fundamentais estabelecidos na Constituição de 1988, especificamente no XXIII do artigo 5o, e envolve o uso da propriedade, seja ela urbana ou rural, em alinhamento com as metas sociais de uma cidade específica. A função social estabelece restrições ao direito de propriedade, assegurando que o uso desse direito não cause danos ao bem comum. Este direito tem como objetivo ordenar o progresso das funções sociais e o bem-estar da população por meio do Plano Diretor, podendo inclusive levar à força de desapropriação pelo governo se a propriedade não estiver cumprindo seu papel social.

De acordo com o Professor do Instituto de Energia e Ambiente da USP, Pedro Côrtes, em uma entrevista à CNN Brasil em 1 de dezembro de 2023, ele compara a região afetada à "nossa *Chernobyl*", uma vez que se assemelha a uma "zona de exclusão", onde as pessoas não poderão retornar tão cedo, impactando várias famílias. Atualmente, é visto como um desastre ambiental em ambiente urbano. Assim, a região será impedida de ser habitada pelo homem e estará sujeita à recuperação do meio ambiente para uma utilização social.

A comparação com o desastre nuclear de *Chernobyl*, ocorrido na Ucrânia em 1986, corrobora a reflexão de que a paisagem do desastre da Braskem é um local de memória sensível. Isso se deve ao fato de que o acidente nuclear criou uma área conhecida como "zona de exclusão", onde materiais radioativos invisíveis, sem sabor e sem odor, expulsaram milhares de indivíduos por um período de 24 mil anos (Nascimento, 2024, p. 123).

Atualmente, *Pripyat* é uma cidade desabitada. Da mesma forma que *Chernobyl*, o desastre da Braskem criou uma "zona de exclusão" de 1km ao redor das minas, obrigando milhares de pessoas a abandonarem suas residências. O local, antes habitado como um campo cultural cheio de vivacidade, tornou-se uma cidade fantasma, sem perspectiva de reaproveitamento, assim como tornou todo território que está sob domínio da mineradora alagoana. Essa cidade fantasma que antes era composta por vizinhos que mantinham relações de proximidade, muitas vezes por gerações. O deslocamento forçado interrompeu essas relações, desestruturando o tecido social e gerando isolamento para muitos que foram reassentados em locais distantes de suas comunidades. Em áreas urbanas, particularmente em bairros populares, a vizinhança surge como redes de apoio, que são essenciais para a rotina diária.

A realocação das famílias decepou essas redes, aumentando a vulnerabilidade social de muitos moradores e fortalece as expressões de ódio e o sentimento de sofrimento, diante dos diferentes estágios do luto que os moradores enfrentam — da negação à aceitação — mostrando como o espaço físico se torna um símbolo de sua experiência emocional. Dorneles e Rodrigues (2024) discorrem que jamais reduza os problemas psicológicos de alguém a 'faça terapia' ou 'cuide de si mesmo'. Pessoas são muito mais complexas do que isso. Numerosos desafios que as pessoas enfrentam estão relacionados a problemas de base, como por exemplo: falta de acesso à saúde, educação, infraestrutura, trabalho e oportunidades. O apoio governamental é crucial não só para a saúde física, mas também para a saúde mental. Tão crucial quanto isso são os laços comunitários e o apoio familiar e dos amigos.

A figura 110 evidencia que a inação do apoio governamental, em resposta ao desastre referido neste trabalho, representa um fator agravante para as populações afetadas, que se veem desprovidas de uma rede de proteção eficaz para lidar com as consequências da tragédia. A falta de ação rápida e assertiva por parte das autoridades públicas pode ser observada em diversas dimensões, desde o atraso nas respostas emergenciais até a ineficácia das políticas de reassentamento e compensação, que comprometem ainda mais a saúde mental de quem foi atingido por um problema social dessa complexidade e corrobora no desamparo social com tamanha injustiça.

Figura 110: Base da saúde mental.
Fonte: Terapeutas sem fronteiras, 2022. Adaptado pelo autor, 2024.

A falta de apoio governamental impacta diretamente o cotidiano das pessoas, especialmente em comunidades onde o patrimônio cultural e as infraestruturas básicas precisam de atenção. A ausência de políticas públicas eficazes e o descaso com o gerenciamento de recursos levam ao comprometimento de bens históricos e à precarização de serviços essenciais, como saneamento, segurança, educação e saúde, como visto na base da figura 109. Portanto, ao analisar e entender, historicamente, a instalação da mineradora Salgema exemplifica como as tomadas de decisões de forma centralizada desde o Regime Militar, onde ainda hoje a impunidade prevalece sobre a legislação. O foco no crescimento econômico negligenciou questões de sobrevivência nas comunidades afetadas.

A exploração na Laguna Mundaú, iniciada em 1941, impactou no crescimento urbano da cidade, e é importante enfatizar que os recursos naturais são considerados patrimônio público e de propriedade da União devido à sua relevância no avanço das atividades econômicas. A autorização para sua exploração só pode ser concedida com o consentimento da União. O Decreto-Lei nº 227/1967 ficou conhecido como o Código de Mineração, uma vez que estabelecia as responsabilidades e atribuições, os esquemas de exploração, os requisitos para a permissão de extração de minérios e as sanções. Para entender a relevância da mineração, observa-se que até 2021 a indústria mineradora no Brasil gerou um volume de aproximadamente 309 bilhões de reais (Fachini, 2022).

Diante de um panorama tão bilionário, é impossível não sentir revolta do extrativismo que causou inúmeros danos que lucrou e ainda lucra em cima de um território urbano, a fim de gerar uma estrutura de produção eficiente e mercados internacionais para comercialização desses recursos naturais retirados do nosso paraíso das águas. Se todo o lucro financeiro gerado por essa atividade refletisse de maneira justa aos impactos socioambientais que a mineração causou, a atividade extrativa não teria afetado, de maneira tão forte, a vida das vítimas da extração de sal-gema.

Portanto é entendida que a atuação da Braskem, assim como as demais mineradoras brasileiras, foi gerida e regulamentada de maneira insuficiente, que trouxe danos imensuráveis para o meio ambiente e para as comunidades que vivem nas áreas de extração, mesmo havendo legislações ambientais no Brasil desde 1967, conforme pode ser vista na linha do tempo (Figura 111).

Visto que a conexão dos maceioenses com o mar e a laguna é profunda e multifacetada, refletindo não apenas uma conexão geográfica, mas também cultural, econômica e afetiva. A capital alagoana está localizada em uma região privilegiada do litoral nordestino, cercada por belas praias e pelo sistema lagunar Mundaú-Manguaba, que sempre desempenharam um papel central na vida da população no seu processo histórico, que traz uma identidade cultural forte, por isso que alguns bairros de Maceió começaram a receber denominações relacionadas à sua localização geográfica, tais como Bebedouro, Poço, Riacho Doce, Vergel do Lago e entre outros (Duarte, 2019, p.22).

1967

Decreto-Lei 227/1967
Código de Mineração.

1978

Lei 6.567/1978
Adiciona regras de licenciamento no Código de Mineração.

1989

Decreto 97.632/1989
Adiciona Plano de Recuperação de Área Degradada.

1996

Lei 9.314/1996
Define as competências do Departamento Nacional de Produção Mineral.

2017

Lei 13.575/2017
Cria a Agência Nacional de Mineração.

2020

Lei 14.066/2020
Inclui o Plano de Aproveitamento Mineral de Jazidas.

2022

Decreto 10.965/2022
Altera o Código de Mineração.

Figura 111: Legislações ambientais no Brasil.
Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.

Logo, compreender as relações diante da paisagem acerca do desastre neste trabalho é importante para registrar as relações afetivas e patrimoniais do lugar e como são cruciais para tomadas de decisões e ações quando há uma sensação de perda e de risco. O mar e a laguna não são apenas paisagens e nem espaço, mas elementos vivos que representam a história familiar, o dia a dia e os momentos de lazer na dinamicidade maceioense e, consequentemente, são geradas memórias associadas a esses espaços, como as primeiras idas à praia com a família ou as brincadeiras nas margens da laguna, todavia, o afundamento de bairros próximos da laguna Mundaú, afetou diretamente a relação de muitos moradores com esses espaços.

Entre ruas que afundam e histórias que se perdem, em Maceió, onde o chão cede aos ecos da exploração, há uma cidade partida, refletida nas águas do Mundaú, um espelho quebrado, turvo, de uma memória em suspensão. Braskem, nome de ferro, de lucro e dor, carrega consigo a marca da subsistência arrancada, minerando o subsolo, os passos e os sonhos enquanto o chão se desmancha sob os pés dos que ficaram.

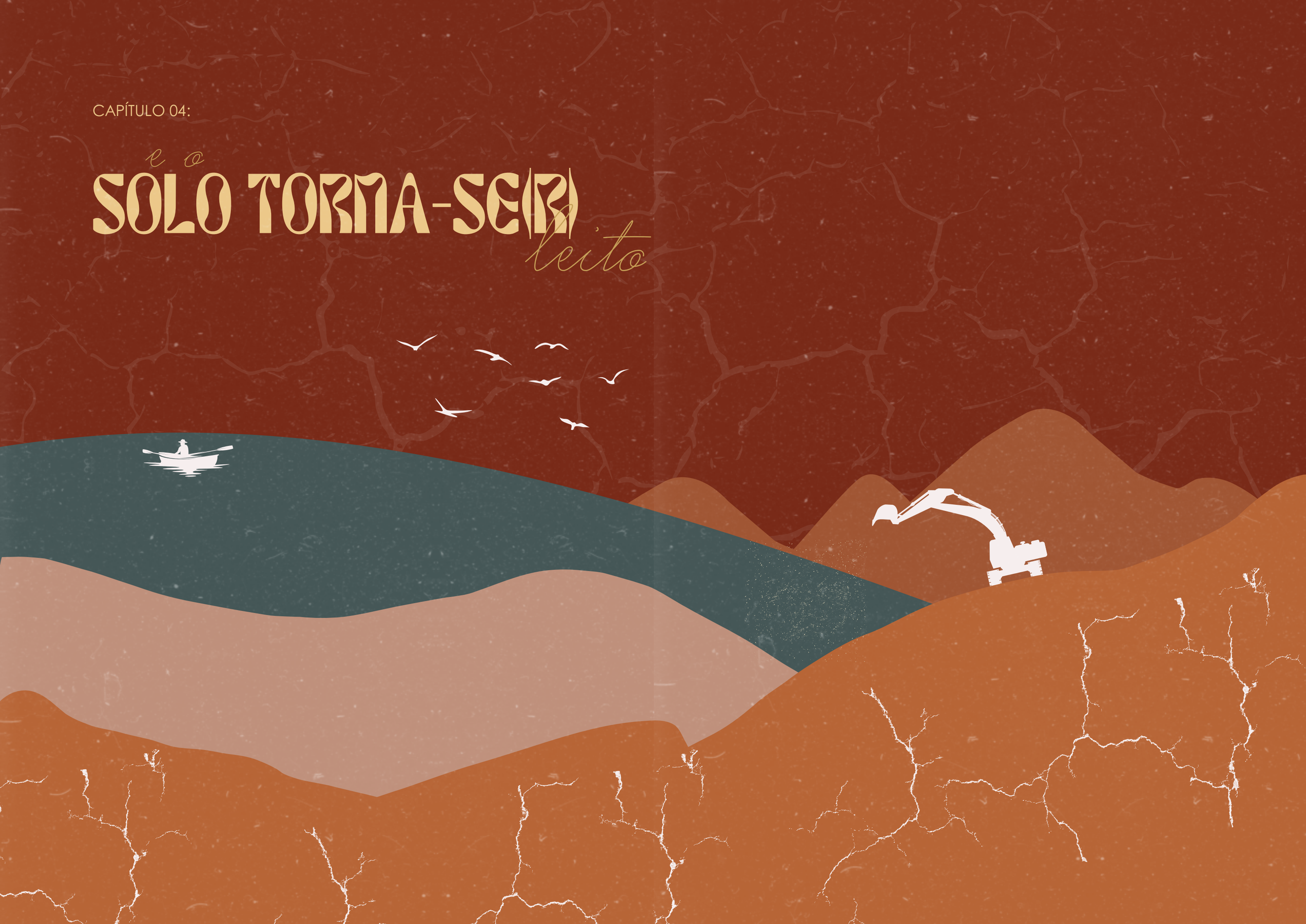
A água da laguna observa em silêncio, testemunha dos bairros que desmoronam, das vidas que se esvaem entre fissuras e rachaduras, como se o próprio tempo ali tivesse se rompido. Cada lar que afunda é um grito não ouvido, um apelo ao passado, que se dissolve na lama, uma saudade que emerge como maré de luto, na memória do bairro, do homem e da infância.

A laguna reflete as ruínas que não voltam. Pescadores, feirantes, famílias inteiras que perdem não só suas casas, mas a terra que os cria em uma cidade que, aos poucos, perde a si mesma. A promessa do lucro, a sombra da ganância, deixam para trás as ausências — são vazios que ecoam nas paredes das casas que um dia foram lares e agora são fantasmas, em ruínas de um chão que cede ~~ou tem sede~~.

Figura 112: Colagem semântica do capítulo 03.
Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.

CAPÍTULO 04:

O SOLO TORNA-SE(R) leito



CAPÍTULO 04:

E O SOLO TORNA-SE(R) LEITO

O solo é o alicerce invisível de toda cidade. É a base onde se erguem as ruas, as casas, os edifícios; mas também é mais que um suporte físico. Ele guarda a memória de cada passo, as marcas de cada geração que passou, e sustenta os ciclos que mantêm a vida urbana. Para a cidade, o solo é fonte de recursos e resiliência. É dele que vem a água subterrânea que abastece as torneiras, o solo fértil que permite a vegetação, os nutrientes que sustentam o verde que resfria o ambiente e oferece sombra. Em sua profundidade, o solo carrega a história da cidade — restos arqueológicos, resquícios de antigas construções e rastros da transformação ao longo dos tempos.

Quando o solo é respeitado, ele mantém a cidade firme, sustenta o peso das edificações e o pulsar de sua vida cotidiana. Mas, quando é explorado de forma desmedida, sem respeito aos seus limites e ciclos naturais, ele se enfraquece, desmorona, cede, como testemunham os bairros de Maceio que afundam sob o peso da exploração. O solo, para a cidade, é o equilíbrio entre o passado e o futuro. É onde tudo se inicia e onde tudo se conecta, um elo entre a estrutura física e a vida urbana, entre a memória e o presente.

O solo de Maceió traz consigo uma história geológica e cultural única. Como foi visto nos capítulos anteriores deste trabalho, situada entre o mar e a lagoa, a cidade foi construída sobre uma combinação de formações sedimentares e áreas alagadiças, o que moldou seu desenvolvimento urbano e influenciou as práticas de exploração econômica desde o período colonial.

No início, a ocupação se deu perto da laguna Mundaú, onde a pesca e o extrativismo garantiam a subsistência dos primeiros habitantes. No século XIX, com o crescimento da cidade e sua elevação à condição de capital de Alagoas, Maceió passou a expandir seus bairros em áreas mais sólidas, conhecidas como tabuleiros, mas a proximidade com o litoral e a laguna continuou a definir seu território e sua economia. Ao longo do século XX, com o espraiamento e a ocupação de áreas naturalmente frágeis, surgiram problemas como a urbanização desordenada, riscos de deslizamentos, entre outros, sem políticas de habitação que ofereçam alternativas viáveis, as comunidades nessas áreas ficam sujeitas a riscos constantes, o que reforça um ciclo de exclusão social e ambiental.

No final do século XX e início do XXI, a descoberta de jazidas de sal-gema nas camadas mais profundas do solo de Maceió atraiu empresas de mineração, levando à exploração em larga escala por empresas como a Braskem. Esta exploração intensiva, somada a práticas de perfuração e extração inadequadas, desestabilizou o solo de áreas residenciais, como os bairros do Pinheiro, Mutange e Bebedouro. Hoje, esses bairros sofrem com o afundamento do solo, obrigando milhares de pessoas a deixarem suas casas. Esse panorama histórico revela como o solo de Maceió, inicialmente uma base para a sobrevivência e o crescimento da cidade, tornou-se um elemento vulnerável devido à exploração intensa e à falta de planejamento urbano sustentável.

Sendo assim, neste estudo, optou-se pela elaboração de uma proposta urbanística que orientasse as decisões no desenvolvimento de diretrizes e estratégias relacionadas à questão da subsidência do solo no bairro de Bebedouro, tornando-as mais racionais e condizentes com as necessidades a serem adotadas. Esta proposta é resultante da caracterização do bairro realizada nos capítulos anteriores, que levou à definição da problemática e de um princípio norteador, que estabeleceram as diretrizes nas quais estão interligadas as estratégias. Cada diretriz dessa proposta indica uma área de relevância que deve ser atendida na ação projetual, a partir dos problemas identificados na configuração urbana e arquitetônica advinda do contexto histórico da poligonal definida, que será trabalhada neste capítulo.

4.1 MEMÓRIAS EM RUÍNAS

Antes de entrar na proposta deste estudo, é essencial fornecer uma fundamentação teórica sobre a arquitetura resultante do desastre da temática discutido até aqui. O curso de Arquitetura e Urbanismo visa capacitar os alunos a observar e refletir sobre a cidade. No caso do autor deste estudo, a curiosidade sobre a paisagem e a arquitetura abandonada/desocupada foi despertada. Assim, o exercício de projetar um futuro para uma arquitetura abandonada, investigando e considerando em conta suas particularidades e possibilidades, tornou-se o foco principal deste projeto.

Foi nesse exercício de olhar a cidade que veio o primeiro questionamento: As edificações desocupadas pelo desastre tecnológico da mineradora Braskem representam as novas ruínas da contemporaneidade? Quando mencionamos ruínas, imediatamente nos vem à mente os grandes monumentos europeus dos séculos passados. O Coliseu, Partenon e Pompéia são ruínas clássicas ou românticas, conforme será mencionado aqui - que não é o foco do presente trabalho.

Durante muito tempo e de várias maneiras (arquitetura, literatura, pintura e poesia), o romantismo defendeu a ideia de ruína como uma observação do passado no presente. A ruína romântica também atua como um símbolo de um passado glorioso, simbolizando a finitude da matéria ao mesmo tempo que projeta e exalta a monumentalidade das construções históricas. Em contrapartida, no contexto do urbanismo modernista, a ruína retratada na "Visita aos monumentos de *Passaic*, *Nova Jersey* (1967)" de *Robert Smithson* evidencia o caráter disfuncional (e irracional) das novas construções naquela pequena cidade dos Estados Unidos. De acordo com o escritor, ao contrário das ruínas românticas, as novas construções de *Passaic* não ruem após serem erguidas e, contrariando a lógica do tempo que avança, já são verdadeiras ruínas antes mesmo de serem concluídas.

Com esta diferença temporal e de significado entre ruínas, a ruína da contemporaneidade não é apenas o objeto de contemplação que vimos anteriormente no caso da romântica. Ela além de um objeto de contemplação, é também uma experiência, como uma maneira de perceber a cidade e suas diversas temporalidades.

Nesse sentido, estruturas abandonadas e desocupadas, ou até mesmo as que estão em processo de construção, são encontradas na maioria das cidades e por diferentes razões, sejam elas políticas e econômicas, que revelam uma necessidade insustentável de construir um possível futuro. A ruína contemporânea então é fruto desse futuro que nunca chegou. Ensaiar respostas e possibilidades de um futuro mais sustentável e que responda às crescentes demandas de ocupação das cidades urbanas torna-se uma necessidade.

Uma vez que é entendido por *Smithson* que o conceito de ruína contemporânea faz parte de um processo de destruição, decadência ou abandono de estruturas físicas ou sociais nos tempos atuais, surge o segundo questionamento: Quais as aproximações da ruína com o patrimônio? Ora, no contexto que foi discutido anteriormente, a ruína representa o patrimônio material resultante da ação humana no passado que nos é legado para o presente. Da mesma forma, construções do presente podem se tornar ruínas no futuro, devido à ação dissolvente que o tempo tem sobre todas as coisas, sejam elas naturais ou artificiais (Choay, 2001).

Edifícios que, mesmo tendo sobrevivido a centenas de anos, não irão perdurar indefinidamente sem manutenção e cuidados adequados. A preservação das ruínas e os vestígios do passado deram origem ao patrimônio, o olhar que registra como marcos históricos e simbólicos. No caso do bairro de Bebedouro, que alberga as edificações mais históricas dos demais bairros atingidos pela subsidência do solo, reflete a contradição e a fragilidade de ausência de políticas públicas que salvaguardam o patrimônio edificado numa situação de desastre.

Mesmo que hoje não sejam adotadas, as linhas de pensamento reconhecidas de Viollet-le-Duc (França) e Ruskin (Inglaterra), que divergem sobre a conservação, são hoje consideradas modelos para a teoria do restauro. Segundo Meneguello (2008), os franceses alcançam a memória histórica de forma eficaz, enquanto os britânicos se limitam à memória afetiva e religiosa. Ruskin declarava que restaurar um edifício é tão inviável quanto ressuscitar um morto, e que o passado refletido nos edifícios se assemelha a ruínas. Já Viollet-le-Duc defendia que restaurar um edifício não se resume a preservá-lo, consertá-lo ou remodelar, mas também a restaurá-lo a um estado total que talvez nunca tenha atingido em qualquer momento (Le-Duc apud por Meneguello, 2008, p.227).

Observada as correntes de *Viollet-le-Duc* e *Ruskin*, traz aspectos importantes para intervenções em ruínas, como: reconstruir o edifício, preservando ou não a função arquitetônica original, ou ainda reforçar a estrutura com materiais tecnológicos que possibilitem a visualização da obra e a protejam, interrompendo o processo de deterioração no momento da nova intervenção. O presente trabalho se atenta às questões procurando entender o distanciamento temporal entre o existente e o que pode ser registrado como um símbolo de lapso na contemporaneidade.

A ruína surge da desintegração do ação humana e da integração da natureza, um confronto extremamente valioso para a proposta urbanística. Com a ausência humana, a natureza se apodera do espaço, tomando-o para si, convertendo a construção em desmoronamento e criando um espaço livre que se conecta com a paisagem através dos espaços vazios. Compreender as ruínas e os conceitos para uma intervenção em estruturas pré-existentes é crucial para este estudo, assim como a temática das construções desocupadas e como podemos utilizar a teoria para intervir em uma estrutura que não pode ser utilizada adequadamente diante da ameaça de afundamento do solo.

Atualmente, um dos compromissos da Braskem, no Termo de Acordo Socioambiental, assinado pelo MPF, é estabelecer a adoção de medidas para reparar, mitigar ou compensar impactos causados pela desocupação dos 5 bairros atingidos pelo desastre. Se pensarmos na desintegração das ruínas quando abordamos a questão da sustentabilidade ambiental na arquitetura e na construção civil, nos referimos principalmente à diminuição do impacto no meio ambiente e também ao aumento da durabilidade das construções ou estruturas.

Visto que já foram iniciadas as demolições de edificações na área de domínio da Braskem, na qual as faces de quadras agora são apenas grandes glebas vazias e terraplanadas, entende que a demolição de edifícios mostra fortemente o descaso com um dos compromissos divulgados pela própria empresa, uma vez que as demolições agridem tanto a história da população que foi deslocada, quanto a questão de sustentabilidade, os resíduos do material demolido poderia ser sugerido como reciclagem de uma estrutura já existente e nenhuma justificativa explica o apagamento dessa temporalidade material, além do risco eminente de afundamento do solo.

Isso traz ao debate como essas ações são violentas dentro de um território, acaba concentrando nesse sítio histórico memória de dor e luto carregado por todos aqueles que tiveram que deslocar-se às forças. As memórias tornam-se uma "ruína" diante dos traços de desigualdade social embutida na sociedade maceioense. Que leva a uma dialética do patrimônio cultural: Lembrar ou esquecer esses espaços de "agressão psicológica"?

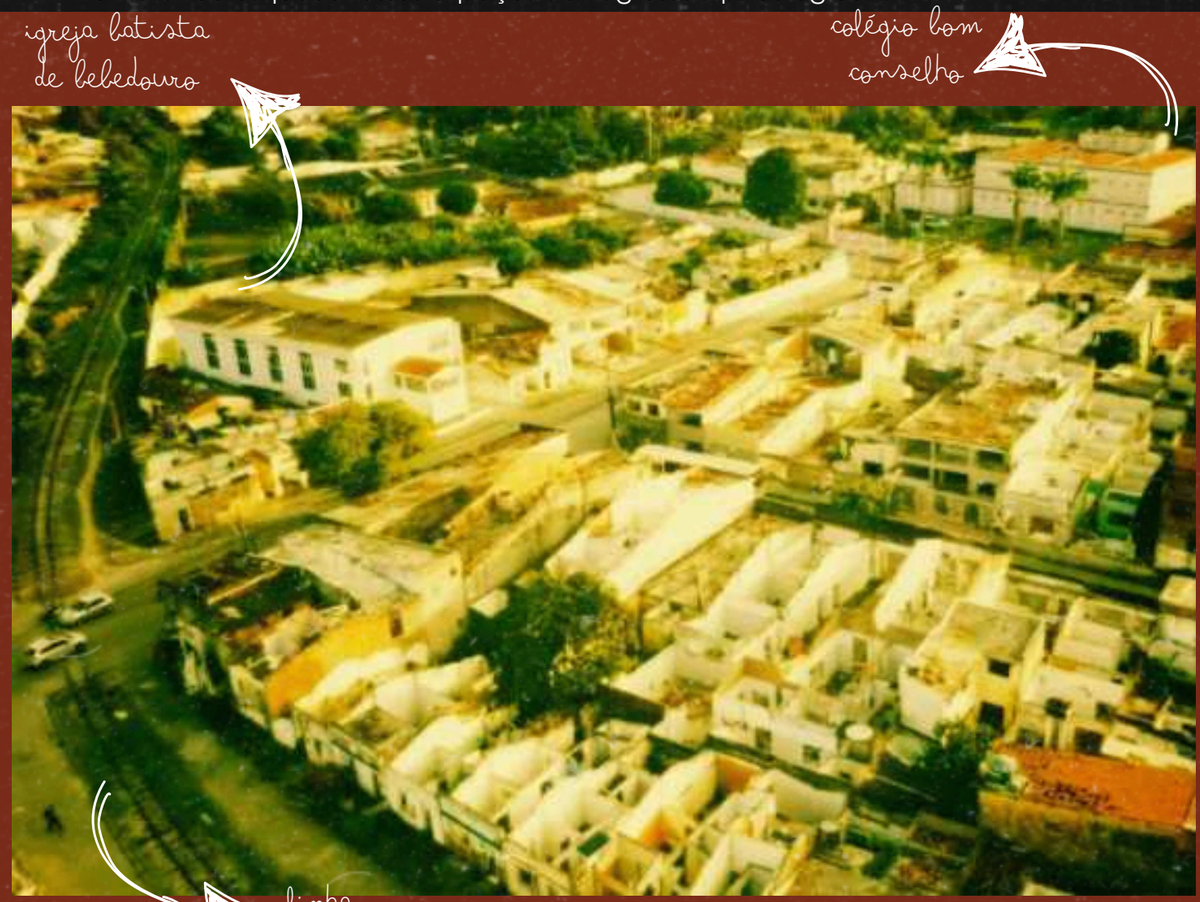


Figura 113: Vista aérea do patrimônio sensível de Bebedouro.
Fonte: Drone Maceió, 2021. (Reprodução: *Youtube*).

Todavia, não há consenso popular sobre se a preservação de sítios históricos que carregam memórias de opressão, dor e sofrimento devem ser mantidos ou apagados da história, pois muitos preferem ignorar ou esquecer esses episódios. No entanto, esses sítios são fundamentais para a compreensão do curso da história de milhares de pessoas. Há um ponto importante nesse embate que será enfatizado para elaboração da proposta projetual: **a sensibilidade dessas memórias.** Alguns desses locais são reconhecidos pela UNESCO como Sítios Históricos de Memória Sensível, classificados dentro da Lista do Patrimônio Mundial da Humanidade. Essa designação indica que são espaços cujo passado é importante para a memória coletiva, ainda que doloroso.

4.2 AFAGAR A TERRA

Se, por um lado, as avançadas tecnologias construtivas e de representação da arquitetura e urbanismo nos permitem visualizar um projeto muito mais preciso e planejado, por outro lado, há um crescente interesse em ruínas, um processo regido pelas leis da natureza e do tempo, imprevisível e raramente uniforme, que está ganhando cada vez mais popularidade. O desmoronamento dessas estruturas pode estar ligado à segunda lei da termodinâmica,[15] que sustenta que a entropia sempre cresce, o que invariavelmente diminui as tentativas humanas de dominar a matéria. A impermanência é uma lei universal que está sempre moldando a arquitetura e as nossas cidades. Como profissionais da arquitetura e urbanismo, temos a opção de desconsiderar a irreversibilidade do tempo resultante desta lei, ou de identificá-la como um aspecto crítico e até mesmo como um elemento do projeto.

De acordo com Coelho (2022) não é comum ver as construções atuais como ruínas, talvez porque seja complicado conceber os materiais de construção comumente empregados envelhecendo de forma tão desprezada. Contudo, ao entender que nossos edifícios sempre se deslocaram para estruturas de maior entropia (ou seja, regidas pelo tempo e sua passagem), podemos projetar levando isso em conta. O processo de transformação em grande número envolve a interação entre a edificação e o meio ambiente, acentuando os contrastes entre a construção humana e a natureza, conflito que busca-se explorar na proposta.

É entendido que entropia, como um fator central no processo de criação, leva a ideia de usar materiais corruptíveis e está relacionada à aceitação da passagem do tempo e das transformações naturais que ocorrem em qualquer estrutura. Ao invés de buscar uma estética ideal ou uma forma pré-determinada, esse tipo de projeto favorece a flexibilidade e a adaptabilidade.

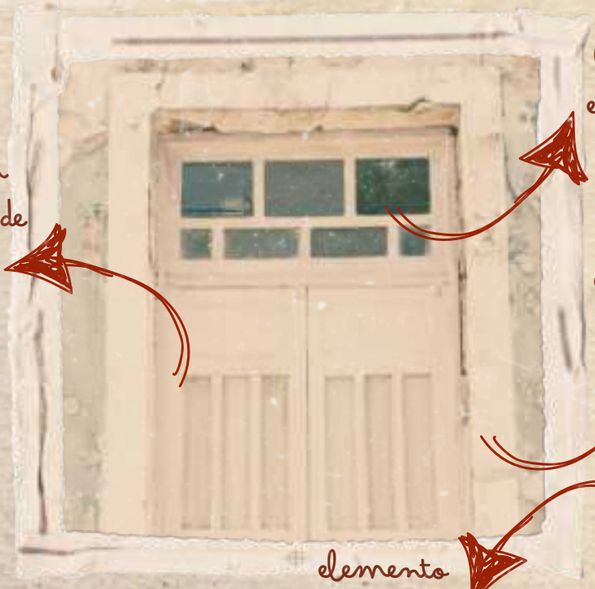
O uso de sistemas híbridos e desajeitados, sem seguir padrões tradicionais de beleza, é uma escolha intencional para permitir que o espaço evolua de forma orgânica e imprevisível, refletindo a maneira como a natureza opera. Trata-se de um projeto vivo, que acolhe a improvisação, abrindo caminho para o inesperado, sem tentar controlar o ambiente de maneira rígida. Essa abordagem reflete uma arquitetura e urbanismo mais fluidos, que acompanha as mudanças e se adapta ao tempo e ao uso, criando espaços dinâmicos e em constante transformação, como uma extensão dos processos naturais de vida.

A ideia das camadas temporais abre um campo criativo fascinante, onde a arquitetura pode ser planejada para evoluir e envelhecer com dignidade. O uso consciente de materiais que se deterioram traz novas perspectivas sobre o papel do tempo na arquitetura, destacando a beleza da ruína e a transformação dos materiais como parte de uma narrativa contínua. Em vez de evitar a entropia, essa abordagem a incorpora como uma característica natural da arquitetura, refletindo a inevitabilidade da mudança e da fusão entre o mundo construído e o não construído.

O autor propôs-se a ficar à deriva no bairro de Bebedouro, com o objetivo de observar e coletar informações sobre diversos aspectos e escalas das construções abandonadas e desocupadas, além de registrar sua experimentação única e pessoal. Essa ação é necessária para compreender de maneira sensível e especulativa a relação dos corpos com a cidade, além de facilitar o estudo e estabelecer a poligonal que será definida na proposta.

15
SMITHSON, Robert. **Entropy And The New Monuments**. 1966 In: FLAM, J. (ed.) The Collected Writings. Berkeley: University of California Press. 1996, p. 11.

um dos fortes marcos visuais do bairro

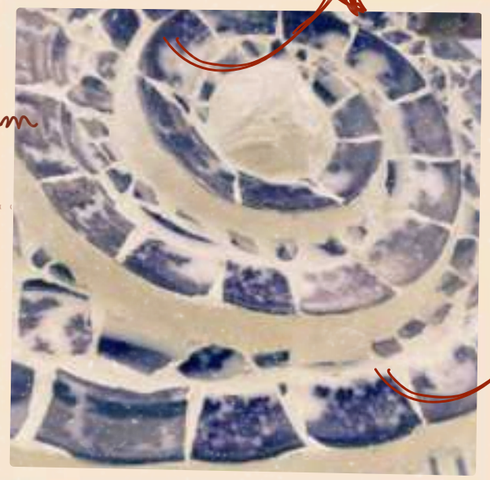


bandeira fixa em madeira e vidro

janela em caixilharia de madeira

cercadura em massa

formato caracol



elemento circular decorativo

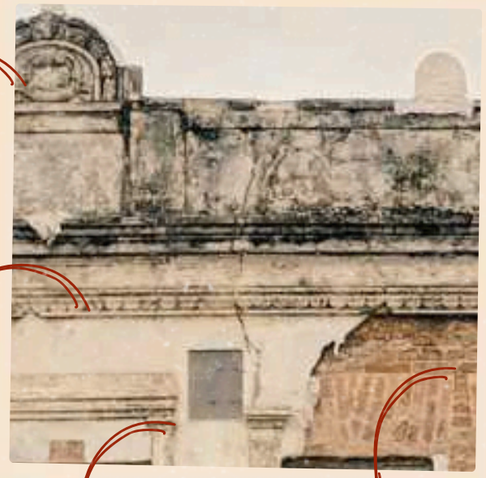
cimalha

girlanda

tímpano

tríglifo (com estrias estreitas)

herança de portugal: azulejos



detalhe em sianinha

vão de janela em verga reta com folha veneziana de madeira e vidro

friso sugestivo de capitel

perda de reboco e emboço

borla

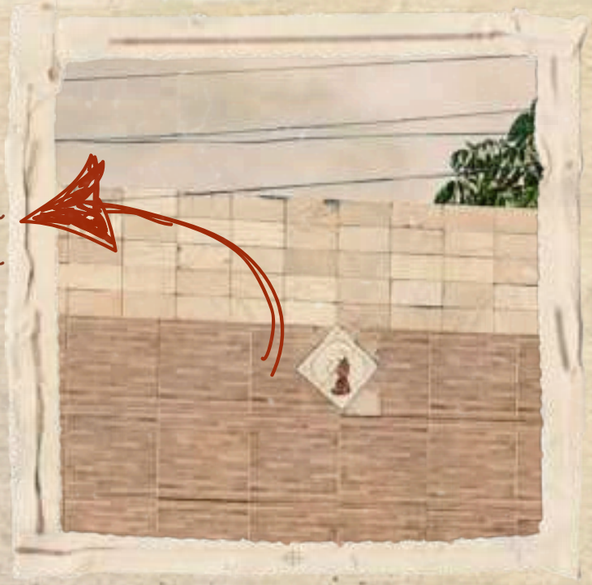
um marco visual para a praça lucena maranhão

diário de bordo, *análise tipológica.*
setembro, 2024.

pseudocoluna

tramo com losango em relevo

mosaico em azulejo que foram a figura do padroeiro do bairro



os grandes proprietários levavam, ao regressar às suas terras, as sementes de uma experiência arquitetônica que procuravam reproduzir em suas moradas urbanas e rurais "reis filho, 1987, p.104"

frontão com adornos

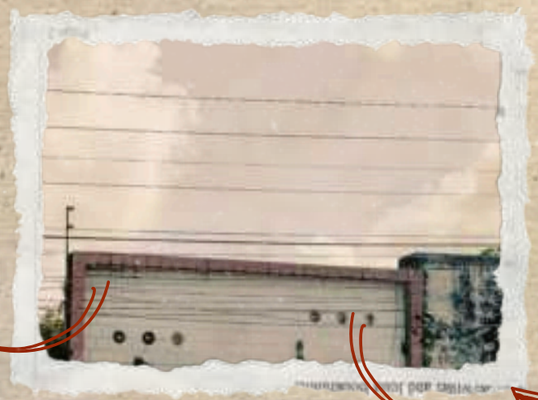
pináculo

janelas e cercaduras em arco pleno

arremate do beiral em madeira, do tipo "sianinha"

platibandas que mostram a chegada do modernismo no bairro

fachada em azulejaria



perfil de colunas com soco em alpendres

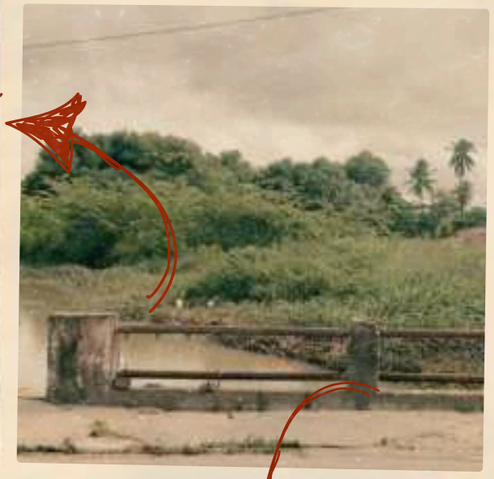
gateiras na platibanda

diário de bordo, análise tipológica.
setembro, 2024.

aplicação de asfalto para a melhoria do tráfego na rua joão leite sombrinho

impacto direto na área de proteção ambiental

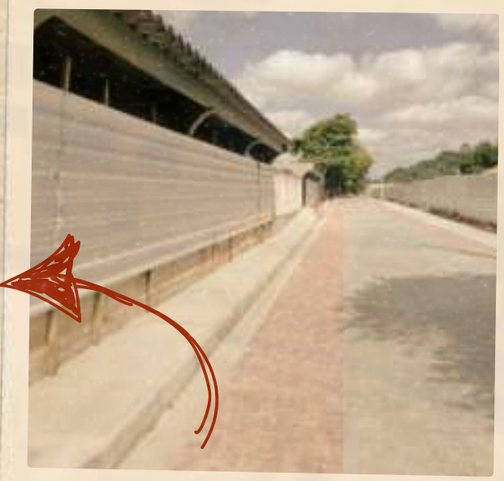
fauna e flora ameaçadas



poluição do riacho silva

entropia acontecendo em alguns imóveis

revitalização na estação ferroviária focada na caminhabilidade



demolições já iniciadas

***diário de bordo**, alterações na paisagem.*
setembro, 2024.

Em resumo, com a experimentação *in loco*, a situação da arquitetura abandonada indica um desejo de expansão da natureza superior à habilidade de crescer. No entanto, é essencial adotar medidas sustentáveis para um crescimento autêntico da arquitetura e construção civil contemporânea. Edifícios que se adaptam ao tempo, ajustados às várias opções de ocupação e adaptáveis a novos programas de necessidade. A reutilização de estruturas já existentes pode ser algo delicado devido ao afundamento do solo.

A partir das análises expressadas pelo diário de bordo, na escala macro, percebemos que apesar de uma percepção de esquecimento e ilhamento da cidade, considerando que o objeto em evidência está inserido em uma Zona de Interesse Ambiental e Paisagístico (ZIAP), os "esqueleto" tornam integrados a vegetação, em algumas edificações a vegetação já é tão alta que, até mesmo, por GPS não é possível perceber os limites dos lotes residenciais, alguns possuindo escoras de sustentação, inclusive. Além disso, pode-se subverter a lógica da construção que tende a expandir de forma brusca pela vegetação e propor o contrário, as edificações como uma extensão da vegetação - mas que possibilite sua vitalidade, pode ser uma resposta bem interessante.

Embora muitas vias já tenham sido bloqueadas de acesso para veículos, nas vias que ainda há mobilidade ativa o tráfego ainda é movimentado. É possível considerar uma multiplicidade de caminhos e acessos para quem faz o percurso a pé, mas a adesão de pedestres é quase nula, diante do esvaziamento do bairro e adjacências, além de que, em decorrência de uma rígida segurança dos imóveis estarem sob domínio de uma empresa multinacional, a sensação de ser vigiado e de ser um risco para a equipe que faz segurança e monitoramento dos bens.

O sentimento mais pertinente no local foi de cidade fantasma. As transformações são vistas nas pichações, nas ruínas, nas demolições, perfurações de poços, interdições de ruas, colapso de mina, no crescimento da vegetação, nas contínuas manifestações populares locais (protestos) e tantos outros fatos que mantém viva a memória do desastre em andamento, sem previsão de estagnação, construindo cotidianamente a memória do lugar.

4.2.1 DEFINIÇÃO DA POLIGONAL

Segundo Jacobs (1961) olhar e sentir a cidade é uma experiência que vai além de apenas percorrer suas ruas; é um processo de percepção profunda, onde cada detalhe se torna uma peça fundamental de um vasto quebra-cabeça histórico, cultural e humano. É deixar que a cidade revele suas camadas, que falam das vidas que a construíram, das memórias que ali permanecem e dos ciclos que continuam a moldá-la.

Ao olhar a cidade, não observamos apenas suas fachadas e paisagens, mas também os rastros do tempo que marcam suas paredes, praças e monumentos. Enxergamos as texturas das construções antigas, que falam de eras passadas, de uma arquitetura que carrega consigo valores, estilos e memórias coletivas. Notamos as diferenças entre os bairros, as transições dos espaços históricos para os modernos, e as áreas onde o patrimônio é preservado, ou onde ele começa a se apagar. Sentir a cidade, por outro lado, é deixar que ela nos toque de forma mais íntima. É experimentar o calor e a umidade de um fim de tarde, ouvir o eco dos passos em ruas estreitas, sentir o peso de uma praça vazia ou a alegria de um mercado lotado. É deixar que as histórias pessoais e as paisagens urbanas se entrelacem, conectando o observador ao pulsar do espaço.

Dito isso, partindo das percepções *in loco,* foi desenvolvida a poligonal localizada no bairro do Bebedouro e tem seus llimites estabelecidos pela Laguna Mundaú, linha férrea e Colégio Bom Conselho. Iniciou-se pela caracterização do bairro, coletada nas pesquisas dos capítulos anteriores deste trabalho, com a finalidade de entender as dinâmicas sociais e urbanas presentes no local. Em seguida houve a identificação da problemática e definiu a poligonal com o objetivo de tratar o abandono e restaurar a vitalidade da área, para propor intervenções no desenho urbano e legislativo, com estratégias e diretrizes voltadas para a preservação do patrimônio histórico, a valorização e conservação da memória da relação entre a população e a laguna, além de alterações na mobilidade.

LEGENDA BÁSICA

- LIMITES DA POLIGONAL
- ZONA ESPECIAL DE PRESERVAÇÃO (ZEP-3)
- CURSOS D'ÁGUA

LEGENDA TEMÁTICA

- MINA 32 (BRASKEM)
- ÁREA VERDE
- ESTAÇÃO BEBEDOURO
- PRAÇA CORONEL LUCENA MARANHÃO
- CEMITÉRIO SANTO ANTÔNIO
- ACESSO DE DOMÍNIO DA BRASKEM

Figura 114: Mapa de definição da poligonal.
Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.

4.2.2 FORMULAÇÃO DA PROBLEMÁTICA

Através da caracterização da área, foi identificada uma importância na configuração urbana e arquitetônica advinda do contexto histórico do surgimento do município de Maceió. Atualmente a maioria das edificações no polígono apresenta descaracterização da fachada, devido a retirada de esquadrias pelos moradores antes de deixar suas moradias e a presença de tapumes, como medida de segurança da empresa mineradora, que impossibilitam a visão e compreensão da fachada original. Outro fator alarmante é que algumas quadras já foram iniciadas as demolições que vêm deixando os espaços ociosos.

A falta de investimento em patrimônio histórico causa uma série de impactos na paisagem de uma cidade, incluindo a deterioração física dos edifícios históricos, a perda de identidade cultural, a desvalorização econômica das áreas, além de impactos ambientais e exclusão social. Para além dos danos materiais, o patrimônio carrega o valor simbólico e afetivo de uma sociedade, e sua degradação significa um enfraquecimento das ligações entre o passado e o presente, comprometendo o futuro sustentável e equilibrado de uma cidade.

Foi visto que a vegetação que cresce em áreas de ruínas pode representar tanto problemas quanto oportunidades para a preservação e a paisagem, dependendo de como é gerida. As raízes de plantas, especialmente de árvores, podem penetrar nas fissuras de paredes, fundações e pisos das ruínas. Com o tempo, essas raízes exercem pressão sobre as estruturas, podendo desestabilizar e até destruir partes das construções históricas.

Em relação à infraestrutura do bairro, uma das maiores dificuldades é a proximidade com a laguna, que provoca enchentes e alagamentos, danificando as edificações em seu entorno. Isso intensifica o aparecimento de patologias relacionadas à umidade na poligonal, dado que a drenagem disponível é insuficiente, o que afeta o estado de conservação dos imóveis, calçadas, vias e equipamentos públicos.

Portanto, a espacialização dos problemas possibilitou a identificação do cenário resultante da falta de investimento em patrimônio histórico e a deterioração urbana provocada pela mineradora em Maceió revelam um complexo entrelaçamento de problemas estruturais, sociais e ambientais. A perda de edificações históricas, a descaracterização do bairro e os impactos das enchentes, junto à expansão descontrolada da vegetação nas ruínas, contribuem para uma dinâmica de degradação que enfraquece a memória e a identidade local.

O futuro da cidade depende de ações coordenadas de preservação, investimento em infraestrutura sustentável e uma gestão patrimonial consciente, capaz de integrar as necessidades sociais com a valorização do legado histórico e a proteção ambiental e para isso gerou o princípio norteador que se subdivide em 3 diretrizes que buscam alcançá-lo. Essas diretrizes ajudam a formar um princípio norteador para um desenvolvimento urbano que respeita o patrimônio, promove a resiliência ambiental e social, e contribui para uma cidade mais inclusiva, justa e sustentável.

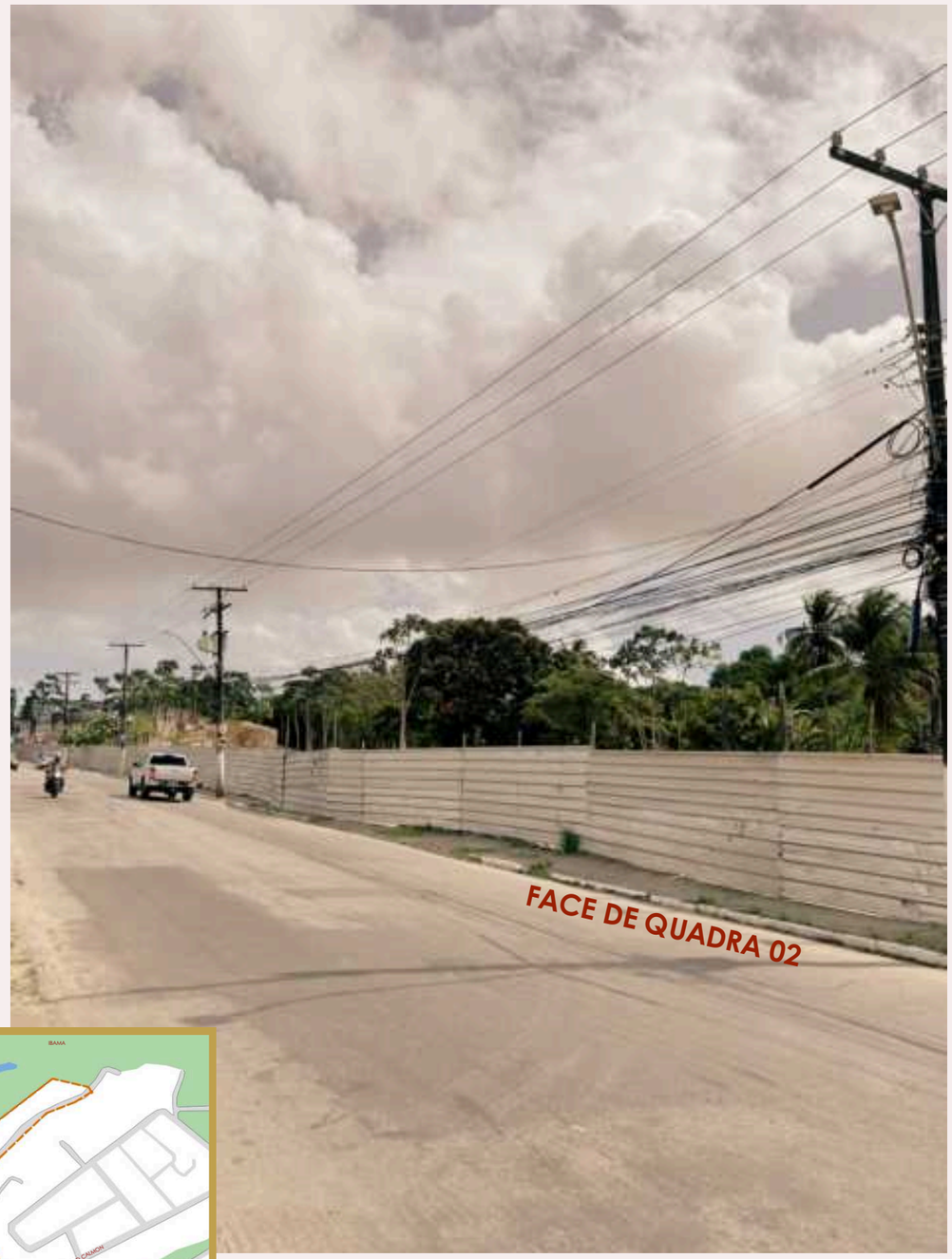
4.2.3 PRINCÍPIO NORTEADOR

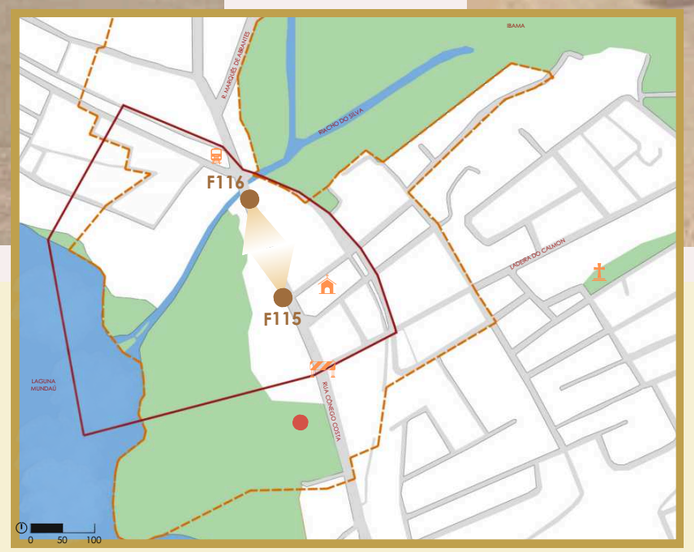
SALVAGUARDA DA MEMÓRIA DA ÁREA HISTÓRICA CONTRA A RUPTURA DA PAISAGEM URBANA

O princípio norteador para a proposta surge a partir da problemática da falta de proteção de áreas históricas vulneráveis ao afundamento do solo e na ruptura da paisagem urbana causado pelas demolições da empresa mineradora Braskem no bairro de Bebedouro em Maceió/AL. As diretrizes e estratégias traçadas a partir da problemática buscam salvaguardar a memória de áreas históricas após a estabilidade do solo, mostrar a resiliência das infraestruturas e proteção das comunidades, promovendo a revitalização urbana e a adaptação ambiental com foco na sustentabilidade e na memória coletiva.

Figura 115: Foto que define a problemática e o princípio norteador, na Rua Cônego Costa.
Fonte: Acervo pessoal, 2024.

Figura 116: Foto que define a problemática e o princípio norteador, na Rua Cônego Costa.
Fonte: Acervo pessoal, 2024.





LEGENDA BÁSICA

- LIMITES DA POLIGONAL
- ZONA ESPECIAL DE PRESERVAÇÃO (ZEP-3)
- CURSOS D'ÁGUA

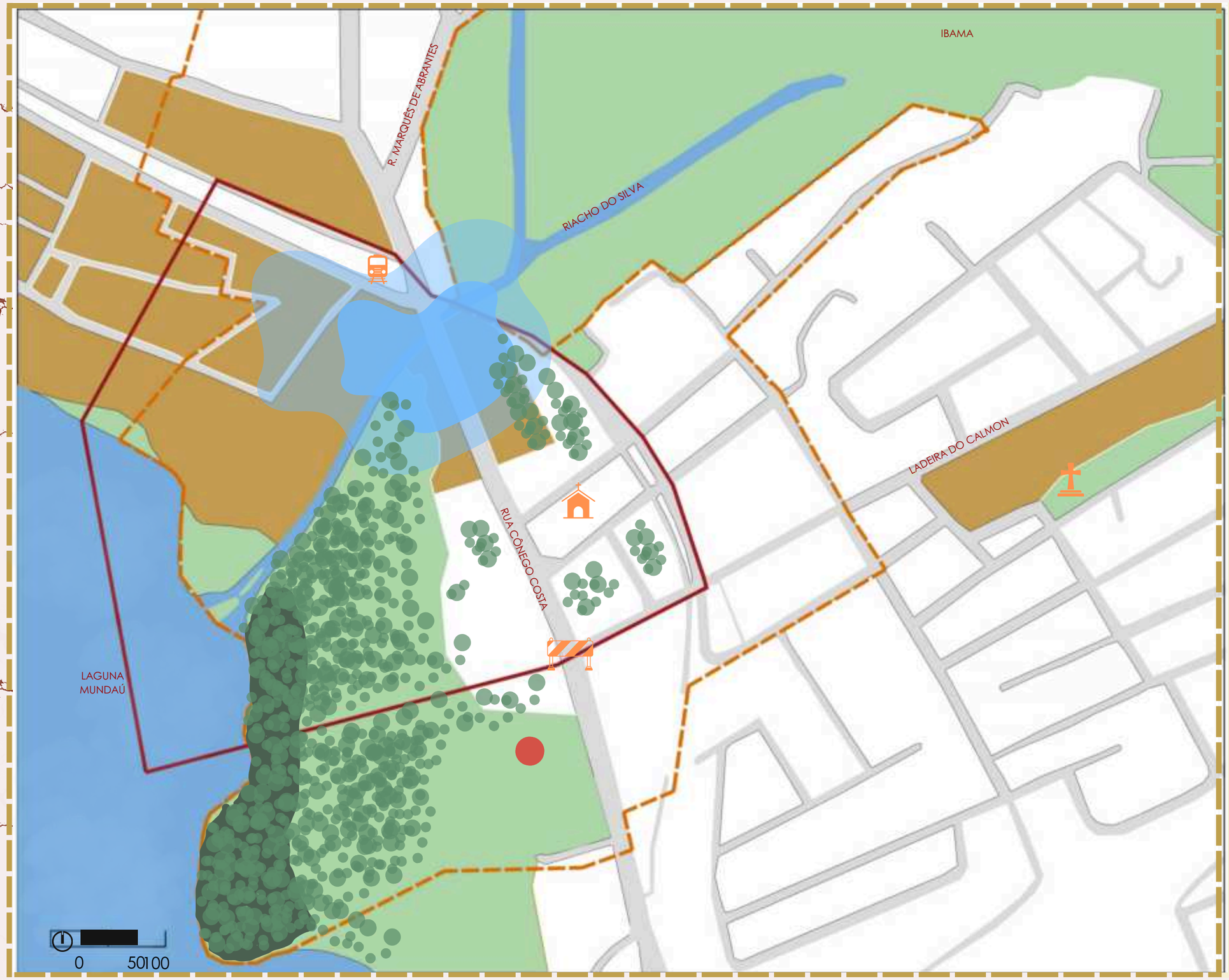
LEGENDA TEMÁTICA

- MINA 32 (BRASKEM)
- ÁREA VERDE
- ESTAÇÃO BEBEDOURO
- PRAÇA CORONEL LUCENA MARANHÃO
- CEMITÉRIO SANTO ANTÔNIO
- ACESSO DE DOMÍNIO DA BRASKEM

FACE DE QUADRA 01

FACE DE QUADRA 02

Figura 117: *Skyline* das faces de quadras, que foram demolidas pela Braskem, na Rua Cônego Costa.
Fonte: *Google maps*, 2024. Elaborado pelo autor, 2024.



LEGENDA BÁSICA

- LIMITES DA POLIGONAL
- ZONA ESPECIAL DE PRESERVAÇÃO (ZEP-3)
- CURSOS D'ÁGUA

LEGENDA TEMÁTICA

- MINA 32 (BRASKEM)
- VEGETAÇÃO DESORDENADA
- ÁREA VERDE
- ÁREA DEMOLIDA
- MANGUEZAL DESPROTEGIDO
- ÁREA SUSCETÍVEL A ALAGAMENTO EM MAIOR INTENSIDADE
- ÁREA SUSCETÍVEL A ALAGAMENTO EM MENOR INTENSIDADE
- ESTAÇÃO BEBEDOURO
- PRAÇA CORONEL LUCENA MARANHÃO
- CEMITÉRIO SANTO ANTÔNIO
- ACESSO DE DOMÍNIO DA BRASKEM

Figura 118: Mapa da problemática da poligonal.
Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.

DIRETRIZ 01

PRESERVAÇÃO PATRIMONIAL

Entre os cinco bairros impactados, existe uma distinção significativa em termos de tempo e morfologia: os bairros Bebedouro, Mutange e Bom Parto estão situados na planície lagunar, diretamente ligados à Laguna Mundaú, constituindo-se como os bairros mais antigos da cidade. A ferrovia os conecta e todos eles compartilham características relacionadas à pobreza, à pesca, à influência do trem e dos manguezais. A interação direta com o meio ambiente lagunar, sendo a ligação social com a laguna uma das mais intensas. Os bairros atingidos, com suas as diferenças geográficas, sociais ou econômicas, hoje fazem parte de uma única área: a área do desastre da Braskem. Embora todas histórias desses bairros sejam valiosas e importantes para o desenvolvimento da cidade, o foco do trabalho está centralizado apenas em Bebedouro.

Segundo Somekh (2017) o conceito de "conjuntos arquitetônicos urbanísticos" refere-se à organização e configuração do espaço urbano, onde a forma, a função e a estética dos edifícios e infraestruturas são essenciais para a construção de uma cidade coesa e acessível, neste modo a história de Bebedouro é entendida como um patrimônio ambiental urbano. A riqueza patrimonial da poligonal estudada, atualmente, encontra-se em processo de arruinamento - o que aqui foi chamado de ruína contemporânea - enfraquecendo o espaço de uma memória coletiva.

As diretrizes para conservação histórica são fundamentais para orientar a preservação de áreas ou edifícios de valor histórico, garantindo que sua integridade, significado cultural e valor arquitetônico sejam mantidos. Em áreas com risco ambiental ou urbanístico, como o caso de Maceió, essas diretrizes precisam considerar tanto a preservação do patrimônio histórico quanto a segurança das estruturas, além de potencializar a história material e imaterial do local.

A implementação dessas diretrizes requer um trabalho colaborativo entre governos, comunidades, instituições e especialistas em patrimônio. A preservação do patrimônio material e imaterial é um processo contínuo e dinâmico que deve ser adaptado às realidades locais e às necessidades das comunidades. O respeito à cultura local e a promoção da inclusão são fundamentais para garantir que o patrimônio seja valorizado como um recurso essencial para a construção da identidade e da memória coletiva. O Bairro Bebedouro é um importante núcleo histórico em Maceió, cuja relevância vai além de sua configuração urbanística e arquitetônica, dentro do contexto do Plano Diretor de Maceió, é considerado área de interesse cultural e caracterizado como uma Zona Especial de Preservação – ZEP. A praça Lucena Maranhão, a Igreja de Santo Antônio e o Colégio Bom Conselho são exemplares que compõem o núcleo histórico formado dessa zona.

Assim, Bebedouro, como um centro histórico protegido, destaca-se não apenas pela sua configuração urbanística, mas também por seu papel significativo na identidade cultural de Maceió. A preservação de suas características históricas e culturais é essencial para manter viva a memória coletiva da cidade e garantir que as futuras gerações possam apreciar e entender seu passado. A implementação eficaz do Plano Diretor e das políticas de preservação serão cruciais para o desenvolvimento sustentável do bairro e a valorização de sua rica herança cultural, assim, todo a proposta reconhece igualmente a relevância da educação patrimonial antes, durante e após as medidas que ele sugere para garantir sua efetividade.

ESTRATÉGIAS LIGADAS À DIRETRIZ 1

- Realização de um **dossiê completo** dos edifícios, espaços públicos, marcos culturais e áreas de interesse histórico, incluindo a, análise tipológica, significância cultural, levantamento cadastral, documentação de seu estado de conservação, diagnóstico e prognóstico de patologias;

- Para estruturas que têm potencial de recuperação, podem ser realizadas intervenções temporárias para estabilizá-las e evitar um maior deterioramento. Quando viável, implementar **projetos de restauração** que respeitem a integridade e a autenticidade da edificação. Isso pode incluir o uso de materiais e técnicas tradicionais que sejam compatíveis com a construção original;

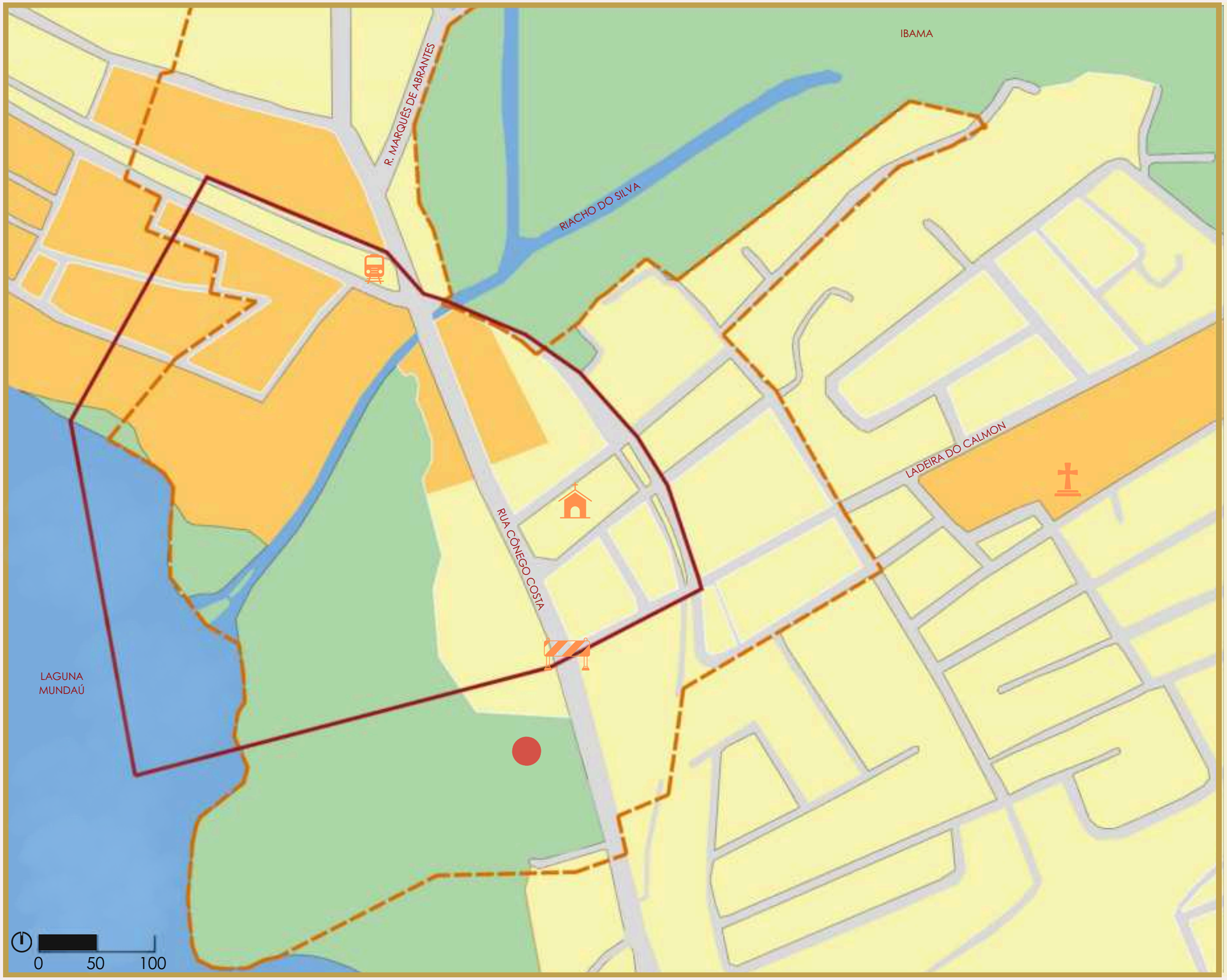
- **Programas educativos** sobre a importância do patrimônio histórico e cultural, que destaquem os benefícios da preservação para a identidade local, especialmente entre as crianças e os jovens, sobre a importância de seu patrimônio cultural, por meio de atividades educativas, visitas guiadas e oficinas para que a memória coletiva não seja esquecida;

- Reconhecimento e **registro das práticas culturais, tradições e saberes** que compõem o patrimônio imaterial, envolvendo a comunidade nas etapas de identificação, com o intuito de incentivar a transmissão das práticas culturais entre gerações, promovendo formas de ensino e aprendizado que respeitem as tradições (que eram) locais e reconhecendo a diversidade e inclusão social;

- Implementação de um plano de gestão entre a **preservação do patrimônio cultural e histórico**, a adaptação às condições urbanas contemporâneas e a inclusão social e comunitária para assegurar que os marcos históricos e culturais não sejam apenas preservados como objetos do passado, mas que continuem desempenhando um **papel vital** na identidade, economia e qualidade de vida da cidade e suas comunidades;

- Ressignificar as áreas demolidas para **marcos simbólicos** ou homenagens que celebrem a dignidade das vítimas e reconheçam a dor e o sofrimento experimentado, tornando esses espaços como **sítios de consciência**. Para tal, é necessário realizar restaurações e conservações de forma cuidadosa e criteriosa, para que a arquitetura e o ambiente original transmitam a realidade do passado;

- Preservação do sítio histórico de Bebedouro, como um todo, a fim de manter a **autenticidade do sítio histórico** com suas características originais e evitando alterações que comprometam o valor histórico e emocional. É importante documentar o estado atual do local antes de qualquer intervenção para que o registro histórico não perca ainda mais os vestígios do passado.



LEGENDA BÁSICA

- LIMITES DA POLIGONAL
- ZONA ESPECIAL DE PRESERVAÇÃO (ZEP-3)
- CURSOS D'ÁGUA

LEGENDA TEMÁTICA

- MINA 32 (BRASKEM)
- ÁREA VERDE
- ÁREA PARA PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO SENSÍVEL
- ÁREA PARA SÍTIOS DE CONSCIÊNCIA
- ESTAÇÃO BEBEDOURO
- PRAÇA CORONEL LUCENA MARANHÃO
- CEMITÉRIO SANTO ANTÔNIO
- ACESSO DE DOMÍNIO DA BRASKEM

Figura 119: Mapa que abarca a diretriz 1.
Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.

DIRETRIZ 02

VALORIZAÇÃO DA LAGUNA

Foi visto que, historicamente, Bebedouro, possui um trajeto importante na história da cidade devido à sua proximidade com a planície lagunar, que, de um lado, fazia fronteira com a Laguna Mundaú e, de outro, com a encosta. Logo, era uma rota definida com base na morfologia urbana, isto é, pela paisagem (Nascimento, 2024, p. 40). Logo, é entendido que o patrimônio ambiental é uma parte vital da herança coletiva da humanidade, e sua proteção é fundamental para garantir um futuro sustentável. A conscientização e a ação conjunta são essenciais para preservar esses bens naturais e culturais, que são indispensáveis para a saúde do planeta e o bem-estar das sociedades.

A Laguna Mundaú desempenha um papel crucial na cultura local de Maceió, sendo o cenário de celebrações e tradições que reforçam a identidade comunitária (Santos, 2022). O objetivo da proposta é que a conexão do bairro com a laguna não seja um problema, mas sim um suporte físico natural relevante, que também representa a memória da cidade, portanto, a laguna é um recurso natural valioso que oferece benefícios ecológicos, econômicos e sociais para a região de Alagoas. A conservação e o manejo sustentável dessa laguna são fundamentais para garantir que suas riquezas naturais e culturais sejam preservadas para as futuras gerações.

Um dos problemas elencados no desenvolvimento da problemática desta proposta foi as patologias relacionadas a inundações e enchentes. Tucci (2001) disserta que no controle de enchentes em áreas urbanas destaca a importância de diferentes abordagens na gestão das inundações, elas manifestam-se em dois tipos: estruturais (extensivas e intensivas) e não estruturais. A combinação de medidas estruturais e não estruturais é essencial para a efetividade no controle de enchentes e inundações em áreas urbanas. Enquanto as medidas estruturais fornecem soluções físicas imediatas, as não estruturais promovem uma abordagem mais holística e sustentável para a gestão das águas urbanas e a redução de riscos. O entendimento e a implementação dessas medidas são fundamentais para garantir a segurança e o controle das águas da laguna, que vêm sofrendo interferência com o colapso das minas de extração de sal-gema.

O controle de águas fluviais em áreas próximas a laguna requer uma abordagem integrada e multifacetada que considere tanto a infraestrutura física quanto as questões sociais e ambientais. A diretriz apresentada visa promover a resiliência das comunidades afetadas e a proteção dos ecossistemas, garantindo um futuro sustentável para a laguna e seus arredores. A preservação de recursos hídricos é um esforço coletivo que requer a colaboração de diferentes setores da sociedade. O engajamento da comunidade, a educação e a implementação de políticas adequadas são fundamentais para garantir a sustentabilidade e a qualidade desses recursos hídricos.

ESTRATÉGIAS LIGADAS À DIRETRIZ 2

- **Avaliação abrangente do sistema de drenagem** existente para identificar áreas problemáticas, como obstruções, vazamentos e dimensões insuficientes. Utilizar **ferramentas de mapeamento** para entender a dinâmica das águas pluviais e como elas interagem com a drenagem existente;

- **Controle da área de mangue** como uma margem de segurança, permitindo que as áreas de alagamento sejam mantidas livres para absorver as águas pluviais; Implementação de leis que proíbam a **exploração indiscriminada** e a **degradação das áreas de mangue**, com penalidades para infratores. Em caso de áreas degradadas implementar projetos de reflorestamento utilizando espécies nativas de mangue;

- Elaboração de **zonas de amortecimento** ao redor dos manguezais para proteger esses ecossistemas de atividades potencialmente prejudiciais, como construção e poluição. Podendo ser uma praça piscina como uma **medida estrutural intensiva** para retardar ou até evitar os alagamentos; Além de ser uma oportunidade para de áreas de contemplação da laguna, como: mirantes ou decks, tornando espaços comunitários para a população dos Flexais.

- **Supervisão da cobertura vegetal** no leito da laguna é uma estratégia importante para prevenir a erosão do solo, especialmente em áreas urbanas ou semi-urbanas onde a intervenção humana pode exacerbar a degradação ambiental;

- Tendo em vista a subsidência do solo na área estudada, é importante estabelecer um **programa de monitoramento** para avaliar a eficácia das medidas implementadas e a **evolução da cobertura vegetal** ao longo do tempo e ajustar as estratégias de controle e manejo com base nos dados coletados, garantindo que as intervenções sejam eficazes e sustentáveis.

LEGENDA BÁSICA

- LIMITES DA POLIGONAL
- ZONA ESPECIAL DE PRESERVAÇÃO (ZEP-3)
- CURSOS D'ÁGUA

LEGENDA TEMÁTICA

- MINA 32 (BRASKEM)
- ÁREA VERDE
- CONTROLE E PRESERVAÇÃO DO MANGUEZAL
- ZONAS DE AMORTECIMENTO (PRAÇA PISCINA)
- ESPAÇO DE CONTEMPLAÇÃO DA LAGUNA (MIRANTE)
- ESTAÇÃO BEBEDOURO
- PRAÇA CORONEL LUCENA MARANHÃO
- CEMITÉRIO SANTO ANTÔNIO
- ACESSO DE DOMÍNIO DA BRASKEM

Figura 120: Mapa que abarca a diretriz 2.
Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.

DIRETRIZ 03

(I)MOBILIDADE URBANA

O conceito de mobilidade refere-se à capacidade de movimentação, tanto de pessoas quanto de bens, em um espaço geográfico, social ou virtual. Em seu sentido mais amplo, a mobilidade está relacionada à facilidade, acessibilidade e eficiência com que indivíduos e recursos se deslocam entre diferentes pontos. No contexto urbano, é frequentemente associada à circulação em cidades e envolve a infraestrutura de transportes, sistemas viários, transporte público, além de aspectos econômicos, sociais e ambientais (Vasconcellos, 2012, p.46).

O impacto do desastre na mobilidade urbana de Maceió foi de grande ruptura na malha viária da cidade, especialmente nos bairros de Bebedouro, Mutange, Bom Parto, Pinheiro e Farol. O afundamento do solo, em consequência da atividade de mineração, provocou a interrupção da mobilidade, o deslocamento forçado de milhares de habitantes e o isolamento de moradores que estão na borda das demarcações de área de risco pela Defesa Civil, entendido como imobilidades urbanas.

Para Vainer (2010), as imobilidades urbanas estão diretamente relacionadas à desigualdade socioespacial e ao controle do território por forças políticas e econômicas. Ele destaca que a urbanização, em vez de ser um processo homogêneo e de integração, frequentemente resulta na criação de barreiras que impedem a circulação e limitam o acesso a determinados espaços urbanos para os setores mais vulneráveis da população.

Com o afundamento do solo, a estrutura das ruas e edificações foi comprometida, levando à evacuação de famílias e ao fechamento de vias importantes. Isso afetou a capacidade dos moradores de se locomoverem, especialmente nos bairros de Bebedouro e Mutange, áreas historicamente conectadas pela linha férrea e de grande dependência da laguna. Além disso, os deslocamentos compulsórios forçaram muitas pessoas a mudarem de suas casas sem um plano claro de indenizações, o que gerou distâncias maiores entre suas novas moradias e suas rotinas diárias, como trabalho, escolas e centros de serviços.

Bebedouro está situado próximo à Laguna Mundaú e faz parte da região que foi um dos primeiros núcleos de povoamento de Maceió. As ruas e avenidas do bairro, especialmente em torno da Praça Lucena Maranhão e da Igreja de Santo Antônio, mantêm traços do passado colonial e dos primeiros assentamentos da cidade. A malha viária conecta o bairro às suas origens históricas, preservando o traçado que reflete o desenvolvimento da cidade ao longo dos séculos. Portanto, a malha viária de Bebedouro é vital para a continuidade histórica e cultural do bairro, além de ser um fator crucial na manutenção da qualidade de vida e da mobilidade dos moradores. Em tempos de mudanças drásticas, como a subsidência do solo, essa malha é um dos elementos que precisa de atenção tanto para o resgate histórico quanto para a reestruturação urbana.

ESTRATÉGIAS LIGADAS À DIRETRIZ 3

- Embora algumas ruas tenham sido interditadas diante o mapa de risco da Defesa civil, o fluxo de veículos continua ativo no bairro e, se interditar todas as vias do bairro, a cidade de Maceió tende a um **colapso no trânsito e transporte** e não suportará a intensidade veicular para outras vias, mesmo que sejam avenidas de grande fluxo. É necessário que a malha viária de Bebedouro seja recuperada, tanto para garantir a segurança das vias quanto para preservar o acesso às áreas culturais e históricas, independente do risco;

- Dado o impacto do afundamento do solo e o isolamento causado, a criação de novas rotas e soluções de mobilidade, como ciclovias como extensão das vias contendo arborização ou transporte público mais eficiente, é essencial para garantir a **circulação dos moradores** e evitar o isolamento das pessoas que estão na borda do risco;

- Implementação de medidas que diminuam a velocidade dos automóveis, como faixas elevadas, lombadas e estreitamento das vias. Essas soluções contribuem para que a **segurança dos pedestres** seja resgatada e possam caminhar pelas ruas do bairro, a fim de mitigar a imobilidade, utilizar calçamento *fulget* é uma alternativa, que, além de exigir a diminuição da velocidade de veículos, ainda é permeável;

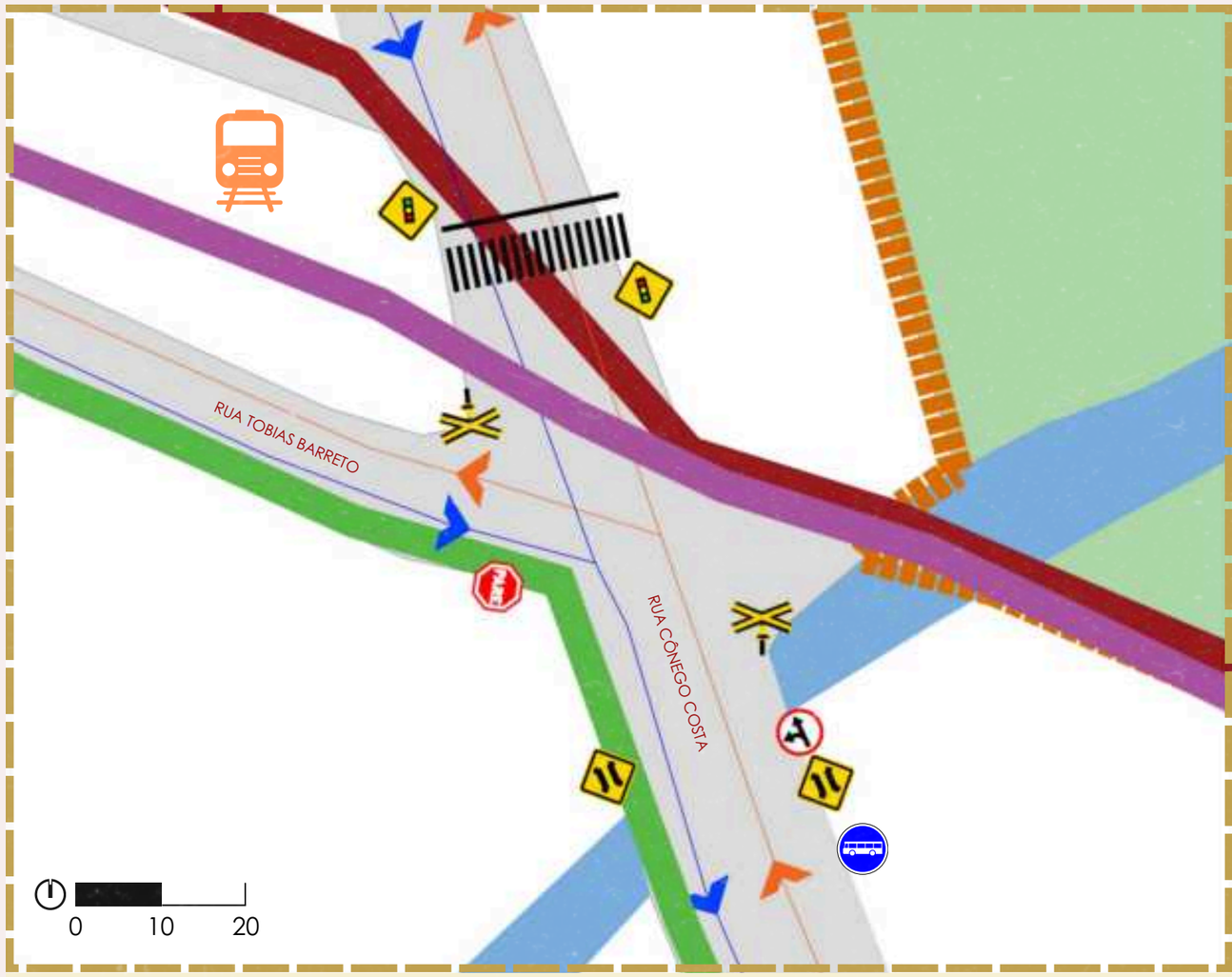
- O carbono liberado pelos automóveis é uma das principais causas de **sujidade nas fachadas de edifícios**. Quando as partículas de carbono juntam com a salinidade presente na maresia, formam uma crosta enegrecida, conhecidos como fuligem, que ao aderirem às superfícies das construções, criam uma camada escura e densa, que com o tempo compromete tanto a estética quanto a integridade dos materiais. Em Bebedouro, isso ocorre pela laguna ter relação direta com o mar, logo, essas partículas tornam patologias características do bairro;

- A expansão das **redes de transporte público integradas** às rotas e passeios para pedestres visa criar um sistema urbano mais eficiente e sustentável, reduzindo o uso excessivo de automóveis e melhorando a **qualidade de vida nas cidades.** A integração do transporte público com o deslocamento a pé não só reduz o impacto negativo do tráfego, mas também promove uma cidade mais acessível e saudável;

- A substituição do trem pelo tram, com foco na **caminhabilidade** e na integração com o espaço urbano. O tram opera em trilhos que muitas vezes estão no mesmo nível das calçadas, permitindo uma maior interação com o ambiente urbano. Isso facilita o acesso dos pedestres às paradas, promovendo a caminhabilidade e tornando o deslocamento a pé mais atraente e seguro;

- Incorporação da vegetação e árvores ao longo das vias, fornecendo sombreamento e melhorando o **conforto térmico** dos pedestres. Essas áreas verdes também ajudam na melhoria da qualidade do ar e no controle da temperatura urbana;

- Reforço da sinalização é fundamental para garantir a **segurança, a organização e a fluidez do trânsito**. A sinalização bem planejada e executada orienta motoristas, ciclistas e pedestres de maneira clara, minimizando o risco de acidentes e garantindo o uso adequado das vias.



LEGENDA BÁSICA

- LIMITES DA POLIGONAL
- ZONA ESPECIAL DE PRESERVAÇÃO (ZEP-3)
- CURSOS D'ÁGUA

LEGENDA TEMÁTICA

- ÁREA VERDE
- CICLOVIA
- TRAM (PERCUSSO)
- FLUXO DAS VIAS
- FAIXA DE PEDESTRE ELEVADA
- PONTO DE ÔNIBUS
- ESTAÇÃO BEBEDOURO

Figura 121: Mapa que abarca a diretriz 3.
Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.

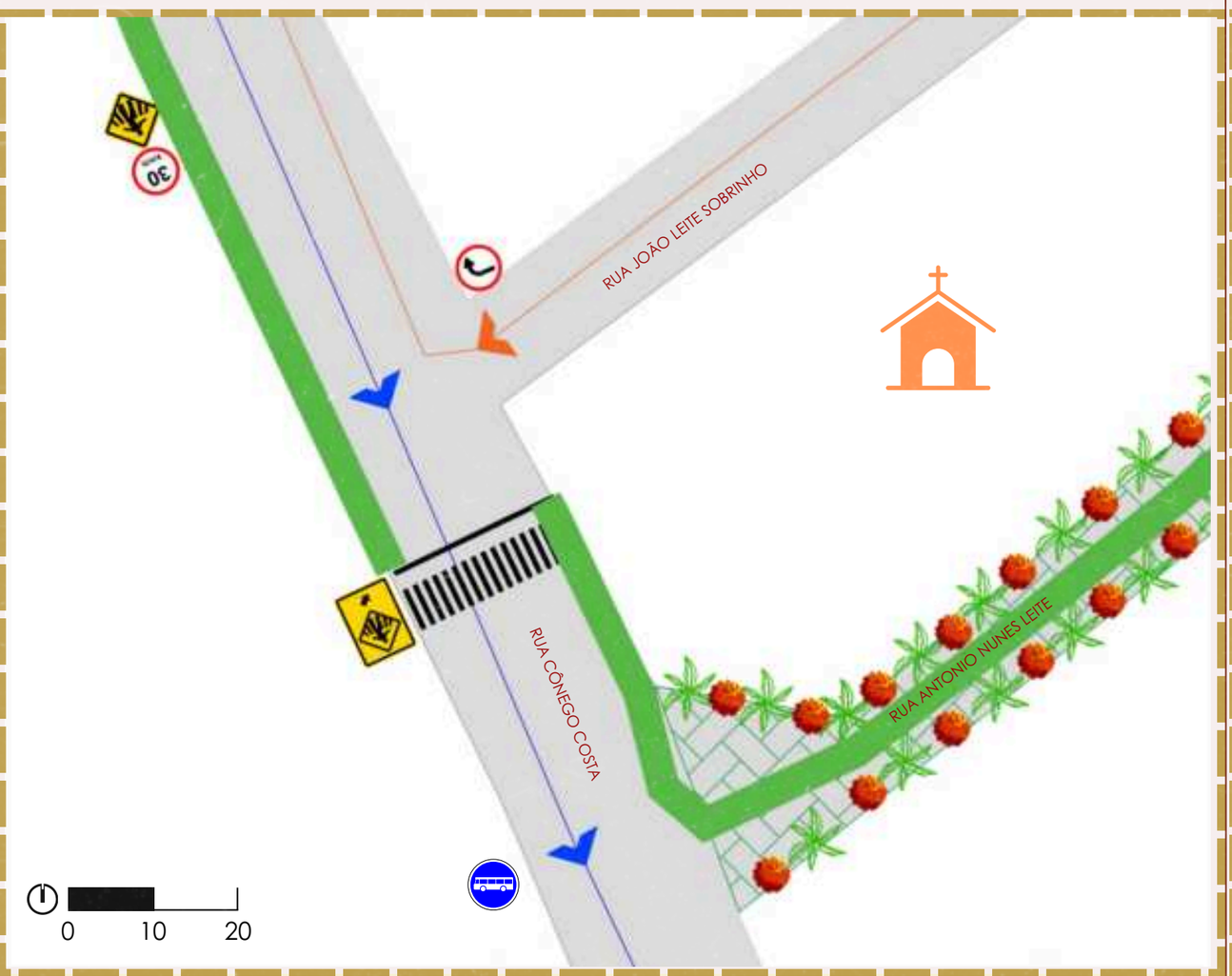
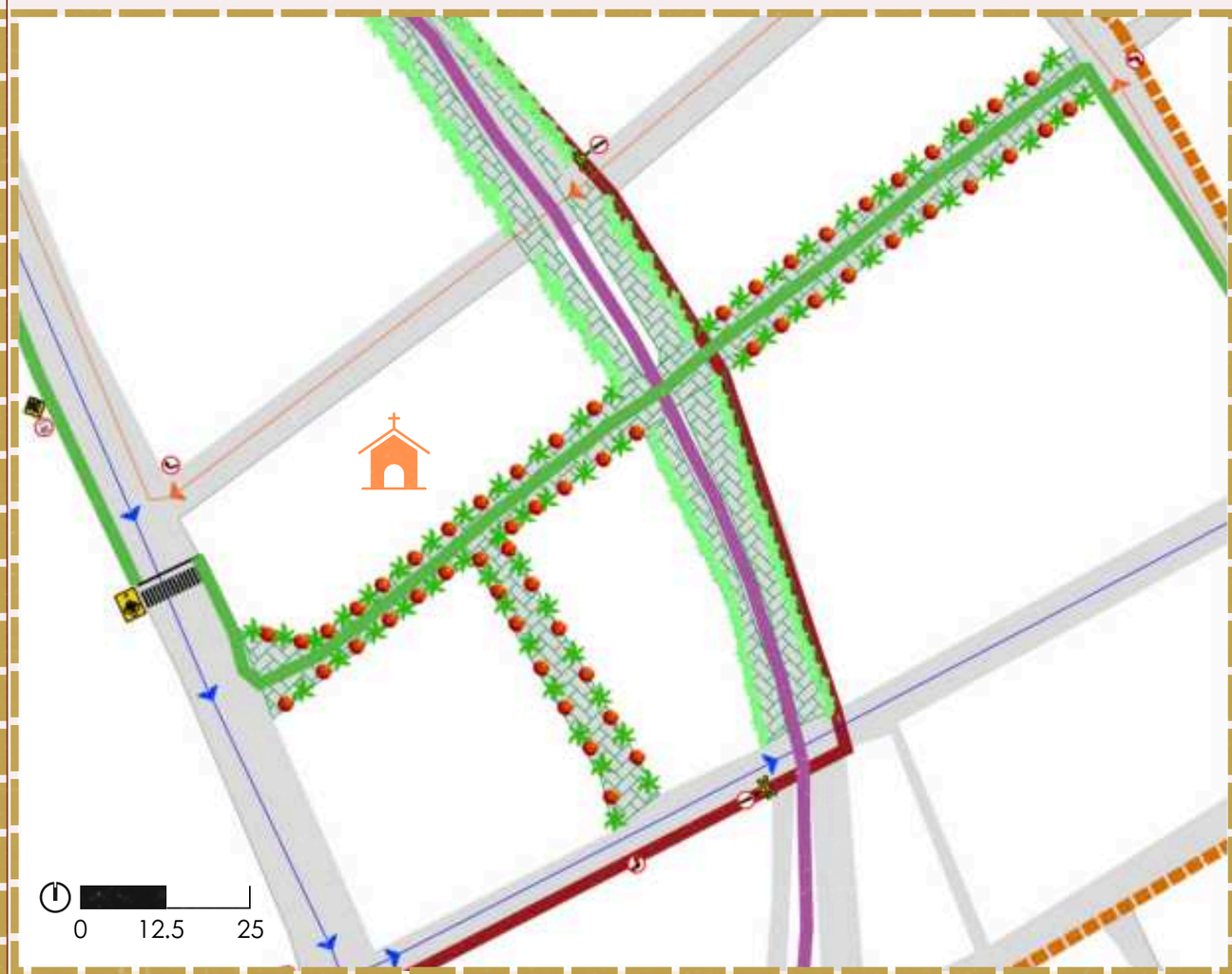


Figura 122: Mapa que abarca a diretriz 3.
Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.

LEGENDA TEMÁTICA

- CICLOVIA
- FLUXO DAS VIAS
- APLICAÇÃO DO PISO FULGET
- VEGETAÇÃO DE MÉDIO PORTE
- VEGETAÇÃO DE PEQUENO PORTE
- FAIXA DE PEDESTRE ELEVADA
- PONTO DE ÔNIBUS
- PRAÇA CORONEL LUCENA MARANHÃO



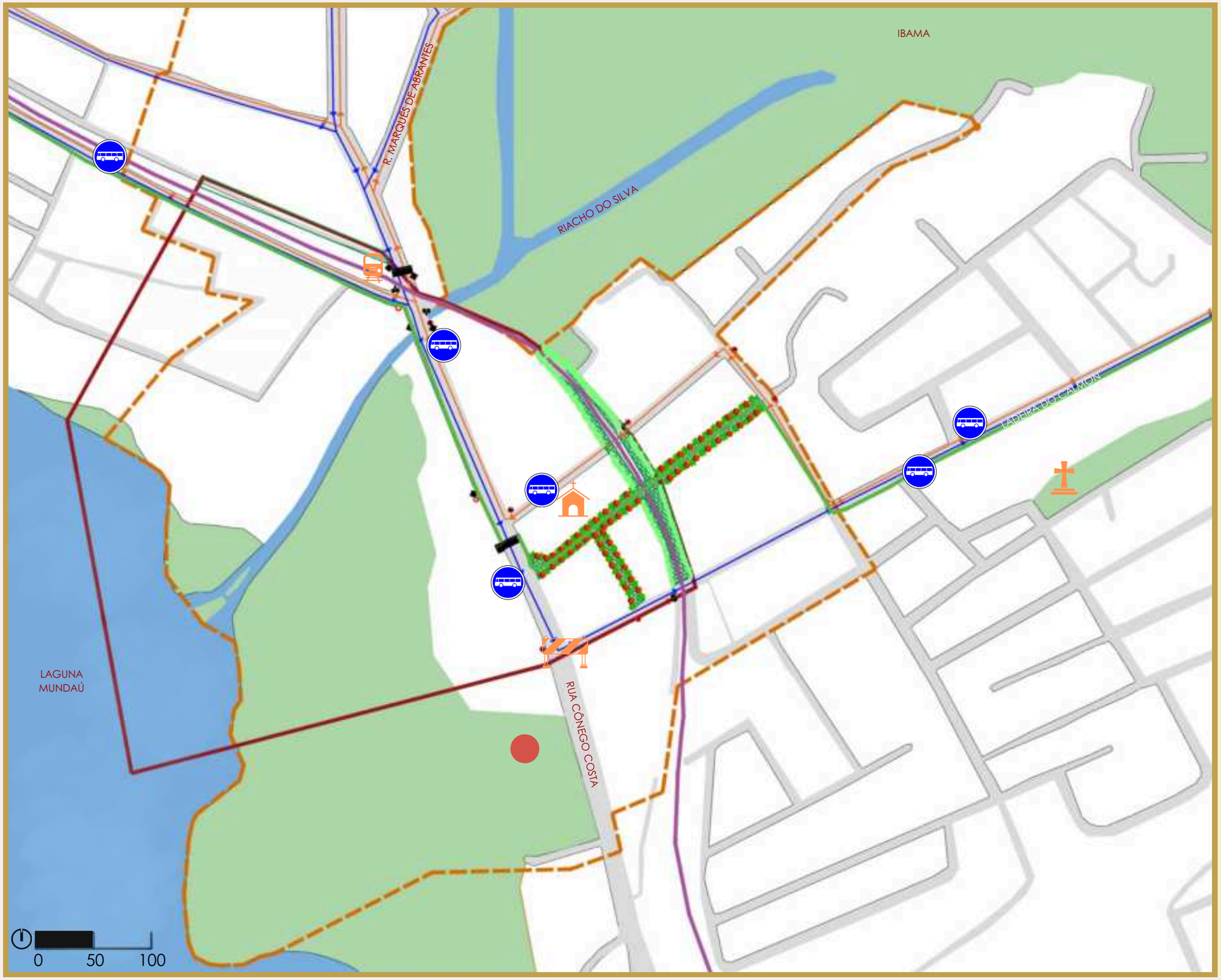
LEGENDA BÁSICA

- LIMITES DA POLIGONAL
- ZONA ESPECIAL DE PRESERVAÇÃO (ZEP-3)

LEGENDA TEMÁTICA

- CICLOVIA
- TRAM (PERCUSSO)
- FLUXO DAS VIAS
- VEGETAÇÃO DE MÉDIO PORTE
- VEGETAÇÃO DE PEQUENO PORTE
- FAIXA DE PEDESTRE ELEVADA
- PONTO DE ÔNIBUS
- PRAÇA CORONEL LUCENA MARANHÃO
- CANTEIRO DE CHUVA

Figura 123: Mapa que abarca a diretriz 3.
Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.



LEGENDA BÁSICA

- LIMITES DA POLIGONAL
- ZONA ESPECIAL DE PRESERVAÇÃO (ZEP-3)
- CURSOS D'ÁGUA

LEGENDA TEMÁTICA

- MINA 32 (BRASKEM)
- ÁREA VERDE
- CICLOVIA
- TRAM (PERCUSSO)
- VEGETAÇÃO DE MÉDIO PORTE
- VEGETAÇÃO DE PEQUENO PORTE
- CANTEIRO DE CHUVA
- FLUXO DAS VIAS
- FAIXA DE PEDESTRE ELEVADA
- PONTO DE ÔNIBUS
- ESTAÇÃO BEBEDOURO
- PRAÇA CORONEL LUCENA MARANHÃO
- CEMITÉRIO SANTO ANTÔNIO
- ACESSO DE DOMÍNIO DA BRASKEM

Figura 124: Mapa geral que abarca a diretriz 3.
Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.

A proposta de diretrizes e estratégias para Maceió destaca a necessidade de medidas paliativas para mitigar os impactos da ruptura urbana decorrente do afundamento do solo, especialmente em bairros como o Bebedouro, onde a vida cotidiana segue viva, mas enfrenta inúmeras carências. Trata-se de um problema complexo e recente, cuja magnitude desafia a atuação de profissionais de várias áreas, como arquitetos, urbanistas, engenheiros e gestores. Nesse contexto, as medidas paliativas apresentadas na proposta incluem estratégias que vão desde intervenções estruturais, como o reforço das fundações dos imóveis e a melhoria dos sistemas de drenagem, até iniciativas sociais e de gestão, como o apoio à realocação de famílias, ações educativas para informar a população sobre os riscos e formas de prevenção, e a criação de um plano emergencial de monitoramento do solo.

Dada a natureza ainda pouco explorada desse tipo de subsidência no Brasil e em escala global, é essencial que se continue aprofundando a pesquisa sobre o fenômeno e que as intervenções realizadas sirvam de estudo de caso para futuras situações de afundamento urbano. O foco do deste trabalho de conclusão, voltado para a reestruturação urbana de Bebedouro, visa um cenário de estabilidade do solo, que, por ora, ainda é utópico. Esse contexto reflete a necessidade urgente de medidas que assegurem a resiliência de território na reestruturação urbana após desastre.

O 'Projeto Integração Urbana e Desenvolvimento dos Flexais', promovido pela Braskem em parceria com o poder público, traz uma abordagem alinhada com este trabalho, ao buscar revitalizar o espaço, melhorar o acesso a serviços públicos e reativar a economia local. Isso mostra um esforço para transformar a infraestrutura do bairro de forma a restabelecer a vida comunitária e a segurança no território, apesar dos danos causados pelo afundamento. Portanto, a proposta urbanística realizada como produto final de graduação não foge da realidade e traz inspirações de novas práticas de requalificação urbana em áreas afetadas por fenômenos tecnológicos ou naturais que são aplicadas por profissionais.

Figura 125: Localização do Projeto Flexais, dentro da poligonal deste estudo.
Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.

LEGENDA BÁSICA

- LIMITES DA POLIGONAL
- ZONA ESPECIAL DE PRESERVAÇÃO (ZEP-3)
- CURSOS D'ÁGUA

LEGENDA TEMÁTICA

- MINA 32 (BRASKEM)
- ACESSO AO PROJETO FLEXAIS
- ÁREA VERDE
- ESTAÇÃO BEBEDOURO
- PRAÇA CORONEL LUCENA MARANHÃO
- ACESSO DE DOMÍNIO DA BRASKEM

Figura 126: Visualização das ações do Projeto Flexais, dentro da poligonal deste estudo. **Fonte:** Projeto Flexais, 2024.

Por fim, o solo torna-se(r) leito pelo fato de que a terra perdeu seu alicerce e o futuro é uma esperança de uma reestruturação de sonhos e vidas que foram modificados pelo desastre. O chão, antes suporte firme de suas vidas, tornou-se leito — uma base que, ao perder seu alicerce, carrega memórias, mas também cicatrizes. É como se o solo, ao afundar, revelasse não apenas um problema estrutural, mas uma mudança que reverbera em todas as esferas da vida local: a perda de segurança, de estabilidade e de identidade.

No entanto, a esperança de um futuro restaurado pulsa, guiada pelo desejo de reestruturação — não só das casas e ruas, mas dos sonhos e das vidas que foram impactados. Vieram máquinas e mãos estranhas, retiraram o coração da terra, a mina cavada em silêncio, agora uma ferida que não encerra. O solo tremeu, desmoronou, feito onda escura na laguna, e o lar de quem sempre pertenceu afundou na lama. As paredes rachadas contam histórias, de quem aqui plantou seus pés, mas o chão que antes era vida, hoje é poço e lamento de viés.

A Braskem, o tatu da vez, levou o alicerce, fez-se sombra onde era raiz, e os sonhos que aqui floresciam perderam-se um campo infeliz. O povo que fica ainda sonha, luta e espera com o dia de retomar o chão, na esperança de um novo leito, onde a vida brote em renovação. Àqueles que partiram sem ver a justiça cumprir, retornaram ao pó da amargura dos seus direitos destruídos.

Mudar a paisagem é redesenhar o ar, é vestir de novo a velha rua, é desfazer-se do que ficou. É erguer as cores de outra maneira, trançar o céu com fios de coragem, onde antes o cinza de concreto e dor, agora floresça uma nova imagem. É um ato de leveza e força, um gesto que arrisca e cria, como quem molda a própria sorte e reescreve o curso do dia. Mudar a paisagem é abrir passagem, para o verde brotar sem pressa, é transformar o chão em promessa e sentir a cidade em renascimento. Na curva da rua, o inesperado, na praça esquecida, um lugar, mudar a paisagem é sonhar alto, e, no sonho, saber ficar.

CAPÍTULO 05:

ao PÓ VOLTAREI

CAPÍTULO 05:

AO PÓ VOLTAREI

O trabalho final de graduação com o título de **"MEMÓRIAS EM RUÍNAS": Proposta urbanística integrada e sustentável para a requalificação da área histórica do bairro de Bebedouro - Maceió/AL**, teve como objetivo a elaboração de uma requalificação para o principal núcleo histórico de desenvolvimento do bairro de Bebedouro, pautado em diretrizes e estratégias, como forma de serem intervenções paliativas diante a ruptura causada pela mineração da empresa Braskem.

A ameaça do apagamento do lugar de memória, diante do enfrentamento do risco de afundamento do solo oriundo da atividade extrativista da Braskem, é um exemplo de como o capitalismo opressor pode ser capaz de destruir um território, que foi entendido neste trabalho como símbolo de resistência e memória coletiva. A paisagem, marcada pelo desastre, torna-se um local de múltiplas transformações, tanto físicas quanto simbólicas, ao mesmo tempo em que enfloresce inúmeros sentimentos da comunidade afetada.

Essa área, que foi devastada pelo impacto das ações de capital – aqui exemplificado pelo desastre tecnológico da Braskem –, vai além de uma perda socioambiental e cultural. Ela passa a ser um lugar de "Contra-Apagamento", um conceito que sugere resistência à supressão de memórias e referências culturais. A transformação da paisagem gera novos significados, à medida que ela se torna um "documento" de valor cultural e histórico, substituindo os antigos valores e referências que existiam antes do desastre.

O lugar de memória, portanto, adquire uma nova função comunitária, onde a coletividade encontra um novo sentido no espaço destruído, ressignificando-o como um bem comum. Isso reflete o potencial de resiliência da sociedade, que, mesmo diante do caos e da destruição, consegue reconstruir suas identidades e referências em torno de um novo significado compartilhado.

O desenvolvimento deste trabalho reflete uma rica experiência que percorreu diferentes caminhos, sempre com foco na valorização do patrimônio histórico e cultural. Embora muitas edificações no bairro do Bebedouro, em Maceió/AL, não sejam oficialmente reconhecidas como patrimônio, elas possuem grande valor, contando uma parte importante da história, que não é apenas do bairro, mas da cidade e do estado como um todo.

A atual situação de abandono e degradação dessas construções revela o descaso tanto do poder público quanto da empresa mineradora, destacando problemas de gestão relacionados à ZEP-3 (Zona Especial de Preservação Cultural) e, principalmente, a desvalorização da produção arquitetônica dos séculos anteriores. Isso aponta para uma perda cultural significativa, na qual o patrimônio construído, que poderia ser fonte de memória e identidade, é deixado à margem. O trabalho, nesse sentido, enfatiza a importância de preservar e ressignificar essas estruturas, reconhecendo seu valor como parte integrante da história e cultura local.

Neste estudo, destacam-se dois aspectos importantes: 1) a história cultural e 2) o procedimento da proposta. Esses dois aspectos orientaram o produto. No que diz respeito ao uso cultural, a influência veio da formação acadêmica do autor na área de conservação e restauro, que incluiu estágios, monitorias, viagens técnicas e projetos de pesquisa e extensão nessa temática. Outro aspecto relevante foi a experiência adquirida durante a graduação ao desenvolver projetos para a superintendência do IPHAN-AL da Prefeitura Municipal de Marechal Deodoro/AL, onde foi absorvido a importância da cultura popular, dos registros cadastrais e das políticas públicas para o patrimônio como elementos fundamentais para a identidade cultural de uma comunidade. Essa bagagem fortaleceu o senso crítico sobre o valor cultural e patrimonial de espaços urbanos, mesmo em contextos de abandono ou descaso, como no caso de Bebedouro.

O processo de projeto foi o segundo aspecto importante. Durante o desenvolvimento da proposta, diversos caminhos e experimentos foram testados, mesmo que não estejam incluídos na descrição projetual. As diretrizes e estratégias representam o resultado final desse processo, no qual a compreensão de elementos como o uso e ocupação do solo, a caracterização do local e a arquitetura em si foram essenciais para a criação da proposta.

A importância de trazer a sensação de pertença e perda do local para fundamentar este estudo reside no fato de que os critérios de preservação dos bairros afetados devem priorizar um Lugar de Memória, baseado na perspectiva dos afetados e no seu significado material, simbólico e funcional da memória do desastre. Portanto, os bairros em afundamento são aqui vistos como um local de ruptura da paisagem urbana devido ao desastre da Braskem, que tem atuação por décadas e décadas no solo da cidade.

Compreende-se que em um projeto de arquitetura e urbanismo todas as fases são indissociáveis, desde os elementos da fachada até o sistema urbano estrutural. No entanto, considerando as características do TCC e suas restrições, foi necessário focar em algumas áreas mais do que outras, especialmente nas áreas sociais, como praças, quadras e glebas, que são as áreas principais da proposta, com o objetivo de atenuar patologias e colapso temporal presentes em uma parte da cidade que se encontra fragmentada.

Este projeto de conclusão de curso permitiu uma interdisciplinaridade entre as matérias estudadas durante a graduação, incluindo teoria e história da arquitetura, conforto ambiental, sistemas estruturais, tecnologia dos materiais e urbanismo. É indiscutível a experiência no IPHAN-AL, que permitiu uma melhor compreensão do uso dedicado no trabalho e sua relevância. A atuação de pesquisa no grupo Núcleo de Estudos de Morfologia dos Espaços Públicos (MEP), no projeto "O maior desastre tecnológico em área urbana e o papel dos deslocados forçados na reconstrução da cidade: a mineração da Braskem em Maceió-AL (Fase 5)," realizado entre os anos de 2023 e 2024, proporcionou uma maior interação com a área afetada pela mineração e também levou para elaboração desse trabalho.

Uma vez que é entendido que o patrimônio é fundamental para as cidades, pois ele resguarda não apenas elementos tangíveis, como edifícios históricos, monumentos e ruas antigas, mas também aspectos intangíveis, como tradições, memórias coletivas e práticas culturais. Ao conectar o patrimônio cultural aos ODS, enxerga-se a preservação cultural como uma parte integral do desenvolvimento sustentável, promovendo cidades e comunidades que honram suas raízes ao mesmo tempo que avançam para um futuro mais justo, inclusivo e resiliente. Essa abordagem holística reflete uma visão de patrimônio que vai além da conservação física e se torna um eixo central na criação de um mundo mais sustentável e consciente para as futuras gerações.

Por fim, a proposta projetual que teve como objetivo **requalificar da área histórica do bairro de Bebedouro - Maceió/AL, afetada pela mineração da Braskem, desenvolvida numa proposta urbanística integrada e sustentável** mostrou-se como uma alternativa para resolução desta problemática. As ações em busca da preservação patrimonial, valorização da laguna e melhorias na (i)mobilidade, reverberam no incentivo da conservação do sítio histórico do local, através de estratégias que visam estabelecer um paliativo diante da ruptura urbana. Com este estudo, busca-se contribuir de alguma forma para o debate sobre intervenções em centros históricos de forma inédita, com a ausência de moradores. A ideia é não interpretar a intervenção como um revivalismo histórico, mas, sim, como um meio de valorizar o patrimônio cultural, mesmo que muitas das construções não sejam tombadas. Nesse modo, compreende-se como um importante elemento de memória e na paisagem do bairro.

Como Milton Nascimento e Chico Buarque (1976) capturam o “cio da terra” no ato de afagar a terra, conhecer os desejos da terra e fecundar o chão. Esse "conhecer os desejos da terra" reflete a ideia de entender o que a natureza nos pede, seus ritmos e tempos, sem tentar forçar ou explorar além do necessário. Ao pó voltarei, diz o chão que cede, em silêncio profundo, sussurra e afunda. Ao pó voltarei, ecoam as ruas. Não há abraço que cure o chão, não há palavra que refaça o laço, mas no pó, um rastro de vida insiste, esperança e lembrança entre o aço e o cansaço. E o solo que um dia sustentou a história, hoje descansa, em silêncio, aos poucos some, mas, ao pó voltarei, ele diz com ternura, pois em cada grão há memória e nome, agora ferido ele escorre e some, como sombra num abraço soturno e solitário.

passado-próximo

presente

futuro?

REFERÊNCIAS

ALMEIDA , Lidiane Miguel dos Anjos. Levantamento arquitetônico e histórico, com base em documentos paleográficos do século xix, do Asylo das Orphãs desvalidas nossa senhora do bom conselho, situado no bairro Bebedouro, em Maceió – AL. 140 f. TCC (Graduação) – Curso de Arquitetura e Urbanismo, Centro Universitário Maurício de Nassau, Maceió, 2020.

BARROS, Carlina Rocha A. et al. O que tapa o alagadiço?: os impactos do higienismo na qualidade urbana de Maceió/Alagoas (Brasil) a partir das intervenções no riacho Maceió. In: **XI Simposio de la Asociación Internacional de Planificación Urbana y Ambiente (UPE 11)(La Plata, 2014)**. 2014;

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF, 2016. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 09 ago. 2024.

BRASIL. CPRM. Serviço Geológico do Brasil. **Estudos Sobre a Instabilidade do terreno nos bairros Pinheiro, Mutange e Bebedouro, Maceió (AL)**: Ação Emergencial no Bairro Pinheiro. Brasília: CPRM, 2019. 4v. Disponível em: https://rigeo.cprm.gov.br/jspui/bitstream/doc/21133/1/relatoriosintese.pdf. Acesso em: 14 mar. 2024;

BRASIL. **Decreto nº 97.632, de 10 de abril de 1989**. Dispõe sobre a regulamentação do Artigo 2º, inciso VIII, da Lei nº 6.938, de 31 de agosto de 1981, e dá outras providências. Brasília, DF, 1989. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1980- 1989/d97632.htm. Acesso em: 18 jun. 2024;

BRASIL. **Decreto-Lei 25 de 30 de novembro de 1937**. Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional. Rio de Janeiro, RJ, 1937. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del0025.htm. Acesso em: 15 abr. 2024;

BRASIL. **Decreto-lei nº 227, de 28 de fevereiro de 1967**. Dá nova redação ao Decreto-lei nº 1.985, de 29 de janeiro de 1940. (Código de Minas). Brasília, DF, 1967. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del0227.htm. Acesso em: 24 jul. 2024;

BRASIL. **Lei nº 13.575, de 26 de dezembro de 2017**. Cria a Agência Nacional de Mineração (ANM); e dá outras providências. Brasília, DF, 2017. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13575.htm. Acesso em: 18 jun. 2024.

BRASIL. **Lei nº 14.066, de 30 de setembro de 2020**. Altera a Lei nº 12.334, de 20 de setembro de 2010, que estabelece a Política Nacional de Segurança de Barragens (PNSB), e dá outras providências. Brasília, DF, 2020. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/lei/l14066.htm. Acesso em: 17 jun. 2024;

BRASIL. **Lei nº 6.567, de 24 de setembro de 1978.** Dispõe sobre regime especial para exploração e o aproveitamento das substâncias minerais que especifica e dá outras providências. Brasília, DF, 1978. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6567.htm. Acesso em: 19 ago. 2024;

BRASIL. **Lei nº 9.314, de 14 de novembro de 1996.** Altera dispositivos do Decreto-lei nº 227, de 28 de fevereiro de 1967, e dá outras providências. Brasília, DF, 1996. Disponível em: https://planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9314.htm. Acesso em: 19 ago. 2024;

BRASIL. **Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998**. Dispõe sobre as sanções penais e administrativas derivadas de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente, e dá outras providências. Brasília, DF, 1998. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9605.htm. Acesso em: 19 ago. 2024;

BRASIL. Ministério da Cultura. **Inventário Nacional de Referências Culturais** - INRC - Manual de Aplicação. IPHAN. Brasília, DF, 2000. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Manual_do_INRC.pdf. Acesso em: 09 mar. 2024;

BRASIL. **Portaria Nº 1311, de 28 de maio de 2019.** Reconhece o Estado de Calamidade Pública no Município de Maceió/AL. Secretaria Nacional de Proteção e Defesa Civil, Brasília, DF, 2019;

BRASIL. **Portaria Nº 1733, de 19 de junho de 2020.** Reconhece o Estado de Calamidade Pública no Município de Maceió/AL. Secretaria Nacional de Proteção e Defesa Civil, Brasília, DF, 2020.

CASTRIOTA, L. B. **Patrimônio e Valores I:** A via Crítica de Alois Riegl. Belo Horizonte: IEDS, Miguikim, 2022;

CASTRIOTA, L. B.; (coord.). **Dossiê de Tombamento de Bento Rodrigues**. COMPAT, Belo Horizonte, 2019. Disponível em: https://issuu.com/patrimonioculturalmpmg/docs/bentorodriguesdossietombamento . Acesso em: 15 ago. 2024;

CAVALCANTE, Joaldo. **Salgema**: do erro à tragédia. Maceió: Cesmac, 2020;

CENTENÁRIA igreja de Bebedouro recebe selo da Braskem para relocação. Maceió **Sete Segundos - Notícias**, 2020. Disponível em: <https://maceio.7segundos.com.br/noticias/2020/11/06/163102-centenaria-igreja-de-bebedouro-recebe-selo-da-braskem-para-relocacao>. Acesso em: 29 fev, 2023;

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. Unesp, 2017;

CNN BRASIL. **Professor sobre mina em Maceió:** Essa é a nossa Chernobyl. Youtube, CNN PRIME TIME, [s. l.], 2023. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=yXZsGliE5Dk. Acesso em: 09 ago. 2024;

COELHO, Caio Henrique. Habitar a ruína: por uma arquitetura entre tempos. 2022. 66 f. Trabalho Final de Graduação (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.;

COTIDIANO FOTOGRÁFICO. **Felicitações de Natal da Salgema que trabalha "em prol do desenvolvimento do potencial econômico do Estado"**, [s. d.]. Instagram, [s. l.], 2023. Disponível em: https://www.instagram.com/cotidiano_fotografico/. Acesso em: 14 ago 2024;

COTIDIANO FOTOGRÁFICO. **Material escolar doado pela Salgema em 1989**. Instagram, [s. l.], 2023. Disponível em: https://www.instagram.com/cotidiano_fotografico/. Acesso em: 14 ago. 2024.

DUARTE, Adriana Guimarães. **Referências culturais enquanto processo histórico de ocupação no litoral norte de maceió:** em ameaça ou em nova acomodação? 2019. Dissertação (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Alagoas, Maceió. 2019;

DUARTE, R. **Orla Lagunar de Maceió**: apropriação e paisagem (1960-2009). 2010. Dissertação (mestrado em Arquitetura e Urbanismo: Dinâmicas do Espaço Habitado) - Universidade Federal de Alagoas, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Maceió, 2010;

DUARTE, Rubens de O.; MANHAS, Adriana C. B. da S. A LAGUNA MUNDAÚ NO CONTEXTO URBANO DE MACEIÓ (AL) A PARTIR DA IMPLANTAÇÃO DA SALGEMA INDÚSTRIAS QUÍMICAS S.A. In: REUNIÃO ANUAL DA SBPC, 70., 2018, Maceió. **Anais**. Maceió: Sbpc, 2018. p. 1 – 4;

FACHINI, T. **Código de Mineração**: principais pontos e alterações recentes. PROJURIS, [s. l.], 2022. Disponível em: https://www.projuris.com.br/blog/codigo-de-mineracao/. Acesso em: 14 ago. 2024.

FARIA, Geraldo Majela Gaudêncio; CAVALCANTI, Verônica Robalinho. **Sistema de espaços livres da cidade de Maceió**. Paisagem e Ambiente, n. 26, p. 7-28, 2009;

G1 AL. **Nível do Riacho do Silva volta a subir e moradores ficam ilhados.** Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6567.htm. Acesso em: 19 ago. 2024;

HAESBAERT, R. (2004, setembro). **Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade**. In: Seminário Nacional sobre Múltiplas Territorialidades, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre;

HAESBAERT, R. **Concepções de Território para entender a desterritorialização**. In: SANTOS, Milton. et al. (Orgs.) Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial. Rio de Janeiro: Lamparina, 2011;

HAESBAERT, R. **A CORPORIFICAÇÃO "NATURAL" DO TERRITÓRIO**: do terricídio à multiterritorialidade da terra. Geographia, Rio de Janeiro, v. 23, n. 50, p. 2-19, fev. 2024;

HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. Trad. Laurent Léon Schafter. Paris, 1968. Título Original: La Memoire Collective. São Paulo: Centauro, 2011. ISBN 85-7115-038-9. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4005834/mod_resource/content/1/48811146- Maurice-Halbwachs-A-Memoria-Coletiva.pdf . Acesso em: 14 ago. 2024;

HISTÓRIAS DO SUBSOLO. **Licença Ambiental de Operação para Braskem** - 2016. Histórias do Subsolo, Maceió, 2022. Disponível em: https://historiasdosubsolo.org/documentos. Acesso em: 19 ago. 2024;

HISTÓRIAS DO SUBSOLO. **Placa da renovação da Licença Ambiental de Operação** - 2017. Histórias do Subsolo, Maceió, 2022. Disponível em: https://historiasdosubsolo.org/documentos. Acesso em: 19 ago. 2024;

HISTÓRIAS DO SUBSOLO. **Presidente Ernesto Geisel em Maceió** - Arquivo Público, 1975. Histórias do Subsolo, Maceió, 2022. Disponível em: https://historiasdosubsolo.org/documentos. Acesso em: 19 ago. 2024;

HISTÓRIAS DO SUBSOLO. **Publicação em jornal da manifestação contra a Braskem**: Jornal A Voz do Jornalista - 07-1985. Histórias do Subsolo, Maceió, 2022. Disponível em: https://historiasdosubsolo.org/documentos. Acesso em: 19 ago. 2024;

HISTÓRIAS DO SUBSOLO. **Publicação em jornal dos estudos sobre o Terminal Químico da Salgema** – Tribuna, 06-08-1986. Histórias do Subsolo, Maceió, 2022. Disponível em: https://historiasdosubsolo.org/documentos. Acesso em: 19 ago. 2024;

IBGE. **Índice de Desenvolvimento Humano** – Maceió 2010. IBGE, Rio de Janeiro, 2024. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/al/maceio/pesquisa/37/30255?ano=2010. Acesso em: 26 ago. 2024;

ICOMOS. **Carta de Veneza.** II Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos dos Monumentos Históricos, Veneza, 1964. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Veneza%201964.pdf. Acesso em: 08 mar. 2023;

ICOMOS. **Proposta de inscrição do Sítio Arqueológico Cais do Valongo na lista do Patrimônio Mundial**. Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie_Cais_do_Valongo_versao_Portug ues.pdf. Acesso em: 19 set. 2024;

ICOMOS. **The Burra Charter**. The Australia ICOMOS Charter for Places of Cultural Significance, Australia, 2013. Disponível em: 302 http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/The-Burra-Charter-2013-Adopted31_10_2013.pdf. Acesso em: 08 mar. 2024.

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE ALAGOAS. **Publicação do Jornal de Alagoas em 9 de maio de 1984**. IHGAL, Maceió, [s. d.].

IPHAN. **Detalhes sobre o Patrimônio Cultural.** 2024. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/899/. Acesso em: 20 abr. 2024;

IPHAN. **Portaria 375 de 19 de setembro de 2018.** Ministério da Cultura. Dispõe sobre a Política do Patrimônio Cultural Material - PPCM, 2018. Brasília, 2018. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/portaria3752018sei_iphan073209 0.pdf. Acesso em: 15 abr. 2024;

IPHAN. **Portaria nº 200 de 18 de maio de 2016.** Ministério da Cultura. Dispõe sobre a regulamentação do Programa Nacional do Patrimônio Imaterial - PNPI, 2016. Brasília, 2018. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/portaria_n_200_de_15_de_maio_de_2016.pdf. Acesso em: 15 abr. 2024;

KELLER, Paulo F. COTIDIANO OPERÁRIO & COMPLEXO FABRIL: fábrica com vila operária em Paracambi-RJ. Rio de Janeiro: **ENFOQUES**, v. 5, ed. 1, p. 1-13, 2006. Disponível em: http://www.enfoques.ifcs.ufrj.br/ojs/index.php/enfoques/article/view/36/29. Acesso em: 11 fev. 2024;

LEMOS, J. R. **Bebedouro**: Comunidade de História e de Fé. Maceió: Grafcerta, 2003;

LEFEBVRE, H. 1986(1974). ***La Production de l'Espace***. Paris: Anthropos;

MACEIÓ. **Decreto de Calamidade 9.643 de 29 de novembro de 2023**. Declara emergência no município de Maceió em virtude da iminência de colapso da mina 18 da mineradora Braskem. Prefeitura Municipal De Maceió, 2023. Disponível em: https://maceio.al.gov.br/uploads/documentos/Decreto-de-Emergencia-Municipio-de-MaceioDOM-extraordinario-29-de-novembro-de-2023.pdf. Acesso em: 21 ago. 2024;

MACEIÓ. **Decreto nº. 9.128 Maceió/AL, 23 de novembro de 2021.** Declara estado de calamidade pública nas áreas do município de Maceió afetada por subsidências e colapsos - COBRADE nº 1.1.3.4.0, conforme IN/MDR nº. 36/2020. Maceió, AL, 2021;

MACEIÓ. **Lei Municipal 5.486, 31 de dezembro de 2005**. Plano Diretor de Maceió. Maceió, AL, 2005.

MAFRA, Victor. **História da mineração de sal-gema em Maceió:** um desastre anunciado. Brasil 247, 09 jul. 2022. Disponível em: https://www.brasil247.com/blog/historia-da-mineracao-de-sal-gema-em-maceio-um-desastre-anunciado. Acesso em: 08 fev. 2024;

MENEGUELLO, C.; BORGES, V. **Patrimônio, memória e reparação:** a preservação dos lugares destinados à hanseníase no estado de São Paulo. Patrimônio e Memória., São Paulo, v. 4, n. 2, p. 345 – 374, 2018. Disponível em: https://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/771/1055. Acesso em: 14 set. 2024;

MENEGUELLO, C.; PISTORELLO, D. **Patrimônios difíceis e ensino de história**: uma complexa interação. Revista História Hoje, São Paulo, v. 10, n. 19, p. 4 -11, 2021. Disponível em: https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/775. Acesso em: 08 mar. 2024;

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL. **Acordo de cooperação MPF / PR-RR N° 001/2020.** Acordo de Cooperação que entre si celebram o Ministério Público Federal – Procuradoria da República no Estado de Roraima – e o Ministério da Defesa Exército Brasileiro – ForçaTarefa Logística Humanitária– VIII Contingente. Boa Vista, Roraima, 2020. Disponível em: https://www.mpf.mp.br/rr/sala-deimprensa/docs/Acordo_assinado_PRRR00010660.2020.pdf. Acesso em: 09 set. 2024;

MUNIZ, Bianca. MACHADO, Roseline. Alagoa do Sul de Vila à Cidade: memórias urbanas na perspectiva da Cartografia Histórica. In: Simpósio Brasileiro de Cartografia Histórica, 1., 2011, Paraty. **Anais** [...] Belo Horizonte: Centro de Referência de Cartografia Histórica, 2011. p 1 - 12. Disponível em: https://www.ufmg.br/rededemuseus/crch/simposio/MUNIZ_BIANCA_M_E_OLIVEIRA_ROSELINE.pdf. Acesso em: 08 mar. 2024;

NASCIMENTO, Bárbara Thomaz Lins do. ***The places image and reflections : the study of Leveda.*** 2008. 163 f. Dissertação (Mestrado em Dinâmicas do Espaço Habitado) - Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2008;

NASCIMENTO, Maria Gardênia Santos. **Memória da Destruição e a Preservação da Paisagem do Desastre da Braskem em Maceió/AL.** 407 f. Dissertação (Mestrado em Preservação do Patrimônio Cultural) - IPHAN, Rio de Janeiro, 2024;

NASCIMENTO, Milton. BUARQUE, Chico. O cio da terra. Rio de Janeiro: EMI Music Brasil Ltda, 1976. Disponível em: https://open.spotify.com/intl-pt/track/7C0JAgbhRr2ANXVAmjFaMV?si=62e1203b924b42c7. Acesso em: 13 out. 2024;

NORMANDE, Taís Bentes. **História de uma permanência: a Jatiúca velha** - Pobres e Ricos na Orla Marítima de Maceió. 2000. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2009;

NORA, P. Entre memória e história - a problemática dos lugares. Trad. Yara Aun Jhoury. **Proj. História.** São Paulo, n. 10, p. 07-28, 1993. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763. Acesso em: 08 mar. 2024;

PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9127-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios.html>. Acesso em: 08 fev. 2024;

PRONZATO, C. **A Braskem passou por aqui:** A catástrofe de Maceió. Youtube, 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=zBOJbOGcBwo. Acesso em 18 mai. 2024;

QUARANTELLI, Enrico L. **Uma agenda de pesquisa do século 21 em ciências sociais para os desastres:** questões teóricas, metodológicas e empíricas, e suas implementações no campo profissional. Tradução: Raquel Brigatte. O Social em Questão - Ano XVIII - nº 33. 2015. Disponível em: http://osocialemquestao.ser.pucrio.br/media/OSQ_33_0_Quarantelli.pdf. Acesso em: 19 set. 2024.

REIS, Leonardo. **Gasto da Braskem com Maceió pode ir além de R$ 8,5 bi**. Disponível em: https://valor.globo.com/empresas/noticia/2020/11/11/braskem-cre-que-r-85-bi-devem-ser-suficientes-para-enfrentar-problema-emmaceio.ghtml. Acesso em: 25 jan. 2024;

REIS FILHO, Nestor Goulart. **O quadro da arquitetura no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1983;

SANT'ANNA, M. **Da cidade-monumento à cidade documento: a norma de preservação de áreas urbanas no Brasil 1937-1990**. Salvador/BA: Oiti Editora, 2014;

SANTOS, João Paulo Sandes Dias dos. **Anteprojeto arquitetônico do casarão José Lopes (vila Lilota) e sua reutilização como clínica escola de psicologia.** 2013. Trabalho Final de Graduação - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Centro Universitário CESMAC, Maceió, 2013;

SANTOS, Milton. O dinheiro e o território. In: SANTOS, Milton. **Território, territórios**: ensaios sobre o ordenamento territorial. 3. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2002. p. 14;

SANTOS, M. S. dos. (2020). **Lagoas Urbanas e a Cultura Local**: O Caso da Lagoa Mundaú em Maceió. Revista Brasileira de Geografia, 77(3), 51-68;

SMITHSON, Robert. **Entropy And The New Monuments.** 1966 In: FLAM, J. (ed.) The Collected Writings. Berkeley: University of Cali - fornia Press. 1996, p. 10-23;

SMITHSON, Robert. **Um Passeio pelos Monumentos de Passaic, Nova Jersey**. 1967. Trad. Agnaldo Farias In: Espaço & Debates v. 23, São Paulo, NERU, 2003. p. 121-129.

SOMEKH, Nadia. **Cidade, patrimônio, herança e inclusão.** Em busca de novos instrumentos. Arquitextos, São Paulo, ano 18, n. 211.00, Vitruvius, dez. 2017;

TICIANELI, Edberto. **História do asilo das órfãs desvalidas Nossa Senhora do Bom Conselho**. Alagoas. 2017. Disponível em: https://www.historiadealagoas.com.br/historia-do-asilo-das-orfas-desvalidas-nossasenhora-do-bom-conselho.html Acesso em: 17 fev. 2024;

_____. Bonifácio, **o Major da folia**. História De Alagoas, Maceió, 2015. Disponível em: https://www.historiadealagoas.com.br/bonifacio-o-major-da-folia.html. Acesso em: 25 jan. 2024.

_____. **Estrada de Bebedouro:** um dos primeiros caminhos para maceió. Um dos primeiros caminhos para Maceió. 2020. Disponível em: https://www.historiadealagoas.com.br/estradade-bebedouro-um-dos-primeiros-caminhos-para-maceio.html. Acesso em: 19 jan. 2024;

_____. **O Natal de Félix Lima Júnior em Bebedouro**. 2015. Disponível em: https://www.historiadealagoas.com.br/o-natal-defelix-lima-junior-em-bebedouro.html. Acesso em: 29 jan. 2024;

TRIBUNA HOJE. Vidas Afundadas – Uma tragédia Urbana. **Tribuna Hoje**, Maceió, 2023. Disponível em: https://tribunahoje.com/vidas-afundadas. Acesso em: 26 jun. 2024;

TUCCI, C. E. M. **Medidas de controle de enchentes em áreas urbanas**. In: Recursos Hídricos. Brasília: Ministério da Integração Nacional, 2001;

UNESCO. **Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural.** Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura, reunida. Paris, 1972. Disponível em: https://whc.unesco.org/archive/convention-pt.pdf. Acesso em: 05 set. 2024;

_____. **Recomendação para a Salvaguarda da Cultura Tradicional e Popular**. Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura reunida. Paris, 1989. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Recomendacao%20Paris%201989.pdf. Acesso em: 05 set. 2024;

VAINER, Carlos. **A violência como fator migratório**: Silêncios teóricos e evidências históricas. TRAVESSIA - revista do migrante, [S. l.], n. 25, p. 5–9, 1996. DOI: 10.48213/travessia.i25.566. Disponível em: https://travessia.emnuvens.com.br/travessia/article/view/566. Acesso em: 10 mar. 202;

VIEIRA, Ana. MACENA, Lelo. MALTA, Paulo. IMAGENS: veja como ficou trecho da laguna Mundaú após rompimento da mina 18. TNH1, 10 dez. 2023. Disponível em: https://www.tnh1.com.br/noticia/nid/imagens-veja-como-ficou-trecho-da-laguna-mundau-apos-rompimento-da-mina-18/. Acesso em: 08 fev. 2024;

VIEIRA, M. do C. **“Daqui só saio pó”**: conflitos urbanos e mobilização popular - a Salgema e o Pontal da Barra. Maceió: EDUFAL, 1997.

VIEIRA, Patricia Soares. **Fissurada**: cartografia de tensões através de imagens do bairro de Bebedouro em Maceió/AL. 2022. p. 211 f . Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2022;

ZHOURY, A.; et al. (Orgs.) **Mineração, Violências e Resistências** - Um Campo aberto à Produção de Conhecimento no Brasil. Marabá, PA: Iguana; ABA, 2018.

Santo Antônio Milagroso
Que o mar revolto acalmais
Escutai as nossas preces
Nosso canto escutai
Escutai as nossas preces
Nosso canto escutai

Modelo de Obediência
Querido no mundo inteiro
Bebedouro se ufana
De ter-vos por Padroeiro
Bebedouro se ufana
De ter-vos por Padroeiro
(Refrão)

Amante da vida oculta
E lírio da castidade
Fazei-nos simples e puros
Nos livrando da maldade
Fazei-nos simples e puros
Nos livrando da maldade

(Refrão)

Terno amigo da pobreza
Olhai sempre para nós
Para um dia lá nos céus
Estarmos junto a vós
Para um dia lá nos céus
Estarmos junto a vós

(Refrão)

Glorioso taumaturgo
Por Deus tão favorecido
Cobri de bênçãos e graças
O nosso bairro querido
Cobri de bênçãos e graças
O nosso bairro querido

(Refrão)

o sol há de brilhar mais uma vez!

Em cada lugar que nos abriga e nos define, há uma espécie de reciprocidade, como se fosse nosso dever proteger esses espaços de tudo o que possa desbotar sua essência. Assim, preservar o amor nesses lugares significa manter viva a experiência humana que os torna únicos, impedindo que se tornem cenários desprovidos de alma.